

ZÉ MARCOLINO

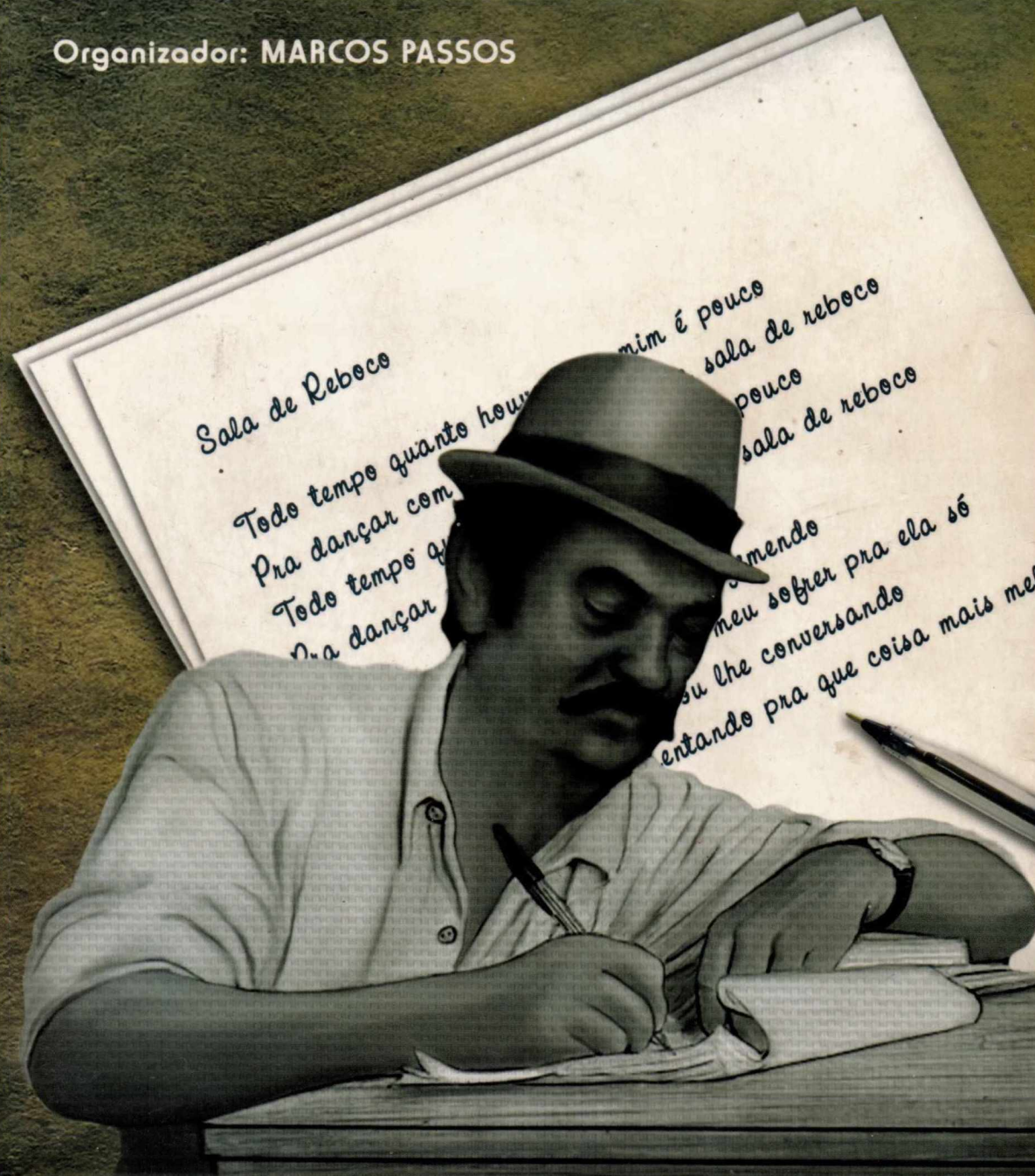
Conversas sem protocolo

Organizador: MARCOS PASSOS

José Marcolino começou como cantador repentista, mas foi a composição de canções que o tornou conhecido no Brasil inteiro, depois que Luiz Gonzaga começou a gravar suas composições. Zé Marcolino trouxe para a música regional o poder de observação dos cantadores de viola sobre a natureza com “Pássaro Carão”; a nostalgia das antigas fazendas mergulhadas na decadência, como “Cacimba Nova” e “Serrote Agudo”. Sua poesia encontrou caminhos musicais próprios, como tantas vezes acontece com aqueles que compõem cantando, letra e música brotando juntas como se tivessem sempre pertencido uma à outra.

Dos depoimentos reunidos aqui por Marcos Passos brota o retrato de um homem rude e carinhoso, trabalhador e apreciador da farra, um poeta que encarna como ninguém a região do Pajeú. Marcolino se dizia “parabucano”, e sua obra reflete a floração de poesia nessa “terra de todos” onde os dois Estados irmãos se misturam como leite e café. Nestes depoimentos, entrevistas, poemas, canções e homenagens brota sempre viva a imagem desse sertanejo (como ele próprio dizia) “com esta cabeleira grande, esse chapéu de cigano, esse bigode demasiado”.

Bráulio Tavares



Marcos Passos (Apresentador, declamador, escritor, produtor cultural) é natural de São José do Egito/PE.

É co-autor e organizador dos livros:

*NOS PASSOS DA POESIA (1999 – CEPE) e NUANCES D’ALMA (2010-Editora Coqueiro) ambos de autoria de sua mãe, a poetisa Beatriz Passos;

*PETRUS APOSTOLUS PRINCEPS APOSTOLORUM – UM MOTE SANTO E ALGUMAS SACRAS GLOSAS (2006-Edições Bagaço);

*AMORES PERFEITOS NA BEIRA DO MAR (2007-Edições Bagaço);

*ANTOLOGIA POÉTICA RETRATOS DO SERTÃO (2009-FacForm Gráfica);

*OBRA COMPILADA DE JOÃO BATISTA DE SIQUEIRA - CANCÃO (2013- – CEPE).

ZÉ MARCOLINO

Conversas sem protocolo

Organizador
Marcos Passos

Capa: Sérgio Gomes

Foto - Orelha: Nelcita Ferraz

Revisão: Meca Moreno e Marcos Passos

Diagramação: Gildson Alves

A474 Zé Marcolino : conversas sem protocolo / organizador: Marcos Passos ; prefácio José Paulo Cavalcanti Filho ; apresentação Dirceu Rabelo. – Recife : Ed. do Organizador, 2015.
256p. : il.

1. ALVES, JOSÉ MARCOLINO, 1930-1987 – BIOGRAFIA.
2. POESIA BRASILEIRA – PERNAMBUCO. 3. MÚSICA POPULAR BRASILEIRA – PERNAMBUCO. 4. COMPOSIÇÃO (MÚSICA). 5. ALVES, JOSÉ MARCOLINO, 1930-1987 – DEPOIMENTOS. I. Passos, Marcos. II. Cavalcanti Filho, José Paulo, 1948-. III. Rabelo, Dirceu, 1939-.

CDU 92ALVES, J.
CDD 920

PeR – BPE 15-221

ISBN: 978-85-7858-280-7

Impresso no Brasil 2015
Foi feito o depósito legal

Dedicatória

Ao Mestre Zé Marcolino,
Que nasceu predestinado
A compor musicalmente
O painel iluminado
Do 'sertão em carne e alma'
Com seu povo retratado.

A Dona Maria do Carmo, mulher guerreira
e serena, pela honra e prazer de tê-la conhecido.

Agradecimentos

À família do poeta Zé Marcolino, pela prestimosa atenção e apoio fundamentais à concretização desta obra.

Ao Deputado Waldemar Borges, à professora Núbia Torres, ao poeta e produtor cultural Alberto Oliveira, ao escritor e pesquisador Joselito Nunes e demais amigos, poetas e compositores, pela sua preciosa colaboração à feitura desta homenagem.

“Falar de coisas do passado é uma obrigação e compromisso com a lembrança, quando a gente se acha aferrado pelas esporas da saudade; quando o coração desembesta, recebendo o desagüamento das veias aceleradas pela enchente das emoções; quando se está a mastigar o tempo que, desapiedadamente se foi embora, deixando a doer o peito de quem ficou.”

- Zé Marcolino

SUMÁRIO

Dedicatória	5
Agradecimentos.....	7
Prefácio.....	13
Nota introdutória.....	15
Apresentação.....	17
DEPOIMENTOS	19
Zé Marcolino.....	20
Dona Maria do Carmo Alves	26
Bira Marcolino.....	39
Dona Jacinta Alves Maciel	44
Aleixo Leite Filho.....	47
Antonio Belo.....	49
Astier Basílio.....	52
Bia Marinho.....	53
Chico Arruda	55
Cristina Amaral.....	57
Ésio Rafael.....	58
Ésio Siqueira	59
Heleno Ramalho	61
Hugo de Siqueira Campos Araújo	65
José Soares da Silva.....	67
Joselito Nunes.....	68
Jurandy Ferreira Oliveira	72
Pedro Nunes Filho.....	73
Rinaldo Ferraz	76
Saulo Passos.....	78
Santanna, o cantador.....	82
Socorro Lira.....	84
Urbano J. C. Lima	86
Xico Bizerra.....	87
Zé de Cazuzá.....	88
ENTREVISTA E REPORTAGENS	91
Entrevista.....	92
Repentista paraibano canta o Novo Nordeste.....	95
Um gênio que a Paraíba pouco lembra	97
História de um poeta e da missa em sua homenagem.....	100

XX MISSA DO POETA	107
INTÉRPRETES E TRIBUTO A ZÉ MARCOLINO	119
Intérpretes	120
Tributo a Zé Marcolino	
José Itagibá Alves	121
Hilário Marinho / Zeto / Bia Marinho	122
Karoba Nenus	123
Gilmar Leite / Galvão Filho / Santanna, o Cantador.....	124
Maciel Melo.....	125
Júnior Vieira.....	126
Dedé Monteiro.....	127
Luís Homero Nunes	129
Manoel Filó.....	130
Gregório Filó.....	131
Vanilson de Souza Silva	131
Brás Ivan Costa Santos.....	132
José Mauro de Alencar	134
Diomedes Mariano.....	135
Zé Vicente da Paraíba	136
Wellington Vicente	138
Ivo Mascena Veras	139
Alberto Oliveira	143
João Paraibano / Sebastião Dias	143
ZÉ MARCOLINO, O POETA	146
HISTÓRIAS DE ZÉ MARCOLINO	153
MUSICOGRAFIA.....	167
Geral	169
Músicas do LP Sala de Reboco.....	230
FAMILIARES DO POETA	242
ICONOGRAFIA	245

PREFÁCIO

Somos dois brasis. Um por dentro do outro. Um sitiando o outro. Até semelhantes, nas aparências, mas no fundo bem diferentes. O dos que não comem por falta de comida e o dos que não comem dieteticamente, por excesso de lipídios e colesteróis. O dos que usam armas para assaltar e o dos que usam armas para não ser assaltados. O dos que sabem que são culpados e o dos que não sabem que são inocentes. Mas somos dois brasis divididos também em uma outra dimensão, espacial: um Brasil do primeiro mundo, mais próximo do mar, que fala inglês e vive entre viadutos e computadores; e outro arcaico, de nossos interiores, rude, perdido no tempo, periférico e insurgente, marcado pelas tradições e com valores mais arraigados, carente e não obstante grandioso. Zé Marcolino vem desse Brasil rural; e, em certo sentido, é mais um rosto como o de tantos iguais a ele.

Tentei refazer seus passos, conversando com amigos que foram seus amigos. Deles soube ter sido criado na fazenda de dona Santa, passando quase toda a vida em Prata, cidade do Cariri paraibano. Quem conhece o lugar até diz que a gente de lá não trabalha, não rouba, não pede esmola, mas nunca passa fome. Como é que pode? Não sei. Só sei que é assim, diria Chicó. No caso de Zé Marcolino, a frase ganha inclusive um verniz de veracidade. Por não se saber, com certeza, como ganhava a vida: tocava pandeiro, para uns; pegava no roçado, para outros; vivia de nada, segundo quem o conhecia bem. De brisa, talvez, como convém aos poetas. Miguel Torga até disse que, uma noite, “encheu o peito de ar ou de luar”. Mas todos garantem que era também um gênio, lá isso garantem. E que cantava suas músicas com uma voz grave e doce, acompa-

nhado pelos dedos na caixa de fósforos. Por fim declarando, para todos os fins de direito, que a seu jeito era feliz.

Marcolino começou na vida artística como repentista. Lembro palavras de Câmara Cascudo, “o cantador é a voz da multidão silenciosa, a presença do passado, o vestígio das emoções anteriores, a história sonora e humilde dos que não têm história”. Cantou bem, mas cantou pouco, infelizmente. Sobretudo para quem gosta das artes do repente. Ao contrário da boemia, que foi sua companhia inseparável por toda vida. E não mudou. Nem mesmo depois de ter roubado a mulher da casa dos pais, como inclusive confessa em *Sala de Reboco* – ao dizer que “Nosso amor pede mais fuga / Do que essa que nos dão”. E de ter criado tantos filhos, quase todos hoje formados e todos ilustres. Prêmio justo e merecido a quem, por toda vida, foi sempre reto. Em verdade ainda se diga que, sobretudo, há pelo menos duas verdades sobre as quais não pode qualquer dúvida: uma é seu talento de compositor, um dos maiores que já se viu nesse mundão de meu Deus; outra é a dimensão de seu coração, do tamanho do mar.

Por tudo que foi, e representa, Zé Marcolino se revela um personagem do seu mundo. Para sorte dele, e nossa, resgatado agora do esquecimento que condena tantos como ele. Pinto do Monteiro, maior cantador do século 20, morreu pobre, sem reconhecimento e reclamando da vida. Com Patativa do Assaré deu-se o mesmo. Só que, no caso de agora, será diferente. Mesmo tendo morrido cedo, em um acidente meio estúpido. No meio do caminho havia uma vaca – até poderia dizer, do acontecido, mestre Drummond. Sendo pelo menos irônico que um poeta do campo, como Zé Marcolino, tenha dado adeus à vida dentro de um carro – símbolo metálico de um Brasil primeiro-mundista, tão diferente do que carregava no peito. Mas se a carne vai, a obra fica; assim se tendo, nesse livro memorável, parte dela. Inclusive as dezoito músicas que fez para Luiz Gonzaga. Tudo cuidadosamente revivido por Marcos Passos, em uma espécie de quebra-cabeças feita por depoimentos, em que peças vão se encaixando, umas nas outras, conformando a figura enorme desse homem simples. Aqui está, pois, o poeta, agora posto em livro, comprovando que seu lugar é mesmo a eternidade.

José Paulo Cavalcanti Filho

NOTA INTRODUTÓRIA

Sítio Várzea, município de Sumé/PB, do Major Napoleão. Esse, o lugar que teve o privilégio de servir de berço a um dos maiores expoentes da música popular nordestina: O poeta *Zé Marcolino*, autor da célebre *Sala de Reboco* imortalizada na voz de Luiz Gonzaga, o ‘Rei do Baião’.

Após a feliz ideia do poeta Alberto Oliveira, incentivador e propagador da nossa cultura, de homenagear Zé Marcolino, aceitei o desafio de organizar este livro. Aqui, não se pretende mostrar todas as particularidades da obra de Marcolino, mas, sim, render homenagem ao caboclo “Parabucano”, dada a sua grandeza incomensurável.

Neste livro, como forma de expressar a “verdadeira língua do povo sertanejo”, nos afastamos propositadamente das leis ortográficas vigentes, tanto nos depoimentos e causos, como nas composições do poeta.

Para contribuirmos com a perpetuação da obra de Zé Marcolino, apresentamos depoimentos de amigos e admiradores, homenagens poéticas e musicais, reportagens, entrevista e iconografia.

Marcolino, além de grande poeta descritivo e espirituoso, foi um exímio contador das histórias do povo do seu lugar. Então, reservamos um capítulo para registrar a mestria com que ele divulgava a astúcia dos sertanejos.

Enfim, em se tratando do mestre de *Cacimba Nova*, não se poderia deixar de enaltecer o talento que o celebrizou: as suas magníficas composições. Assim, se não a sua musicografia completa, os admiradores de Zé Marcolino terão acesso a uma grande parte das letras desse baluarte que se confundia com o próprio sertão nordestino.

Zé Marcolino, o sertão.

Um talento por todos consagrado,
Sertanejo de canto soberano,
Que nasceu lá no chão paraibano
De Sumé, o lugar abençoado.

Nosso mestre, um artista iluminado,
Foi um vate de estro sobre-humano.
Quando Zé foi compor em outro plano,
O Nordeste chorou emocionado.

Numa casa de sala rebocada,
O forró, o baião e a toada
Decantou com fulgente inspiração...

Sua marca maior: simplicidade...
E imprudente pra nós é a saudade
Do poeta, sinônimo de sertão.

Marcos Passos

APRESENTAÇÃO

São decorridos já 28 anos do desaparecimento, tão-somente material, de Zé Marcolino, paraibano que se pernambucanizou, para regozijo de Pernambuco.

Já era tempo, porque o tempo conspira contra a lembrança, de se registrar em livro, com riqueza de informações, como agora se fez, a trajetória da vida e da obra daquele que, como poeta, compositor e contador de nossas histórias, tornou-se um dos maiores nomes da música popular nordestina.

Ninguém mais indicado para organizar um livro assim do que outro poeta, pajezeiro, como dizia Marcolino, e dotado de semelhante sensibilidade. Refiro-me ao jovem poeta Marcos Passos, natural de São José do Egito-PE, celeiro de poetas repentistas.

Com o acervo de documentos que reuniu (depoimentos dos familiares, de poetas, compositores, cantores, jornalistas e repórteres, inclusive do grande sacerdote idealizador da “Missa do Poeta”, todos da melhor qualificação); e com o cuidado de enfeixar também no volume a letra e o nome dos intérpretes das principais canções do homenageado, além de fotografias raras, Marcos Passos conseguiu fazer de *ZÉ MARCOLINO, CONVERSAS SEM PROTOCOLO* uma admirável biografia poética ilustrada, que vai enriquecer a biblioteca dos estudiosos do cancioneiro popular brasileiro.

Essas virtudes não escaparam à apreciação do ilustre prefaciador do livro.

Finalizo esta breve apresentação, em forma de verso:

Marcos Passos findando a louvação
Do saudoso poeta nordestino
Pedi a mim uma apresentação
Do livro de elogio a Marcolino.

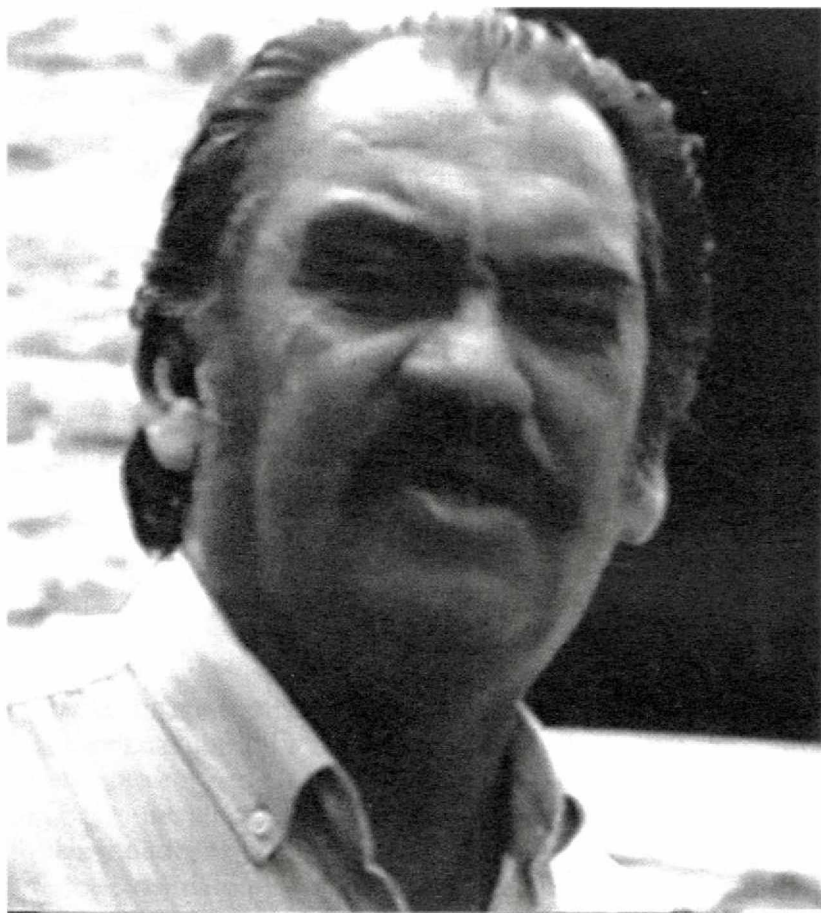
Para tanto senti-me pequenino
Mas não podendo lhe dizer um não
Fiz um soneto a quem merece um hino
Em seu louvor e em nome do sertão.

Para exaltar o bardo que animava
As tradicionais festas do povo
Quando tal como um pássaro cantava,

Tudo o que for escrito será pouco
Ante o brilho do gênio que morava
No menestrel da *Sala de Reboco*.

Dirceu Rabelo

DEPOIMENTOS



Zé Marcolino em Petrolândia/PE
(Acervo: Marcos Passos)

Zé Marcolino

“Muitas e muitas vezes, escrevi cartas a Luiz Gonzaga, o *Rei do Baião*, e nada de respostas. Quem muito me incentivava quando me ouvia cantar era Evandro Ramos, meu conterrâneo e amigo. Era ele quem fazia minhas cartas, pois eu achava que jamais iria ouvir uma música minha gravada pelo *Rei*.

Quando eu já tinha perdido as esperanças, numa madrugada em que tinha ido a Sumé, receber o dinheiro de um boi que eu havia vendido. Nessa mesma madrugada, eu sonhei que atirava num bicho e matava dois. Ao amanhecer, eu disse pra minha mulher:

- Hoje eu vou à procura de um negócio e vou realizar dois. E foi uma verdade. Fui a Sumé, recebi o dinheiro e encontrei-me com Luiz.

Chegando lá, dirigi-me ao hotelzinho para tomar café. Meu irmão e compadre Antônio Marcolino me aborda, espantado por saber do meu grande desejo, e diz:

- Luiz Gonzaga está aqui na cidade.

Imediatamente pergunto:

- Onde ele está hospedado?

Duas vozes responderam de uma só vez:

- No Grande Hotel.

Deixei o café e saí como um louco à procura do homem. Na porta do hotel, ali um pouco sem jeito, vi uns rapazes ajeitando uma ‘Marinete’ amarela, que fiz a suposição ser a do Luiz e os rapazes, seus acompanhantes. Entre eles havia um anãozinho, o Xaxado, a quem perguntei pelo Lua:

- Você sabe me dizer se o *Rei do Baião* está hospedado neste hotel? E Osvaldo, o anão de um coração tão grande, aquela figurinha

de Cachoeira de São Félix, olhou pra mim na ponta dos dedos dos pés e informou-me com a maior delicadeza:

- O Senhor pode esperar aqui, no pé desta escada, que ele já está descendo. Ele vai sair agora.

Com poucos minutos, lá vem descendo aquele moreno mal encarado, que conheci ser ele, mas fiz que não tava reconhecendo quem tantas vezes só tinha visto pelas fotografias e pelas capas de discos.

Aproximei-me e disse:

- O Senhor é que é seu Luiz Gonzaga?

- Sou, por quê?

- O Senhor nunca recebeu cartas de José Marcolino Alves, não?

- Sei não. Recebo muitas. O que era que diziam essas cartas?

- É porque eu tenho umas músicas de minha autoria, que acho que dão para o Senhor.

- É. O sertão é composto de gente inteligente. Mas..quem sabe se essas músicas prestam?

Diante daquele vozeirão áspero, caiu sobre mim uma tempestade de insegurança, um gelo tomando conta de mim, que me faziam dizer comigo mesmo: “Prestam não...”.

Mas ele fez ali uma pausa e disse:

- Depois eu posso lhe atender. Pediu licença e saiu.

Fiquei sem jeito. Saí tonto pela rua, ouvindo vozes de crítica pelo subconsciente. A cabeça martelando, refleti: “Será que é porque eu tenho esta cabeleira grande, este chapéu de cigano, este bigode demasiado? Talvez ele pense que eu sou algum desordeiro. Pensei então em pedir a alguém que me apresentasse como pessoa.

Haviam-me dito que durante aqueles dias de estada de Luiz naquela cidade, as pessoas mais ligadas a ele eram: José Farias, o prefeito, e o Juiz da Comarca. Saí direto à procura de Zé Farias, compadre do meu pai. Procurei-o para essa apresentação.

Ele me disse:

- O que é que você quer apresentar a Luiz Gonzaga?

- Um música, respondi-lhe. Eu já me apresentei a ele sozinho, no hotel e ele disse que depois me atenderia.

Zé Farias franziu o couro da testa, um pouco desanimado e disse:

- Mas é preciso ele julgar suas músicas, pra saber se prestam. Ele só grava músicas de compositores famosos. Agora mesmo ele gravou uma de Rosil Cavalcanti, arrastapé: FAZ FORÇA, ZÉ.

Com essa conversa me senti humilhado e achei que o Zé que precisava criar forças era eu. Sentindo-me ferido, disse:

- O Senhor não sabe o que é música, não. Apresente-lhe a minha pessoa e deixe a música comigo e ele.

Zé Farias, por ser uma pessoa temperamental, embora sendo, ao mesmo tempo sensível e gostador de servir, falou:

- Então venha depois que eu lhe apresento!

Saí com as orelhas pegando fogo e pensando comigo mesmo: “Não quero mais pedir apresentação a ninguém”.

Nesse momento de indecisões, encontrei-me com Viton Leite, também um chefe político e meu amigo que, ao me avistar, vai logo dizendo:

- Eu tava agora mesmo pensando em te fazer uma apresentação a Luiz Gonzaga, para ele te ouvir. Animou-me um pouco mais e reafirmou:

- Olha, doze horas me procura para eu te apresentar!

Eu já tava chateado, mas saí pela rua afora, quando me encontro com meu amigo Izaías de mestre Raimundo, da cidade de Ouro Velho/PB que, ao me avistar, ficou de venta acesa, dizendo:

- Já viste Luiz Gonzaga?

- Já e não quero vê-lo mais nunca, respondi.

- O rapaz, espantado: Já cantou pra ele ouvir?

- Não. Retruquei.

- Então você está mal informado. Aquela música *Pássaro Carão* é a sanfona de Luiz, Zé!

Acalmei-me, pensei comigo mesmo depois daquela injeção de ânimo e boa vontade dada pelo rapaz, meu amigo, e refleti: “É mesmo”... E combinei comigo mesmo: “Vou sozinho, agora, me reapresentar”. E saí diretamente para o hotel.

Fiquei na porta e, com poucos minutos, lá vem Luiz Acompanhado do Juiz da cidade, Dr. Amauri, meu amigo e compadre e Juiz corregedor na Paraíba. Também acompanhava o *Rei*, uma cantora que viajava com ele, Inalba, uma paulista. Aí, a coisa foi mudando de aspecto.

Luiz foi se aproximando de mim, dizendo:

- Eu prometi de lhe atender, não foi? Vamos entrar para eu lhe ouvir!

Sentamos ao redor da mesa. Ele, meio chateado com a aglomeração de pessoas que se aproximavam no momento, perguntou-me:

- O que é que você tem para me dar em música?

- Vou cantar-lhe uma que fiz em réplica a *Moxotó*, feita por Jackson do Pandeiro. Nesse meu xote, eu mostro as bravuras do Piancó, que fica no meu Estado, com as bravuras dos cabras de lá.

E comecei:

Você não pense Que é só no Moxotó
Que tem cabra extravagante,
Ele não está só.
Vou lhe provar
Que também no meu Estado
Tem sujeito viciado
Como tem no Piancó:
Se atirar pra burro brabo
E segurar no mocotó.

Terminei de cantar a música, ele fez um ar de riso e disse:

- Quantas músicas vai me dar para eu levar?.

Eu criei alma nova e respondi:

- Vou dar umas três.

Ajeitei-me, pigarreei e cantei *Pássaro Carão*:

Pássaro carão cantou,
Anum chorou também,
A chuva vem cair no meu sertão.
Vi um sinal, meu bem,
Que me animou também:
Ainda ontem, eu vi
Pólvora no chão.

Fiz da boca uma sanfona, balancei a introdução “bocalmente”, e o resultado foi de muita alegria. Luiz me abraçou, assanou meus cabelos e disse:

- Vou lhe levar para o Rio, comigo. Gostei de sua voz, de suas músicas; você vai gravar também. Passarei daqui a uns dois meses, para lhe apanhar.

Ouvi, então, uma voz forte que dizia:

- Cante *Serrote Agudo*, pra ele ouvir!

- Não! Aquilo foi uma toada que fiz pra um vaqueiro cantar nas vaquejadas, respondi.

- Quero ouvir, disse Luiz.

Cantei. Ele achou muito bonita, e deu muita sorte.

A pessoa que me mandara cantar *Serrote Agudo*, era Cassimiro Duarte, meu amigo e conterrâneo de Sumé.

À noite, ao chegar da viagem em casa, alegre por ver quase realizado meu sonho, embora triste por ter que ir para o Rio, ao cruzar os batentes daquela palhoça que abrigava já seis filhos, pois àquela época não tinha chegado ainda meu caçula, Itagibá, fui dizendo a minha mulher:

- Encontrei-me em Sumé com Luiz Gonzaga.

E quando eu disse que ele vinha me buscar dali a dois meses, minha filha mais velha, Maria de Fátima, caiu no choro. Anastácio, que já era taludinho, começou a choramingar. Que momento misto, de alegria e pranto!...

- Transcrito do seu livro

Cantadores, Prosas Sertanejas e Outras Conversas



Dona Maria do Carmo Alves.
(Acervo da família)

Dona Maria do Carmo Alves

Estivemos eu, Alberto Oliveira e o escritor João Lobato, na casa de Itagibá, filho mais novo de Marcolino, no Recife, quando conversamos com Dona Maria do Carmo. Entrevistei-a também na cidade de Serra Talhada/PE:

“Conheci o poeta!

Ele passava em frente à fazenda de meu pai, nos dias de sábado e domingo, quando ia tocar pandeiro nas festas com os sanfoneiros “Pedro Bentinho” e “Pedro Viana”. Quando ele voltava, na segunda-feira, eu ficava falando pra mim:

- Que rapaz tão lindo! E ficava esperando o dia em que ele passasse de novo...

Um dia, meu pai, Antônio dos Santos, convidou Zé pra vir cantar em casa... ele me chamou dizendo:

- Vem, Do Carmo, escutar!

Achei lindo e continuei com aquele rapaz na minha cabeça. Ele tinha os cabelos lindos, os dentes lindos... A voz dele era encantadora.

Fomos eu e meu pai a uma festa de casamento, no Sítio do Melo, que fica ao lado do sítio do meu pai, o Pio Nono, e lá estava ele. Quando me avistou, foi logo me chamando pra dançar.

- Eu não sei dançar, não!

Aí, ele falou:

- Eu ensino! Eu vou pedir ao seu pai.

- Ih, pai não deixa, não!

Mas, ele foi. Pai tava jogando sueca com um povo, lá.

Ele:

- Seu Antonio dos Santos me deixa dançar mais Do Carmo?

- Não, ela não vai. Ela não sabe, não!

- Eu ensino!

- Não! Não!

Mas ele veio e me chamou. Aí, começamos a dançar... Eu vim embora pra casa, cedo, e ele ficou por lá. Quando foi no outro dia de manhã, ele chegou lá em casa. O morador tava tirando o leite da vaca; pai foi pra porteira do curral e falou:

- Traz um copo pra Zé Marcolino tomar leite!

Aí eu mandei pelo menino. E ele, lá... Depois, foi embora. Na quarta-feira (a gente ia pra missa de mês em mês lá na Prata), eu fui e, quando cheguei à casa que meu pai tinha na rua, onde morava uma mulher que era parteira lá do povo do sítio de pai, Zé chegou e foi logo perguntando a ela:

- Do Carmo já veio?

- Já, mas já foi pra Igreja.

Ele foi embora. Aí, com pouco, ele veio de novo saber se eu tinha chegado. Era a festa de outubro e tinha uma orquestra tocando no clube. Eu fui e levei uma menina (Viviane), filha dum morador lá de casa, pra tocaiar se a mulher que morava na casa ia pra festa, porque se ela me visse lá com Zé, corria e ia dizer a pai. Eu mandei ‘Vivi’ ficar em pé, na porta.

- Olha, ‘Vivi’, tu fica aí, que se cumade Quitéria vier pro lado de cá, tu me avisa pra eu sair, quando eu ‘tiver’ dançando com Zé!

Ele tava dançando com uma namorada que tinha lá na Barra, ali, perto de Bonfim, que era daquele povo de Severino André. O nome dela era Nair. Quando ele me viu, soltou ela (tive pena da ‘bichinha’), que saiu chorando... Aí, eu fiquei por ali, dançando com Zé... Depois, ele me levou até em casa e ficamos namorando sem pai saber. Quando ele soube, quase ‘derruba o mundo’... Um dia, na Prata, Zé Marcolino chamou pai e disse que queria casar comigo. Ele não quis nem escutar... Zé disse a pai que só não casava se eu morresse ou se eu não quisesse. Quando foi de noite, pai chegou ‘cheio dos paus’ mais o morador, Seu Vital. Eu tava botando a janta. Quando eu terminei, pai me chamou. Eu me sentei perto dele, que me disse:

- Hoje, aquele filho de Pedro Marcolino me falou que queria casar com você. Ô minha filha, você quer casar com aquele ‘coisa’?

- Quero!

Pai ficou tão zangado que não me deixava sair mais pra canto nenhum. Eu passei uns três meses sem poder ir nem pra missa. Depois, ele deixou, mas não queria ouvir falar em Zé Marcolino. Então, Zé disse a cumpade Jacinto Dantas e a Birino, irmão da mulher de Seu Israel, que vinha me buscar lá em casa. Pai soube, encheu o rifle de bala e disse que ia matar Zé, se ele chegasse perto. E eu pensei: Meu Deus! Acontecer um negócio desses por causa de mim!... Eu vou embora, que é melhor. Aí, fui até a casa do morador de pai e falei:

- Olha cumpade Zé, eu queria que tu me botasse na casa de Seu Pedro Marcolino, que pai tá lá em casa, armado de rifle, dizendo que se Zé Marcolino aparecer pra me buscar, vai matá-lo.

Aí, cumpade Jacintinho ficou na Prata, a gente foi pra rua e, de lá, pra *Boi Velho*, hoje cidade de Ouro Velho. Lá, eu casei no Civil e, no mesmo dia, casamos na igreja. Quando a gente voltou, Zé queria passar lá em casa pra dizer que a gente tinha se casado. Eu não quis, porque achei que seria uma afronta... Disse que deixasse pra outra vez, que depois passava lá. Foi quando eu vim pro sítio Albertas, de João Marcolino, irmão de Zé, que ficava perto de Sumé. Depois de uns cinco ou seis meses, viemos pra casa de Seu Pedro Marcolino. Quinze dias depois, eu fui sozinha na casa de pai. Quando cheguei lá, ele tava sentado, perto da mesa. Eu pedi à bênção a ele, que só respondeu assim: 'çôe'!... Depois, eu fui de novo, trouxe uma lata de doce pra ele, que me perguntou:

- Onde você arranjou dinheiro pra comprar isso?...

Depois que eu vim embora, ele mandou dinheiro pela madrastra.

- Dá esse dinheiro a Do Carmo pra ela comprar uma sandália!

Pai, querendo se aproximar... Um dia, uma pessoa, que passou lá num canto, lá perto do sítio de Bernardo Ribinga, disse a Zé:

- Ô Marcolino, tão fazendo uma casa ali e eu tô achando que é pra vocês!

- Mas eu não vou...

Eu fiquei triste, porque ele disse que não ia, mas fiquei sabendo pela minha madrastra que a casa era pra gente, mesmo. Quando foi um dia de tardezinha (Zé tava fazendo uma mesinha pra gente, debaixo de um pé de aroeira), D. Zefinha, minha madrastra, chegou mais Zé dos Santos e disse:

- Eu vim aqui trazer a chave da casa que Antônio fez acolá, que é pra vocês.

- Eu não vou!

Aí, Seu Pedro Marcolino:

- Você vai! Pode se ajeitar, que você vai. O homem fazendo uma casa pra vocês e você não quer ir...

Ele ficou por ali, sem querer ir, mas depois aceitou. Aí, quando 'Fatinha' tava pra nascer, eu perguntei se Zé aceitava pai como padrinho da menina. Então, ele falou:

- É. Eu só não quero que ele enjeite, que se ele enjeitar, ele vai ver...

Quando pai recebeu o convite:

- Vou ser o padrinho, não!

Eu pensei comigo:

- Eita, meu Deus! E agora?

Só que ele foi para rua e comprou o enxoval da menina. Eu achei, então, que ele ia ser... Meu irmão José ficou todo animado, porque pai disse que não ia, mas mandava ele no seu lugar.

Quando foi na quarta-feira, no dia do batizado, pai foi pra rua, (se 'encheu' de cachaça, né?) depois chegou lá na igreja, procurando a menina. E quando as filhas de Pedro Nunes mostraram 'Fatinha', ele disse:

- Olhem minha neta como é linda! Vou ficar aqui, que eu vou ser padrinho dela (meu irmão saiu chorando da igreja, porque não ia mais ser o padrinho)!

Depois, acabou-se a intriga; pai não se importou mais com nada; era louco por 'Fatinha', Ave Maria!...



Zé Marcolino, o padre espanhol Jesus Garcia e amigos, escutando o Rei do baião, na igreja matriz de Serra Talhada/PE.
(Acervo: Karoba Nunes)

A VIAGEM COM LUIZ GONZAGA

Zé Marcolino tava na Prata, num dia de feira, quando soube que Luiz Gonzaga se encontrava na cidade de Sumé. Zé veio em casa me avisar e foi encontrar com ele. Quando voltou, disse:

- Eita, Do Carmo! No sábado, Luiz Gonzaga passa aqui pra me levar pro Rio de Janeiro.

Aí, nós ficamos, logo, todos tristes. Eu fiquei cuidando de seis filhos, que eu não tinha Itagibá ainda. Zé Paulo tava com apenas dois meses de idade. Então fui para o sítio Pio Nono com os meninos, onde passamos nove meses, morando numa casinha de taipa, pequenininha. Quando Zé chegou de viagem, mostrou o LP 'Véio Macho' de Luiz Gonzaga, que tinha logo seis músicas de Marcolino. O LP 'estourou' na praça, só que Zé era pra ter ganhado muito dinheiro naquele tempo...



Ruínas da Casa de Seu Antonio dos Santos
(Pai de Dona Maria do Carmo): Acervo da família

A VIDA NO SÍTIO PIO NONO:

A gente morou por mais de dez anos no Pio Nono. Plantamos muito, lucrámos com tanto feijão de arranca, milho, tanto jerimum, batata, todo mundo limpando mato - Zé Anastácio, preguiçoso pra limpar mato! ...

Com Bira e Walter (Zé Paulo era muito pequenininho), Zé fazia assim:

- Aquele pedaço de mato ali, se limparem, eu dou 'tanto'.

No fim, ele 'enrolava' os meninos, que tinham onze, doze anos. Anastácio tinha uns quatorze... Toda vida ele gostou muito de caçar... Tinha um espingardinha, que Zé comprou pra ele. Tácio falava assim:

- Papai, deixa eu ir caçar uns 'passarinzin' pra gente comer com feijão!

Aí, quando matava, ele enganchava no calçãozinho; vinha cheio de passarinho... A gente pelava, botava sal; botava no espeto... Oxente! Era um almoço maravilhoso!

Quando nós saímos do Pio Nono, fomos morar na Prata, que era para os meninos estudarem... Mas, nós ficamos trabalhando na nossa terra. Depois que eles chegavam da escola, levavam o almoço da gente para o sítio. Trabalhei muito; ajudei muito, Zé! Ele era preguiçoso... Também, no dia que ele botava pra trabalhar, trabalhava, mesmo...

Aquela música, *Sabiá*, nós tava limpando mato. Aí, tinha um passarinho, numa galhinha de capim. O vento vinha, o 'bichinho' subia e descia... Zé foi logo cantando; fez a música *Sabiá*... Zé era demais!...



Em Juazeiro da Bahia - 1976
(Acervo: Karoba Nunes)

EM JUAZEIRO DA BAHIA

A gente passou cinco anos na Prata. Foi quando Zé Moura, o poeta, foi lá em casa e pediu a Zé pra Anastácio ir trabalhar com ele em venda de peças de automóveis. E Tácio doido pra ir... Ele tinha dezesseis anos. Aí, Zé Moura viajou com ele... Com seis meses, mandou uma carta pra gente, dizendo que Anastácio já sabia de todas as peças dos automóveis; que já deixava Tácio sozinho, na loja! Depois, ele botou Anastácio pra ser gerente. Com um ano e dois meses, Tácio pediu à gente pra vender a terra, que lá era melhor do que a gente ficar se 'matando' de tanto trabalhar! Então, nós vendemos o sítio Pio Nono a Zé Rabelo e fomos pra Juazeiro da Bahia, em 1972.

Quando chegamos lá, Anastácio já tinha comprado um fogão, um ferro e um 'bocadinho' de coisas... O que a gente levou mais pra lá foram doze patos, dentro dum 'caçuaá'. Depois de um ano, Tácio comprou a parte de Dioclécio, irmão de Zé Moura e ficou sendo sócio dele. Depois, Zé Moura vendeu a parte dele a Anastácio, que ficou com tudo. Aí nós ficamos lá, com Tácio e os meninos estudando...

Depois, Anastácio disse que ia vender o carro, porque o negócio não tava mais dando certo e, em 1976, viemos morar aqui, em Serra Talhada. Eu fiquei recebendo o dinheiro do carro e Tácio foi estudar no Recife. Ele me deu um 'dinheirinho', pra eu pedir a Loiola (marido de Fátima) comprar um terreno. Com o dinheiro, compramos dois terrenos. Depois, a gente construiu uma casa aqui, em Serra. Zé ficou lá em Juazeiro por um tempo. Quando chegou aqui, ficou trabalhando num negócio de colchões de uns meninos do Recife (Augusto Granja e mais uns três ou quatro sócios). Aí, pronto! Ganhava o dinheirinho dele, que dava pra 'susentar' a gente...



Bronze do poeta, no local onde aconteceu o acidente, entre as cidades pernambucanas de Afogados da Ingazeira e Carnaíba.
(Acervo: Marcos Passos)

O ACIDENTE

A gente morava em Serra Talhada. Eu tive assim como um pesadelo, um pressentimento. Ele viajou numa quinta-feira de tardezinha. Eu disse:

- Zé, não vá não, pelo amor de Deus!...

- Vou, que eu quero ir lá onde tá cumade Duca e cumpade Zé de Cazuza e meu filho, que tá na Prata.

Era Bira. Eu disse que não dava certo não, que já tava anoitecendo. Ele dirigia ruim...

- Não, eu quero chegar a São Francisco, lá em cumade Duca. De fato, ele chegou lá e os meninos disseram:

- Chegou um carro ali, mãe. Aí cumade perguntou quem era.

E os meninos:

- Eita, é Zé Marcolino!

Aí correu tudo pra lá... Ele já chegou tarde. Cumade Duca disse que armou uma rede pra ele. Zé contou o casamento da gente do começo ao fim. E já vinha de Triunfo. Chegou lá, tinha uma menina da Prata, que mora lá, Tana, e ele contou o casamento todinho... Já pensou? Aí, quando Zé saiu (ela tinha um jardim, que ela vende flores), disse:

- Tana, minha veia (ele me chamava assim) gosta tanto dessas rosas... Me dá umas aí pra eu levar pra ela!

Ele chegou com aquele buquê de rosas, lindo!

- Olha, Do Carmo! Eu pedi a Tana e trouxe pra você... Agora eu vou lá pra rua e venho pra ir pra Prata.

Ele já tava meio 'quente', não sabe? Eu disse:

- Hômi, não vá hoje, não! Deixe pra ir amanhã!

- Não, eu quero ir hoje, que eu quero ver Bira.

O Fusquinha dele saiu e eu fiquei olhando, entregando a Deus, que acompanhasse ele. Aí, quando foi na sexta-feira, ele telefonou pra 'Fatinha' (ele tinha muito cuidado em casa) e perguntou se tava tudo bem. 'Fatinha':

- Tá, pai, só que eu sonhei que 'Tácio' tinha um acidente e quebrava as duas pernas...

- Ave Maria, minha filha!

- Venha devagar, pai!

- Não se preocupe, eu vou devagarzinho...

Quando chegou à Prata, pegou Bira. Bebeu em Ouro Velho, Tuparetama, São José do Egito... Em todo canto ele vinha bebendo. Bira pegou logo no sono, dentro do Fusca. Aí quando vinha de Afogados pra Serra Talhada, numa ladeira, havia um rapaz correndo atrás de uma vaca, que pegou o Fusca dele! Não deu tempo nem de frear... Aí, um rapaz que vinha numa caminhonete, quando viu o carro virado, disse:

- Eita! Vamos olhar quem foi!

Chegando lá, viram que era Zé. Então, levaram ele pra Afogados da Ingazeira... Bira ficou com o olho muito inchado e Zé ficou muito mal.

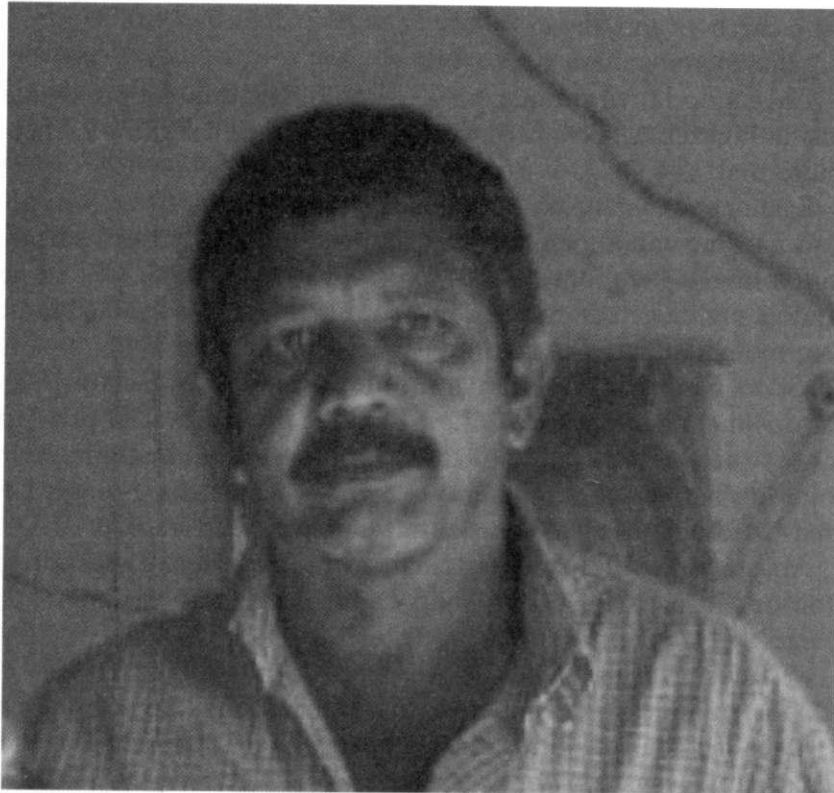
E eu naquela angústia... Aí, quando foi na sexta-feira... A minha casa não me cabia e eu com aquela coisa ruim... Fui pra calçada com a minha neta Iara, de seis anos, filha de Lúcia. Só era eu pedindo água da geladeira pra derramar em mim... Quando eu fiquei bem molhada, entrei e, quando peguei a toalha, que botei o pé na porta do banheiro, me chamaram no portão. 'Lucinha' foi lá e o pai dos meninos que socorreram Zé disse pra gente ir lá pra Afogados, que ele tinha batido o carro. Contou tudo a Lucinha. Aí eu voltei do banheiro, perguntei o que era. Lucinha disse que era só uma batidinha. Mas eu já sabia que ele tava muito mal...

Anastácio foi de Juazeiro da Bahia pra Afogados. Chegando lá, Doutor Nena já tinha feito todo recurso, mas não teve jeito. Aí, 'Tácio':

- Vamos levar papai para o Recife!

Mas, quando passavam em Vitória de Santo Antão, Zé faleceu.

Deus me deu sete filhos maravilhosos. E, com trinta e seis anos de casados, Jesus convidou meu velho pra cantar no céu! E, hoje, só restam saudades... ”.



Cantor e compositor Bira Marcolino
(Acervo: Marcos Passos)

“Eu tava na Prata. Fui resolver um negócio em Monteiro... Quando voltei, encontrei papai num bar, com um amigo da gente, batendo papo, contando histórias, bebendo umas cervejinhas... À noite (era uma sexta-feira), a gente foi pra São Francisco, na casa de Zé de Cazuzá. Dormimos por lá. De manhãzinha, ele me mandou pegar uma ‘trouxa’ de roupa, que Dona Duca tinha mandado uma mulher lavar. Quando eu entreguei a roupa, ela disse:

- Cumpade, deixe Bira ir levando o carro!

- Não, cumade, agora eu tô gostando muito de dirigir!

- Hômi, entregue esse carro a Bira! O cumpade bebeu, ontem, pode ‘tá’ nervoso!...

- Não, eu tô achando ‘bonzim’ dirigir..

Aí, quando chegamos a Prata, umas nove horas da manhã, ele foi a um posto telefônico, pra ligar pra casa, que ele era muito apegado a Iara, neta que criava pra saber se tava tudo bem...

- Pronto, meu filho, tá tudo em paz, vamos embora!

Passamos na cidade de Ouro Velho, num hotelzinho de uma senhora, tomamos um cafezinho e ele falou:

- Ô, Bira, vamos lá pra vaquejada que tá havendo aqui em Ouro Velho?

- O senhor é quem sabe...

Aí, ele olhou no bolso e viu que só tinha uma folha de cheque.

- Vamos não, que eu só tenho essa folha de cheque, aqui. Vamos s’imbora, que eu tenho um compromisso... Vou vender o carrinho...

Aí fomos pra São José do Egito, demos carona a uma senhora e mais uns quatro meninos pequenos (ele não gostava de botar muito peso no carro, mas pra servir aos outros, ele botava). Eu disse:

- O carro vai pesado!

- É bom, que ele fica macio...

Na rua da Baixa, em São José, Valdecir Arruda (padrinho de Itagibá) vinha chegando e pai foi logo dizendo:

- Cumpade, eu vim aqui vender o carro.

- Ô cumpade, vou precisar de você pra fazer um show, lá na minha fazenda! Eu vou lhe dar tanto (era mais do que o valor do carro).

- Eita cumpade, é até bom, que eu não vendo mais o carrinho!

Nós ficamos por lá, um tempinho, tomando umas cervejas. Foi quando chegaram os poetas Manoel Filó e Heleno Rafael. Conversaram um bocado por lá e, depois de um tempo, papai convidou os dois pra ir a Serra Talhada. Eles aceitaram.

Paramos em Brejinho de Tabira e lá, comemos galinha de capoeira e bebemos mais umas cervejinhas... Foi quando ia passando um velho com um saco na mão, a uma distancia, mais ou menos, de cem metros. Papai olhou pra Manoel e falou:

- Poeta, aquilo que vai ali dentro do saco é um fole e eu sei quem é aquele poeta.

Fazia uns trinta anos que papai tinha visto aquele homem! Chamou o velho e disse:

- Tire o fole do saco aí, poeta, e toque um pouco pra gente!

Era um fole, mesmo! Papai foi logo reconhecendo ele:

- E daquele chorinho bem gostosinho, que você cantava antigamente, tá lembrado?

Pai cantou um pedacinho... E o velho:

- Tu és Zé Marcolino!

Aí, pronto! Foi aquela farra...

Na viagem, quando papai dava uma 'carreirinha', Manoel Filó dizia:

- Poeta, vá mais devagar, que aqui vai uma carga de poesia!...

- É mesmo, poeta!...

Quando a gente passou em Tabira, pai falou que tinha uma vaquejada, lá. E chamou a gente pra tomar umas cervejinhas. Não tomamos nem uma cerveja toda. Chegou um bêbado abusando e

pai, zangado, se levantou, chamando a gente pra ir a Afogados da Ingazeira. Lá, pai disse:

- Vamos ali, num barzinho, que tem três 'cabocas' bonitas e elas gostam de olhar pra gente!

Chegando ao dito barzinho, só tinha uma mulher. Começamos a beber... E a 'caboca' olhando pra ele, ria, olhava pra mim e ria, pra Manoel e pra Heleno também. Aí papai, já com ciúmes, mesmo ser ter nada com a mulher, disse assim:

- Poetas vamos sair daqui, que isso é uma 'isca'!

Aí saímos pra ir a Serra... Quando a gente ia passando no posto, pertinho da ponte de Afogados, Manoel Filó:

- Poeta, eu esqueci que tenho de resolver um negócio em Arco-verde e não posso passar de hoje, não!

- É, poeta. Negócio é negócio...

- Pois é. A gente se encontra lá!

Aí, Manoel Filó e Heleno desceram, ali mesmo. Depois, eu só me lembro que chegamos mais ou menos até o meio da ponte. Daí pra lá, não me lembro de mais nada. Só sei que o acidente foi a uns cinco quilômetros de afogados.

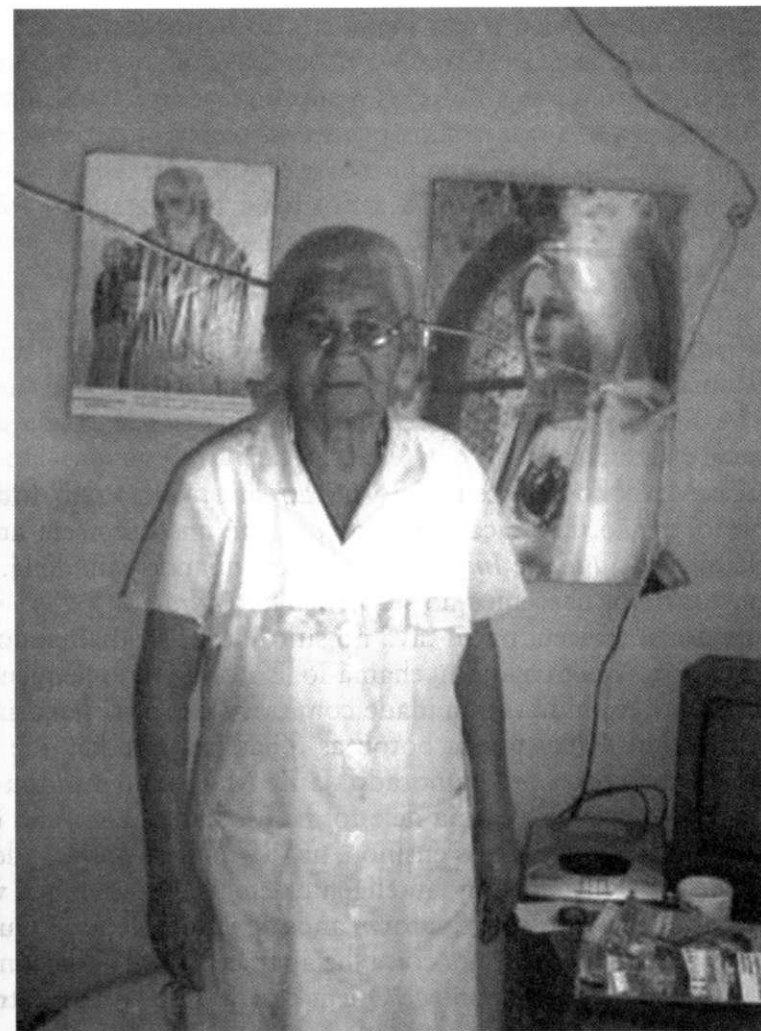
Do momento do acidente, quem socorreu a gente contou que vinha com uma caminhoneta cheia de mercadoria – pacotes de fumo – e viu que o fusca tentava desviar de uma novilha, sem conseguir. A novilha bateu mesmo do lado direito, do lugar que eu vinha; a pancada foi tão grande que estourou o para-brisa e decepou a novilha. Eu fiquei muito machucado, imprensado nas ferragens do carro; tiveram que rasgar minha roupa, pra me tirar de dentro. Papai não. Com o choque, o fusca abriu a porta em que ele ia e ele tava sem o cinto de segurança. Então, ele foi jogado pra fora do carro, batendo muito forte com a cabeça na pista. O 'caba' foi diminuindo a velocidade e, quando chegou lá, disse admirado:

- É Zé Marcolino!

Aí, ele descarregou o carro, jogou o fumo no aceiro da pista, botou a gente dentro do carro e levou pra Afogados. Quando nos tiraram da caminhonete, que me botaram no chão, eu me acordei desorientado, sem saber onde tava. Aí, colocaram a gente num quarto só. E eu só vendo papai jogar sangue pela boca, sem poder fazer nada... Eu lá, todo cheio de vidro pelas costas, por todo canto; as enfermeiras querendo-me 'consertar' primeiro e eu dizendo pra elas socorrerem papai... Foi que doutor Nena, um médico lá de

Serra Talhada, chegou e perguntou como é que botaram um filho perto do pai, numa situação daquelas. Aí, levaram papai pra outro quarto. Eu quase que não deixo as enfermeiras cuidarem de mim. Eu só queria ver como ele tava...

Depois, eu já acordei no hospital de Serra Talhada. Levaram papai pra Recife, mas ele morreu, quando passavam em Vitória de Santo Antão”.



Dona Jacinta Alves Maciel, irmã de Zé Marcolino
(Acervo: Marcos Passos)

Dona Jacinta Alves Maciel

Na cidade da Prata/PB, conversamos eu e Bira, com D. Jacinta Alves, uma das irmãs de Zé Marcolino, nascida em 24 de junho de 1924. Ela nos contou com detalhes, algumas passagens da vida do poeta:

“- Zé Marcolino nasceu e morou no sítio *Várzea*, do Major Napoleão, irmão de criação do meu pai, até uns dezessete anos. Aquela música *Saudade Imprudente* ele fez, quando saiu de lá. Eu e os outros filhos nascemos no sítio *Poço da Pedra*.

Quando ele nasceu, papai tava no sítio Jatobá, trabalhando. A velha Felipa foi quem mandou chamá-lo. E a gente tudo pequeno...

Zé nunca teve muita intimidade com trabalho, não. Foi criado muito mimado. Papai nunca botou as filhas pra estudar, que era pra ninguém escrever pra namorado. Já Zé Marcolino estudou em todo canto. A primeira escola dele foi na *Matarina*. Ele tinha uns doze anos. Foi Zé quem nos ensinou, na *Cartilha de Sarita*, a ler e a escrever. Ele era um menino inteligente demais. Fazia muitos versos em casa. Uma vez, com quatorze anos de idade, ele fez: “Quem se arrisca a matar caça/Muita coisa lhe aparece/Quem anda com fé em Deus/ Nada de mal acontece/Quem deseja o que é dos outros/ Perde o que tem e padece”.

Deixamos a casa velha e fomos morar numa casinha, na beira da estrada. Saímos de lá, porque pegou uma chuva muito grande; o açude arrombou e quase leva a casa. Depois, a gente veio embora pro sítio *Cachorro Morto*, onde passamos uns dez anos. Lá, Zé Marcolino só vivia tocando pandeiro... Foi quando fez aquela cantiga “Antigamente, meu roçado era um pandeiro/Eu compreí uma enxada Jacaré/Uma voz cochichou no meu ouvido/Pra eu não

viver só de pandeiro/-Isso não é vida pra homem/Deixa essa vida, José!...”.

Quando Do Carmo começou a namorar Zé Marcolino, Antonio dos Santos, o pai dela, que era rico e pensava que o Deus do mundo era dinheiro, começou a jurar Zé (O pai dela não queria, porque Zé era pobre, porque o roçado dele era um pandeiro). Aí, papai disse que se acontecesse alguma coisa, a ‘bagaceira’ iria ser grande. Papai era assim... Não tinha medo de besteira, não!

Sei que passaram alguns dias... Do Carmo, doida por Zé, foi mais Zé Batista e outro pra minha casa e falou que tinha fugido do pai, pra casar com Zé Marcolino.

Aí, papai chegou e disse:

- Zé Marcolino não está. Foi pra uma festa mais Pedro Bentinho. Mas pode ficar e esperá-lo aqui...

Quando Marcolino chegou, levou Do Carmo pra Ouro Velho. Lá, casaram no Civil e na Igreja. Quem levou os dois, de carro, foi Jacinto Dantas, uma pessoa muito boa e que eu admiro muito...”.



(Acervo: Karoba Nunes)

Aleixo Leite Filho

Escritor e folclorista

MORRE UM POETA!

A última vez que conversei com Zé Marcolino foi em julho do ano de 1987, em São José do Egito-PE, na semana da “Festa dos Universitários”, quando fui proferir uma palestra no Fórum daquela cidade, durante as comemorações do centenário do poeta cantador Antônio Marinho.

Ficamos, de início, num barzinho, momento em que ele, tamborilando na mesa, entre um gole e outro de cerveja, ia cantando suas mais recentes produções. Descontraidamente, abordamos vários assuntos ligados à poesia, à música e aos fatos mais recentes acontecidos naquela região.

Cantou, a meu pedido, *Rolinha Branca*, de sua autoria e de minha inteira predileção. Acompanhava-nos Lourival Batista Filho (Val), na residência de quem almoçamos. O papo continuou firme até quase três da tarde, ocasião em que o poeta compositor se dirigiu ao carro para viajar. Fazia muito tempo que não o via. Estava forte, melhorado de vida, e, apesar de cinquentão, disposto e cheio de projetos para o futuro. Quem diria, naquele instante, que, cerca de dois meses depois, receberia a notícia do seu falecimento, tragicamente acontecido em desastre automobilístico!?

De tudo quanto Marcolino fazia como exímio contador de causos e como crítico de música popular nordestina, o que mais me admirava era a maneira como improvisava suas composições, colocando, ao mesmo tempo, letra e música, repetindo-as quando

preciso fosse, sem esquecer o mínimo detalhe. Também, como a maioria dos compositores, criava uma música para colocar a letra depois e vice-versa, mas, tudo isso, sem se expressar em notas musicais. Muitas delas só eram passadas para o gravador, tempos depois. Preferia mentalizar e arquivar no cérebro, devido à confiança que depositava na sua privilegiada memória que a boemia nunca prejudicou. Costumava tratar a todos de poeta, com sua peculiar voz de barítono.

Entre suas melhores peças está uma que o Brasil inteiro canta: *Sala de Reboco*, interpretada por Luiz Gonzaga, o qual difundiu, do mesmo autor: *Serrote Agudo*, *Cacimba Nova* e *Pássaro Carão*, para não ter que citar dezenas delas, inseridas no cancionário nordestino. Sem egoísmo, gostava de elogiar o trabalho dos colegas de arte, mais precisamente Humberto Teixeira, Zé Dantas e Luiz Vieira.

Por pertencermos à mesma região sertaneja e vivermos lutando em campos diferentes, nossos encontros se constituíam em momentos de indizível prazer. Inteligente, perscrutador e atencioso, sabia como ninguém, enfeitar uma história.

Bom declamador e cantor que era, procurava impostar na voz a conotação exata do sentimento, associando o gesto à melodia e à expressão da mensagem. Quando cantava, se acompanhando ao violão, todos escutavam, em silêncio, como se fossem pássaros a ouvir o canto do Uirapuru.

MEU ENCONTRO COM O POETA

A primeira e única vez que me encontrei com o mestre Zé Marcolino foi na minha casa, em Olinda. Isso em 1980, se não me falha a memória. Era uma casa que ficava no Bairro do Varadouro, logo ali, pertinho do antigo Cine Duarte Coelho, vizinho da fábrica de gelo. Eu estava sozinho em casa, quando o amigo Raimundo Patriota chegou, acompanhado do poeta.

Após as apresentações de praxe, começamos a conversar, quando alguém chegou e bateu palmas. Fui atender e era um amigo, figura carimbadíssima em Olinda, podendo ser encontrado em todos os lugares da moda, que tinha ido fazer-me uma visita. Fiquei um pouco apreensivo, pois sabia que o Raimundo e ele não se falavam (parece que tinham namorado a mesma pessoa – em épocas diferentes, que fique bem claro!), daí...

Tratei de ser franco e direto e disse:

- Olha companheiro, estou com visitas e sei que você e o Raimundo não se dão muito bem, e gostaria que você voltasse outra hora, pois ele está acompanhado do Zé Marcolino e eu preciso dar-lhe toda a atenção que merece.

Apesar de ser uma pessoa bem informada, o meu amigo não conhecia direito o Zé, pois perguntou:

- É aquele da dupla Vavá e Marcolino?

- Não, é um que tem parcerias com Luiz Gonzaga (ainda não sabia que algumas dessas “parcerias” são apenas do Zé consigo mesmo, mas isso já é outra história...).

- Já sei, conheço aquela música que diz: “O caboclo Marcolino, tinha oito bois zebu... sem contar com mais uns “cobres” lá no fundo do baú...”.

- Olha amigo, essa música (Xanduzinha) não tem nada a ver com ele, não, pois pelo que eu sei, ele só tem mesmo é um monte de filhos, acho que são sete e não oito. Quanto ao baú, não sei se tem “cobres”, mas muita poesia eu sei que tem.

Após explicar mais ou menos o perfil do Zé, despedi-me dele e fui continuar a conversa lá dentro. Tinha uma garrafa de Pitu que trouxera de São José do Belmonte e era de rolha de cortiça, uma raridade, mesmo naquela época. Tomei umas duas “lapadas” e continuamos a conversa. Lá pelas “tantas” eu disse pro mestre que tinha certo ressentimento pelos poetas e músicos que nunca tinham feita uma homenagem à Sertânia, uma terra de poetas conhecidos e tal. Pois existia: “Forró de Limoeiro”, “Forró em Salgueiro”, Em Arcoverde, outras falando em Floresta, Campina Grande etc. E Sertânia, nada. Será que lá não tem poesia?

Perguntei-lhe se não poderia fazer essa homenagem a minha cidade. Ele respondeu:

-E você, poeta, por que não faz?

-Mas, mestre, eu nunca fiz poesia...

- Por que não tenta?

Depois disso, nos despedimos e ele foi embora com o Raimundo, pois tinha uns compromissos mais tarde. Trocamos um aperto de mão e fiquei pensando no que ele falara. Aí compus:

Forró em Sertânia

Fui fazer um forró em Sertânia,
Não encontrei poesia.
Culpa da modernidade?
Não encontrei argumento.

Quem tirou da cidade a autonomia?

Hoje só tem automóvel...

Não tem carro de boi,

Não tem mais jumento...

Tem o forró de Salgueiro,

Tem o de Caruaru,

O forró de Limoeiro

E o forró do Zé Tatu.

Na falta de poesia,

“Passei a noite,

Procurando tu.”

O Pinto morava lá,

Mas não era do Monteiro?

Zé Marcolino também se deu,

Mas de lá também não é...

Restamos você e eu

Pra fazer o arrasta-pé.

Astier Basílio

Poeta e jornalista

Bia Marinho

Cantora e compositora

José Marcolino é um grande referencial da cultura nordestina e brasileira. Pela minha convivência com Orlando Tejo, que durou anos e de muita intensidade, na época em que eu era solteiro e ele residia no Recife, passávamos horas, movidos a cachimbo - eu fumava por tabela- e café.

Nunca íamos dormir antes da meia noite e sempre conversávamos. Um dos assuntos preferidos de Tejo era falar do amigo José Marcolino. De sua genialidade. Tejo contava que Marcolino compunha letra e melodia, como um repentista, no ato, no arranjo do momento. Disse que, quando compunha, os seus olhos se cruzavam num transe, ele começava a batucar com os dedos e em poucos minutos uma pequena obra-prima era gestada.

Uma poesia lírica, pura, um retrato sem retoques da alma sertaneja e nordestina. Um artista cuja memória todos nós temos o dever e a obrigação de reverenciar como um patrimônio.

Marcolino, para os outros. Para mim sempre foi Bacuí. Foi assim que o chamei na minha linguagem infantil e ele nunca aceitou que eu o chamasse de outra forma. Essa figura presente em minha vida, em minha família, na casa de meus pais, presença em nossa mesa onde, depois das refeições, sempre nos contava nova piada e nos mostrava uma nova música, acompanhado sempre pela sua inseparável caixa de fósforos. Marcolino cantava a nova cantiga e perguntava: - Ficou boa, Dona Helena? Minha mãe respondia com um sorriso e ele abria outro sorriso e dizia: - Já posso mostrar ao mundo. Dona Helena gostou.

Foi assim que cresci, em meio a grandes nomes da nossa cultura e grandes mestres da nossa poesia (Manoel Xudu, Pinto do Monteiro, Job Patriota, Zé Marcolino, Patativa do Assaré e tantos outros). Nossa casa era frequentada por eles, e eles em casa se sentiam devido à forma como meus pais os recebiam e acarinhavam suas presenças em nosso lar.

Marcolino foi uma das presenças mais marcantes em minha vida, devido ao nosso convívio maior, pois visitava-nos quase que semanalmente. Ele contava que se sentia muito bem quando, às vezes, depois de algumas farras, meu pai o trazia pra casa e dava-lhe a ordem de tomar um banho, comer e depois ir dormir, cuidando dele como um pai cuida de um filho. E depois, com os papéis de alguma forma se invertendo, foi a vez de ele tratar a filharada de Louro como filhos seus. E eu digo com muito orgulho e sem medo de errar que, dentre os oito lá de casa, eu era a mais querida por ele.

Quando me descobri como intérprete, Marcolino foi uma das pessoas que mais me incentivaram, querendo inclusive, numa época, me apresentar a uma gravadora de São Paulo, que estava à procura de uma voz feminina brejeira. Os primeiros festivais que ganhei foram defendendo obras de Zé Marcolino, como *Estrada* e *Pedra de Amolar*.

Em 1989, a música *Estrada* deu título ao meu primeiro LP quando, juntamente com Zeto, fiz uma homenagem ao poeta. Uma coisa que me deixava muito ancha era quando Marcolino, na sua modéstia, me escutava cantar *Estrada* e dizia: - Essa música fica tão bonita na voz de Beatinha, que eu penso até que não é minha! Foi dessa forma maravilhosa que convivi com o poeta, de maneira muito carinhosa, muito respeitosa e muito feliz.

Marcolino foi e continua sendo uma grande influência no que eu tento mostrar através do meu canto. Ele é uma ausência muito sentida na vida pessoal e artística.

Que ele esteja com Deus! Sua saudade está com a gente.

Um cheiro grande, Bacuí!

Beatinha.

O GÊNIO ZÉ MARCOLINO

Que outra palavra poderei usar para descrever Marcolino se não “Gênio”?

Homem simples, de palavra fácil, tirava de onde não tinha. Tinha a capacidade de dizer em poucas palavras o que a gente queria, muito inspirados, dizer em algumas horas.

Prendia como ninguém a atenção das pessoas, quando contava suas histórias e seus causos.

Quem teria a ideia de fazer uma música tão linda, defendendo uma simples *Estrada* ou uma *Pedra de amolar*?

Quando queria, Zé cantava de improviso, como qualquer repentista, qualquer tema que lhe fosse dado.

Quantos momentos inesquecíveis passamos no *Recanto do Beija-flor*, de propriedade do Dr. Jarbas Guimarães! Ouvíamos aquelas suas “palestras” tão cheias de romantismo, sempre enaltecendo esse pedaço do Brasil que ele tanto amava, o sertão!

Zé Marcolino foi tão grande que, mesmo depois de morto, deitado no seu caixão, inspirou outro grande poeta, Luís Homero Nunes, que, vendo suas mãos postas, cruzadas, glosou esta obra prima com o mote do poeta Sebastião Dias:

“Foi dotado de grande inspiração
Decantando poemas nordestinos.
Era simples igual qualquer menino
Defendendo a cultura do sertão,
Pois cantou a rolinha e carão
E o barro pisado das latadas.
Quando olhei suas mãos postas cruzadas,
Vi os dias do mês que ele falou.
A estrada matou quem já cantou
O mais belo poema da estrada”.

Abraços a todos os amigos e fãs do grande poeta Marcolino
que, como eles, jamais o esquecerei .

Cristina Amaral
Cantora

Falar sobre Zé Marcolino é falar de poesia, de sentimento, de sertão, dos costumes e da cultura de um povo.

Conheci o poeta em Sertânia, quando o mesmo me procurou para fazer uma gravação. Daí em diante, ficamos amigos e ele passou a frequentar minha casa, fez amizade com meu pai, criando desde então um laço fraterno com minha família.

A sua genialidade nos impressionava, pois a sua forma de falar do cotidiano do “matuto sertanejo” era a mais pura tradução da vida dessa gente. Zé Marcolino tinha a capacidade de transformar dor em arte.

Ficaram gravadas para sempre as lembranças de seus versos, suas músicas, dos momentos felizes em vários encontros poéticos regados ao som do violão do sertaniense Chico Arruda.

Ô que *saudade imprudente!*

Ésio Rafael
Poeta e pesquisador

Zé Marcolino representou em vida, a condensação marcante de elementos históricos que formaram a personalidade do homem cultural nordestino: poeta, compositor, contador de histórias. Observador dos tipos mais expressivos que dão vida às “Cidades Invisíveis”. Com o seu “olhar de ponta de faca”, não se sabia exatamente quando ele falava sério, ou exalava uma fina ironia.

A música foi a alternativa mais plausível, maneira mais simples escolhida pelo poeta para expressar sentimentos e complicitades de uma terra árida, formada de cactos, pássaros e homens. A herança poético/musical deixada por ele, deu bastante fôlego aos poetas e compositores de hoje, mesmo que estes não o tenham conhecido, nem convivido com o mestre. Detentor de um vozeirão de timbre grave e característico, Marcolino deu origem a expressão: POETA! Válida para toda e qualquer pessoa que lhe cruzasse o caminho. Isso veio a se constituir em uma saudação oficial, hoje, não só exercitada pela maioria dos poetas sertanejos, mas extensiva às metrópoles dos Estados de Pernambuco e Paraíba, especialmente.

Os clássicos da música nordestina: - *Sala de Reboco*; *Cacimba Nova*; *Serrote Agudo*, gravados por Luiz Gonzaga e outros compositores, dignificam a nossa música, como de resto, garantem a imortalidade de Zé Marcolino.

Dezoito músicas gravadas por Luiz Gonzaga além de muitas outras inéditas, compõem o acervo da família do poeta. Músicas que Zé Marcolino as interpretava se fazendo acompanhar por uma caixa de fósforos.

Ésio Siqueira
Poeta e professor

FORRÓ CHEIRO DO POVO

Cheguei ao Recife em 1970 e senti muito a falta de vibração por parte do recifense com relação às festas juninas. São João e São Pedro eram comemorados timidamente e, quando queríamos matar a saudade de nosso sertão, procurávamos algum arraial no grande Recife, principalmente em Aldeia ou alguma chácara em Paulista, Igarassu, ou outra cidade da região metropolitana. Os grandes nomes da música regional migravam para o Sul e forró na capital praticamente não existia.

Aos poucos, o Recife ia tomando gosto pelo forró, talvez devido ao aumento da migração de sertanejos, agrestinos e o pessoal da zona da mata, que vinham estudar e trabalhar no grande centro. Pude sentir isso na pele, pois vim estudar e trabalhar no Recife sendo o pioneiro da família a morar na Capital. Em seguida, vieram os pais e os irmãos e hoje formamos uma grande família de sertanejos e descendentes com raízes fincadas no Pajeú e no Cariri paraibano.

Gradativamente, o forró ia esquentando na capital e por volta de 1980 surgiu em Olinda, mais precisamente no Clube Atlântico, o *Forró Cheiro do Povo*. As sextas-feiras eram, durante toda semana, aguardadas com ansiedade pelos aficionados do forró, ou por que não dizer, os boêmios do forró? Parecia até que o Recife se transportava para Olinda naquelas noites inesquecíveis, num clima de muita alegria e muita dança. A fina flor da sociedade prestigiava aquele clube que trazia para a cidade grande o clima festeiro do interior. Existia certa filtragem na entrada e muita segurança.

O preço do ingresso era considerado por muitos como “salgado”. Essa era uma das formas de evitar a popularização desenfreada, ou seja, frear a entrada de pessoas socialmente indesejáveis.

Naquela época, as bebidas mais consumidas eram a cerveja e a “cuba livre” (rum, limão e coca-cola) e os tira-gostos eram variados. A decoração lembrava o interior. Foi nesse tempo que Jorge de Altinho, talvez o primeiro grande nome do forró da capital, colocou metais no forró sem sair da linha pé-de-serra. Era, invariavelmente, casa cheia nas sextas-feiras. Aí sim, começaram a desfilar nos palcos daquela casa, nomes que chegavam com muita força como Elba Ramalho, Zé Ramalho, Alceu Valença, Geraldinho Azevedo, Nando Cordel, Novinho da Paraíba. Aí vinham também os mais tradicionais, Luiz Gonzaga, Marinês e sua gente, Dominginhos, Trio Nordestino, Genival Lacerda e figuras carimbadas como grandes compositores, como era o caso de Zé Marcolino.

O poeta fazia daquele ambiente a própria *Sala de Reboco* e cantava suas melhores composições, muito bem acompanhado pelos melhores forrozeiros da época. Zé Marcolino sempre era uma atração, quando dava o seu show naquele maravilhoso salão. Sempre descontraído e um pouco desajeitado, Marcolino fazia a festa e a gente tinha a sensação que ele parecia estar no céu, pois destilava uma alegria que contagiava a todos...

Como eu era um frequentador assíduo daquela casa de espetaculoso forró, tive o privilégio de dançar o xote, o baião, o xaxado, ouvindo e vibrando com aqueles admiráveis artistas. Tudo tem começo e fim e certo dia o *Forró Cheiro do Povo* fechou suas portas, mas, com certeza, abriu alas para o forró da capital. Logo em seguida tivemos o *Forró da Torre*, que ficava próximo à Igreja da Torre. Esse forró marcou época também e durou por algum tempo. Depois veio o famoso *Cavalo Dourado*, no Prado, que consolidou o verdadeiro pé-de-serra na capital sem se falar também no grandioso forró no Náutico que era muitíssimo frequentado.

Tendo o *Forró Cheiro do Povo* como pioneiro, o recifense e toda região metropolitana tem sido beneficiada com autênticos forrós pé-de-serra, não somente nas casas especializadas como também nos clubes onde, em qualquer festa, as orquestras tocam obrigatoriamente o forró. Zé Marcolino, com suas belíssimas composições, teve presença marcante nessas casas citadas e colaborou muito para a consolidação do forró na capital.

Heleno Ramalho
Jornalista e compositor

ZÉ MARCOLINO, O DERRADEIRO BAIÃO DE NOSSAS BRENHAS.

Era uma época em que o tempo passava devagar e havia noites enluaradas também no coração da gente. Lembro ainda de um verão sertanejo, assim. Acredito que estávamos em 1961. Terminava a aula no Ginásio Pajeú quando o piscar das lâmpadas avisava que ia apagar as luzes geradas a motor. Então, descia para suas casas aquele bando de jovens, uns por aqui, outros por ali, ordenadamente. Uma noite, quando passei pelo centro da cidade -Tabira, numa daquelas estreladas que somente havia no Sertão, estava feita aquela roda de gente. E com os livros debaixo do braço, eu me aproximei. Tinha aquele homem na penumbra da noite, batendo numa caixa de fósforos e cantando. Era ouvido atentamente, sem alarde. Aquele que ali estava era conhecido como Zé Marcolino, o poeta, vim a saber. E desfilavam, pela sua voz, se não me falha a memória, *Numa Sala de Reboco*, *Cacimba Nova*, *Pedra de Amolar*, *Serrote Agudo* e outras canções de sua autoria que depois foram imortalizadas por Luiz Gonzaga, o maior dos luers de um estado de espírito e de um chão que a gente ainda chama Sertão.

O tempo passava devagar. Já me achava no Recife, com todas as dificuldades de um jovem nascido nas brenhas e que nunca havia saído do seu torrão. Mesmo assim não esquecia de ouvir os baiões do poeta, que já alcançavam vários rincões brasileiros, quando o lixo cultural ainda não dominava por inteiro as cantigas da gente; quando os grupos de distração pornô, chamadas de bandas de

fórró, ainda não lotavam as praças, patrocinadas às vezes com dinheiro público, e também não enchiam as prateleiras das lojas de discos. O resíduo musical que nos mandaram naquela época e que assolou as cidades foi chamado de Jovem Guarda, quando as musiquetas renderam muito dinheiro, embora reconheçamos que eram melhores do que as musiquetas de hoje. Depois foi meu tempo o Velho Diário, assim carinhosamente chamado, quando era bom Jornal e traduzia bons costumes do povo e sentimentos culturais nativos, em um Recife poético. E ali eu estava e convivia com pessoas que sabiam juntar as letras e emendar as palavras em sua Redação, ao mesmo tempo em que valorizavam nossa tradição. Selênio Homem, Gildson Oliveira, Wilde Portela, onde vocês estão?

Lembro ainda daquele elepê de Zé Marcolino, acompanhado pelo Quinteto Violado (Sala de Reboco), se me ajuda a memória lançado em 1983, numa festinha no Bar Savoy, com a presença de muita gente, inclusive de José Ramos, que era o maior do Bandepe e também sertanejo de Araripina, e deve ter patrocinado os comes-e-bebes. Naquela euforia toda, de gente quase estranha, mas interessada em nossa cultura, Zé Marcolino, meio-resguardado num canto de parede, disse-me algo assim: poeta, gosto mesmo é de estar com meu povo lá no Interior.

O certo é que por essas coincidências do destino, Zé Marcolino surgia para o Brasil em 1962, mesmo ano em que falecia Zé Dantas. Sempre digo que Luiz Gonzaga, apesar de toda a sua importância, não pode ser analisado sem a presença de três compositores: Humberto Teixeira, Zé Dantas e Zé Marcolino. Há muitos outros valorosos, com páginas célebres de nosso cancionário, mas esses sintetizam toda uma paisagem que podia ser vista em qualquer lugar do Sertão.

Zé Marcolino foi o derradeiro baião de nossas brenhas. É esse baião de compasso binário, andamento quase ralentado e melodia quase sempre nostálgica, que traduz o romantismo do campo. Esse baião é nosso e surgiu no interior nordestino, embora com influência dos cânticos religiosos e até medievos dos nossos ancestrais colonizadores, sendo *Asa-Branca* um exemplo. Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, nos dá notícia desse baião: “Encourados de novo, seguem para os sambas e cateretês ruidosos, os solteiros, famanazes no desafio, sobraçando os machetes, que vibram no

choradinho ou baião (grifo nosso), e os casados levando de toda a obrigação, a família”. Machete é instrumento de origem portuguesa, maior do que o cavaquinho e menor do que a viola. Só para lembrar: o nosso Homero, como assim foi considerado o autor, relatou a Campanha de Canudos, para o jornal O Estado de São Paulo, em 1897, quando Antônio Conselheiro foi o nosso Príamo, de barbas longas e esqualido, que reinava, místico, em nossa Tróia nordestina de barro.

Era um samba desses, com sanfona, zabumba e triângulo, o suficiente para mostrar nossos ritmos mais antigos nas noitadas festivas do Sertão, como cheguei a presenciar, quando pequeno rapaz, em Barra de Tavares (hoje Juru), Paraíba, terra dos avós paternos. Foi o baião, com certeza mais ajeitado e até certo ponto urbanizado, que surgiu em disco como ritmo em 1946, com Quatro Ases e um Curinga; em 1949 (?), gravado por Luiz Gonzaga (Baião, autoria com Humberto Teixeira) e depois reafirmado por Zé Dantas em *A Dança da Moda*. Vamos desaguar, então, nos anos 60, em Zé Marcolino, com tantas páginas célebres como *Cacimba Nova* e *Saudade Imprudente*.

De certo tempo pra cá, com raras exceções musicais, os xoteiros tomaram conta do hoje tantas vezes popularesco e desvirtuado fórró. Numa festa de ritmos (fórró)- que surgiu da redução do vocábulo forrobodó – às vezes só se toca xote. Quase sempre um disco de “fórró” (entre aspas, e o povo engole como autêntico) só tem xote e lambada de cima a baixo; e o que é pior: invocando Luiz Gonzaga. Já conheci músico que contesta, mas fórró também é ritmo, com andamento muito mais apressado do que o baião, para que a dança tenha mais evolução e sensualidade; sem esquecer também que apressaram tanto o xote que, praticamente, esse ritmo, que era dança de salão e adaptou-se e incorporou-se a nossa cultura, parece mais um cavalo desembestado. A mesma coisa estão fazendo com o frevo. Hoje, na realidade, são raros os compositores que realmente conhecem o campo; e nessas brenhas se falava linguajar fincado em um português arcaico e na língua geral (tupi) falada no Brasil costeiro, que já desapareceu com a morte dos mais velhos e que servia e ainda serve de achincalhe para os considerados pracionos. Sim, senhor, dixe era tempo do verbo dizer; e pranta ou planta era emprego correto pela alternância consonantal de L e R, em voga na época...

Hugo de Siqueira Campos Araújo

Músico e compositor

O xote (do alemão Schottische), segundo Câmara Cascudo, surgiu no Brasil no período da Regência e dominou no Segundo Império, e cita o Visconde do Rio Branco: “A shottische é uma melodia alemã, cheia de cadência e de graça – como se fora feita para caráter e gosto dos brasileiros”. Guardando sua denominação escocesa, alcançou o baile público em 1851, “derramando-se popularmente pela capital do Império”. Esse registro é apenas para mostrar que o xote não nasceu no interior nordestino, como muita gente boa pensa.

O baião, sim, é quase certo ser o resultado de alguma mistura de cantiga religiosa e profana para se cantar o rural, os costumes campestres, como já o fizeram os gregos em música e em poesia, sendo a *Ilíada* de Homero um exemplo. E o baião surgiu pelo interior nordestino, trazendo também em seu bojo a saudade ibérica dos nossos colonizadores, que subiram pelo rio São Francisco e adentraram paragens margeando as ribeiras dos nativos tapuias, entre as quais o rio Pajeú - sagrado e feiticeiro para os índios – e o rio Moxotó, no sertão pernambucano. E foi no baião que Zé Marcolino tornou-se grandiosa expressão. *Cacimba Nova* tem em seu final aquele aboio de um dolente arabesco, evocando uma saudade que vem de muito longe. Esse baião, que dominou grande parte de nossa história musical, desapareceu do cotidiano; era música do homem da roça e retratava os costumes e sentimentos da raça sertaneja, hoje em extinção, combatida, praticamente sem memória, refletindo apenas a decadência daqueles anos de atrás em um Brasil rural. O urbano das grandes cidades engoliu o interior das pequenas regiões; e esses pequenos lugares interioranos estão engolindo o que resta de bonito nos nossos sítios.

Ao entender que o sertão é mais estado de espírito do que uma delimitação geográfica, relembro, com saudade, de uma paisagem rural, aquele tempo de ginásio, no sítio Aroeira, onde nasci e vivia. Hoje, por lá, quase não se vê mais pelas estradas galo-decampina, salta-caminho (o famoso *jesus-meu-deus*), rolinha, maria-fita, beija-flor e borboletas passando pra lá e pra cá naqueles caminhos, onde o mato ainda tem fulô. Mas, num desses dias de volta, andando por entre jurema-preta e marmeleiro, vi pólvora no chão, um sinal de bom inverno; mas não escutei um pássaro-carão. Então, aí me lembrei muito de Zé Marcolino, o derradeiro baião de nossas brenhas.

Falar de Zé Marcolino é de uma responsabilidade muito grande e, ao mesmo tempo, uma honra e um prazer poder tecer alguns comentários a respeito desse gênio.

Sou filho do Maestro Francisquinho, criador da famosa Orquestra Marajoara, lá da cidade de Sertânia nos idos dos anos 1960, que foi amigo de Marcolino.

Já naquela época, eu, na minha juventude, participante da orquestra, admirador da música dos cantadores e poetas, tive a oportunidade de conhecer Marcolino e o privilégio de participar, junto com um grande amigo nosso, o exímio violonista Chico Arruda, também amigo e admirador do poeta, em algumas farras antológicas realizadas na mansão do empresário Jarbas Guimarães, onde varávamos a noite.

Zé Marcolino, com sua voz marcante e característica, nos deliciava com sua arte de versejar, recitar, contar histórias e cantar as suas composições. Com seu chapéu e seu bigode, sua simplicidade e humildade, marcou a nossa juventude e conseguiu cativar a todos. Era nosso ídolo...

De uma memória invejável, criativo, espirituoso e sisudo, foi um poeta e compositor que deixou uma obra imortal, muitas composições ainda inéditas. Com todo respeito, a música do Nordeste, com o baião e o xote, tem um divisor de águas, dois períodos: um antes de Zé Marcolino e outro depois.

Zé Marcolino, um poeta de inspiração profunda, que compunha suas letras com sentimento, relatando o dia a dia, e contando as histórias da vida no sertão, associando a isso uma melodia primorosa que enchia os nossos ouvidos, digna de um grande mestre.

Zé Marcolino, um parabucano que, ao se encantar, deixou uma lacuna difícil de ser preenchida no cenário musical nordestino e brasileiro,

Na minha simples ousadia eu diria assim:

Poeta Zé Marcolino
Paraibano nasceu,
Bem vizinho a Pernambuco
Essa terra em que viveu;
Hoje, no céu, faz poesia;
Marcolino não morreu!

José Soares da Silva
Poeta e advogado

Na minha juventude, eu ia constantemente às festas populares neste sertão do Pajeú. A animação ficava por conta dos grupos de forró-pé-de-serra, onde o cantor era, geralmente, o pandeirista.

Foi quando eu tive a atenção voltada para um caboclo chamado Zé Marcolino. Ele distraía a atenção dos ouvintes com seu jeito poético de conversar e cantar as músicas que compunha.

Nas suas canções o poeta usava muito o nome dos pássaros do nosso sertão – O sabiá, o pássaro carão, o vem-vem... Ocasão em que decantou a beleza da sua musa, que tinha o “andar faceiro de rolinha branca que sai catando pedrinhas no chão”.

Além das composições de cunho popular e do seu amor pelos passarinhos, Marcolino escreveu músicas de caráter social, a exemplo de *Pedra de Amolar e Estrada*.

Entre as várias homenagens a Marcolino, estão o “Arraial Zé Marcolino” em Monteiro-PB e as diversas músicas e poemas em alusão ao nosso grande menestrel.

A minha amizade com o poeta aumentou quando eu participava como coordenador de campanhas políticas e, muitas vezes, o palanque era animado pela presença do “Parabucano” José Marcolino Alves.

Foi assim que eu conheci o poeta compositor, passando a admirá-lo pelo seu jeito singular de compor, cantar e contar histórias, além de ser um grande imitador e observador da natureza.

Joselito Nunes,
Pesquisador e escritor

POETA, CHEGUEI...

Recorro às lembranças remotas para falar do Marcolino que conheci de perto.

Isso foi lá pelos anos 1950, quando eu andava lá pela casa dos dez anos.

O lugar era o Mugiqui, a fazenda do meu pai, onde a minha irmã mais velha, que era muito festeira, organizava “sambas” de baixo de um grande cajueiro que ficava entre a nossa casa e a de um morador, um negão chamado Duão.

Acho que foi por ali, que eu e meu companheiro Agenor, ambos da mesma idade, vimos pela primeira vez o poeta, que na época ainda trabalhava na agricultura com o seu pai e irmãos. Nos fins de semana, ele acompanhava o sanfoneiro Pedro Bentinho, cantando e tocando pandeiro.

As músicas, não eram necessariamente, xotes e baiões, mas também, sambas que já eram sucessos nos poucos rádios existentes na região.

O poeta, alto e um tanto desleixado no andar, mantinha uma vasta cabeleira, que lembrava o grande Castro Alves.

A sua voz era profunda e suave e mesmo sem sabermos ao certo quem era, impressionava a dois matutinhos que na casa de Duão escutavam abestalhados àqueles artistas do povo, que entre uma e outra “lapada” de cachaça, falavam de coisas que não entendíamos.

Certamente eram “conversas sem protocolo e de fácil vocabulário”, como iria compor mais tarde o já famoso Zé Marcolino.

Desse dia de festa, restou pra nós, eu e Agenor, filho de um morador do Mugiqui, e meu fiel escudeiro, uma história, no mínimo inusitada.

Cansados de ouvir as conversas na casa de Duão, eu e meu amigo decidimos voltar pro cajueiro e esperar a festa que começaria logo mais no início da tarde daquele sábado.

Chegando ao local da festa, já encontramos tudo rigorosamente arrumado: uma mesa forrada, com os instrumentos em cima, o bottequim com todas as bebidas e copos, o chão varrido para a dança e um detalhe:

Ninguém no local, todos na casa do negão que ficava a algumas braças de distância, certamente participando daquele momento tão raro, na companhia daqueles artistas.

Sozinhos no cajueiro, o que fizemos eu e o meu companheiro Agenor?

Fomos, é claro, mexer nos instrumentos.

Agenor deu de garra do pandeiro e eu peguei o cavaquinho, tudo ali, inclusive até a sanfona dando a maior sopa.

Brabos feito índios, nós dois, nascidos naquelas brenhas, na verdade nunca tínhamos visto instrumentos tão de perto.

Desajeitado e com coordenação motora precária, segurei o cavaquinho contra o peito e quando inventei de tocar, a palheta escorregou pra dentro do instrumento.

Bem que eu ainda tentei retirar aquela coisinha pequena, mas meus dedos não iam além das duras cordas de aço, bem esticadas e afinadas.

Desesperado, só me vinha na cabeça uma ideia: não haveria mais festa e a culpa seria toda minha.

Passei o cavaquinho pra Agenor, que ainda tentou inutilmente e tomou uma sábia decisão:

- Vamo embora pra casa!

Sáímos dali, “voando”, perdemos a grande festa, dei uma desculpa qualquer pra minha mãe, por voltar tão cedo e o pior: deixamos de juntar as tampinhas de cerveja e guaraná, como também as carteiras vazias de cigarros com que fazíamos notas de dinheiro.

Voltamos lá no dia seguinte, onde só os vestígios da grande festa nos aguardava. As tampinhas e as “notas” de cigarro, já tinham sido colhidas por outros meninos com mais sorte que nós.

Vim reencontrar Marcolino algum tempo depois, já cantarolando as suas primeiras composições, encostado em algum balcão de cedro das bodegas que frequentava na Prata.

A música *Rolinha branca* já era sucesso nas noites geladas da Prata, na voz de Toinho Cavalo Velho, o seu maior fã na cidade.

Marcolino foi, sem dúvida, um dos poetas e compositores que mais se arrimou de elementos da natureza na composição do seu belo e pungente trabalho musical.

Cacimba Nova, Serrote Agudo, Matuto Aperreado, Marimbondo e Pássaro Carão são, dentre outras muitas, exemplos desse aproveitamento. Em *Pássaro Carão*, a frase “ainda ontem eu vi, pólvora no chão” me deixou curioso:

Que pólvora seria essa de que falava o poeta?

Não houve tempo pra desfazer a dúvida com o autor do verso. Primeiro foram os desencontros, depois a sua partida antes do combinado.

Conversando um dia com o pesquisador recifense Urbano Lima, amigo de Marcolino, este me explicou que a tal pólvora eram mosquitinhos microscópicos, que se juntam aos milhares, ora no chão, ora em pequenas poças d’água que as primeiras chuvas do inverno deixam na caatinga e que constituem no imaginário da matutada uma das “experiências” de bom e promissor inverno.

Pouco “escolado”, como a maioria da sua geração, o poeta se valia com assombrosa espontaneidade desses recursos para tecer a sua duradoura e fabulosa obra poética.

Saudade Imprudente foi um hino sertanejo, cristalizado na voz do gigante Dominguinhos.

Sala de Reboco, na voz de Gonzaga, vive ainda hoje na boca do povo com a sua magnífica simplicidade.

Ouso dizer que no período da chamada “Jovem Guarda”, foram as canções de Marcolino que mantiveram a resistência de Gonzaga e o seu baião, contra aquele que na minha visão foi um movimento idiota, composto por versões imbecis de músicas estrangeiras e alguns simpatizantes igualmente idiotas, entre os quais estava eu.

A Prata, minha e de Marcolino, sofreu as metamorfoses, decorrentes de um processo natural de decomposição da cultura de raiz, que a TV ajudou a disseminar.

As bodegas não sobreviveram, as serenatas nas suas noites geladas são, hoje, notas perdidas na memória de uns poucos.

Toinho Cavalo Velho, o primeiro intérprete do poeta, largou a serenata pela palavra do Senhor, trocou o velho e fanhoso violão por uma bíblia que conduz debaixo do braço, pelas mesmas ruas em que cantava *Rolinha Branca*...

Tudo isso foi depois que o poeta partiu.

Hordas dos chamados “agro boys” invadiram os sertões e literais com aberrações sonoras, que priorizam a pornografia e o desrespeito pela mulher, comportamento que na visão do poeta Écio Rafael já se enquadra também numa questão de saúde pública.

Felizmente, Marcolino foi poupado de testemunhar tamanha aberração.

Melhor pra ele que, lá do céu, nos ampara com o legado que nos deixou aqui na terra.

Se alguém descesse um dia de “lá de cima”, certamente confirmaria essa passagem:

Marcolino chega ao céu, bota a sua maleta no chão, pendura o paletó num armador, se vira pro Criador e diz:

Poeta, cheguei...

Jurandy Ferreira Oliveira
Vereador Danda de Sumé

José Marcolino, fonte lírica da cultura folclórica nordestina; profundo conhecedor da vida e dos costumes do nosso matuto.

Na Música Popular Brasileira, não apenas um canoro mensageiro de prosas e gorjeios sertanejos, mas o próprio sertão...

Em sua figura alegre e espirituosa, chegava mesmo a sentir o sabor da carne seca assada na brasa, o cheiro ardido do velho bode pai de chiqueiro, ruminando livre no oitão da morada.

Tinha em seus versos toda a beleza da invernada e toda melancolia da estiagem. Ele era o pouso alegre do pássaro carão e o canto alegre de uma rolinha branca, no ramo desfolhado da jurema preta.

José Marcolino era, enfim, a nuvem morena que, ordenada com as primeiras trovoadas, derrama-se generosa sobre o panorama sertanejo, sulcando a terra, enchendo os riachos, matando a sede, abrindo a flor e lavando os pecados do sertanejo nordestino.

Pedro Nunes Filho
Escritor e pesquisador

MÚSICO, COMPOSITOR, POETA E PASSARINHO.

Alto, magro, cabelos lisos, pretos, repartidos ao meio, olhos grandes, bigode espesso, com pontas longas e torcidas, voz grave de mercador das Índias, alma de poeta. Por trás de sua aparência de sertanejo humilde, um incrível talento musical.

Casado, família numerosa, não dispunha de meios para prover o sustento dos filhos e educá-los. Na luta para arranjar o pão de cada dia, em vão tentava agarrar-se às oportunidades minguadas que o meio pobre lhe oferecia. Imerso no ambiente rural primitivo que lhe serviu de inspiração, alma sensível de artista, não apresentava a mínima vocação para os labores árduos da agricultura braçal, muito menos, para ser vaqueiro e entregar-se à vida de campo. Sem emprego formal, conseguia sobreviver, Deus sabe como, no povoado da Prata, Cariri paraibano, onde os filhos cursavam as primeiras letras e ele, entregue ao ócio compulsório e criativo, compunha, para ninguém, letras e músicas que, por sua qualidade, serão eternas.

Corria a década de 1960, anos desafiadores para o Nordeste agrário, região que precisava crescer economicamente, mas estava ainda totalmente presa às amarras do atraso e do subdesenvolvimento.

Sobreviver num lugarejo atrasado – para quem nada tinha, a não ser talento – tudo faltava, sobretudo reconhecimento e visibilidade, exatamente o que um artista pobre mais necessita para se projetar e alçar vôo.

Na época, eu era seminarista e costumava ir à Prata, onde meus irmãos mais novos estudavam. Lá, encontrava Zé Marcolino, ora como locutor da difusora municipal, ora conversando nos bares, lugar de boemia, mas, ao mesmo tempo, lugar de encontros entre amigos e espaço de criatividade.

Zé tinha plena consciência de seu talento, mas vivia num meio tão atrasado, que não encontrava ninguém capaz de valorizar suas produções e reconhecer nele o artista talentoso que era. Toda vez que me via, tinha sempre uma composição nova para me mostrar, cada uma melhor que a outra. Lembro-me bem de um dia em que – receoso do olho perseguidor da Ditadura – me chamou reservadamente, sentou-se a meu lado na calçada da igreja e, extraindo ritmo de uma caixa de fósforos, cantou baixinho *Pedra de Amolar*, um música bem quentinha que acabara de fazer. Explicou que se tratava de uma crítica ao regime militar.

Isso mostra que, mesmo convivendo num ambiente paralisado e sem informações, Marcolino não era um alienado politicamente. Os gênios são assim: enxergam longe, possuem espírito crítico, conseguem transcender.

Estudante, a única coisa que podia fazer era ouvir suas músicas e elogiá-las, para que continuasse a dar asas a seu grande talento, ainda escondido aos olhos do mundo. Quem sabe, um dia, com as graças de Deus seria descoberto...

Convivendo com pessoas tão singulares, aos poucos, fui me inserindo numa relação de interculturalidade, uma verdadeira interação piagetiana, onde a aprendizagem se dava na troca de saberes. Ao mesmo tempo em que dava minha contribuição cultural, recebia em dobro, apesar de nenhum daqueles poetas populares que me cercavam à procura de novidades terem ido além das primeiras letras. Como eram dotados de uma extraordinária capacidade de observação da vida e do mundo, conseguiam adquirir cultura e letramento na convivência com o povo, percorrendo os caminhos tortuosos da vida. Daí, a riqueza de conteúdo, a plasticidade da linguagem e a encantadora harmonia dos ritmos de suas composições.

Sem ser poeta, estimulado por Cazuzza Nunes, comecei a escrever versos. O mestre gostou. Bastava eu chegar do Seminário, ele encostava querendo ouvir o que eu havia escrito e, naturalmente, mostrar-me suas produções, já que era um poeta solitário e pou-

co valorizado em sua própria casa. Como predominava ainda a tradição da oralidade, nada se escrevia, tudo era dito verbalmente. Quem tinha boa memória decorava, quem não tinha findava esquecendo o que criava. Foi o meu caso. Escrevi muitos versos que encantaram meu crítico e professor de métrica, na época, já septuagenário, Cazuzza Nunes. Inda bem que não escrevi nada e esqueci tudo. Faltava-me o talento e a originalidade daqueles que, andando de alpercatas de rabicho, nunca se contaminaram com a cultura esnobe dos meios acadêmicos. Recordo apenas três versos singelos de muitas estrofes que na minha adolescência havia escrito sobre os encantos do mundo rural. Uma delas terminava assim:

.....
Prefiro estar com um caboco
Numa sala de reboco
Que no luxo da cidade!

Quando ouviu isso, Marcolino olhou para mim admirado, franziu a testa, ficou alguns minutos, pensativo e foi embora. Sem repetir nada do que eu havia criado – a não ser o tema **sala de reboco** – dias depois apareceu com a magnífica composição *Sala de Reboco*, termo cunhado por mim na década de 1960. Reconheço que o termo só se popularizou graças à genialidade de Marcolino, um poeta-compositor extraordinariamente talentoso e original.

Depois de amargar tanta pobreza na Prata, um dia chegou a vez de Zé mostrar ao mundo sua arte. Mal despontava para o sucesso, o destino o tolheu, perdendo a música nordestina um compositor da estatura de Humberto Teixeira e Zé Dantas. Os três deram uma contribuição tão valiosa à música nordestina, que jamais serão esquecidos.

Rinaldo Ferraz

Advogado e empresário

Não tive a honra e o prazer de conhecer pessoalmente o poeta Zé Marcolino, que considero um dos maiores compositores da nossa autêntica música, o forró pé-de-serra.

Quando o ‘Sala de Reboco’ estava surgindo, e ainda não estava batizado, era apelidado pelos poucos frequentadores de “Bomba Chiando”, pois a maioria que por ali passava era da família Ferraz, como eu, aí já sabe...

Como sempre apostei na ideia da Casa, precisava de um nome que lembrasse nosso sertão, as festas de forró (ou sambas de latada), os namoros escondidos, etc. SALA DE REBOCO, este seria o nome!

Certo dia, observando as paisagens pintadas pelo artista plástico Karoba Nunes, natural de Serra Talhada, terra que deu guarida ao “poeta”, tive tal inspiração para batizar a Casa como SALA DE REBOCO. Caiu como uma luva! De quebra, ainda homenageei um poeta de quem sou fã.

Aí, através de Karoba e do também poeta Anchieta Dali, fui a Caruaru conhecer dona Fátima Marcolino, ou Fatinha, como é carinhosamente chamada a filha de Zé Marcolino. Um amor de pessoa. Ficou bastante emocionada com a homenagem que fizemos ao seu pai. Recebi dela, além de um vasto material sobre a vida do “poeta”, era assim que Zé tratava a todos, um LP de Zé Marcolino com a seguinte dedicatória:

“Estou emocionada pela homenagem! Tenho certeza, que nessa “Sala de Reboco” tenho um espaço para aliviar minha “Saudade Imprudente” do meu pai”.

De lá pra cá nos tornamos amigos. Ajudei com patrocínio e participei pessoalmente de duas das missas que acontecem todos os anos

em homenagem à Marcolino, na cidade de Tabira-PE. Foi aí que conheci os demais componentes desta família. Tomei umas e outras com Bira, Walter e mais um lote de parentes do poeta, ao lado da Igreja de Tabira, onde acontecem as missas para homenageá-lo.

Bira já se apresentou no “Sala de Reboco” duas vezes, sempre acompanhado do amigo e grande forrozeiro Assisão. Ano passado, estiveram em meu aniversário, que sempre comemoro em Gravatá. Aliás, esta festa deixou de ser meramente meu aniversário, e se transformou em “confraternização de forrozeiros”. Fátima Marcolino também aceitou o convite, aproveitando para matar as saudades do irmão Bira, que reside atualmente em Serra Talhada. Ela me agradeceu bastante a oportunidade que estava sendo dada a seu irmão Bira, que tem o timbre de voz idêntico ao do pai.

Finalizando, acredito que a “Sala de Reboco” venha, sem falsa modéstia, contribuir bastante com a divulgação da obra desse grande poeta, pois hoje até já me considero amigo da família, da qual tenho grande admiração. Até mesmo a banda que se apresenta em nossa Casa chama-se “Quinteto Sala de Reboco”.

Saulo Passos

Poeta e advogado

Conheci Zé Marcolino, lá pelos idos de 1960, apresentando-se como compositor de Luiz Gonzaga nas cidades do interior nordestino. Nesse tempo, ele já se consagrara como artista.

Quando jovem, foi pandeirista do sanfoneiro Pedro Bentinho, época em que compôs vários sambas a exemplo de “Semelhança”, que foi um sucesso nos “sambas de latada” de então. Observe-se que, segundo o próprio poeta Marcolino, as festas, naquela época, eram chamadas de Samba. Só se chamava Forró quando a festa não havia cumprido o esperado, a festa não fora boa. Zé tocava violão para o consumo e isso o ajudava nas suas composições. Antes, porém, quis ser violeiro repentista, mas como ele mesmo dizia: “Eu só quero se for pra ser bom”, anteviu, todavia, que seu desejo não seria alcançado e abandonou, definitivamente, a ideia, iniciando-se na composição dos referidos sambas, que foram suas primeiras inserções no ambiente musical.

Nasceu na Paraíba, mas tinha um apego enorme por Pernambuco, em especial pela região do Pajeú onde sempre fora festejado. Devido à sua poesia, onde aportava, trazia alegria. E era um deleite ouvi-lo apesar de, à primeira vista, haver certa resistência em razão de sua aparência: moreno do cabelo liso, bigode de mexicano, estrabismo acentuado em um dos olhos, a voz mais parecia o ribombar de um trovão, na verdade, toda indumentária de uma pessoa rebelde. No andamento de suas conversas, aos poucos, aquela figura de aspecto indócil ia desaparecendo, dando lugar a outra que era o seu verdadeiro espírito de poeta; uma criança que gostava de fazer os outros rirem e se divertirem no paraíso de suas fantasias caboclas que hipnotizavam o ouvinte, conduzindo-o aos mais dulcídios lugares e às sendas mais belas de suas narrações carrega-

das de imagens pitorescas, assentadas num vocabulário simples e apreciável, que a todos impressionava, proporcionando agradáveis emoções à alma de quem o escutava.

Zé era a própria festa: declamador, cantor, instrumentista, poeta, repentista, arremedava as pessoas para fazer graça. Não fumava, mas era de costume conduzir uma caixa de fósforos de madeira, marca Argos, que era para fazer o ritmo enquanto interpretava suas canções. Sentia-se bem em fazer alguém sorrir e tinha um modo simples e carinhoso de abordar as pessoas: tratava todos por “Poeta”.

Por esse tempo o baião estava no auge e, com ele, o seu maior intérprete, o seu *Rei*, Luiz Gonzaga. Mas “quem era aquele sujeito que cantava as coisas do nosso povo, chegando a provocar arrepios?” Essas indagações eram feitas naquela mente fértil de Zé que, segundo suas próprias observações, o sertanejo fala ritmado e metrificado em versos de sete sílabas e “aquele sujeito” falava igualzinho a nossa gente. Tempos mais tarde, Zé soube que “aquele sujeito” e sua voz eram puros sertanejos e tinham um nome: Luiz Gonzaga.

Marcolino ficou se roendo por dentro, pois tinha a certeza que nunca poderia chegar até o *Rei* para apresentar suas composições, próprias daquele estilo tão gostoso de ouvir. As oportunidades eram escassas devido às condições financeiras, além disso, sua timidez era outro obstáculo que impediria qualquer aproximação com um artista daquela dimensão, especialmente, para apresentar umas músicas matutas que talvez ele sequer as ouvisse. A natureza de vez em quando dá uma mãozinha. Suas forças costumam, às vezes, conspirar para que se unam as duas metades, talvez outrora separadas. Foi assim que, num dia de feira na cidade de Sumé-PB, Zé soube, por intermédio de um amigo, que Luiz Gonzaga estava ali de passagem e se encontrava no único hotel da cidade. Sua timidez não lhe permitiu ir ao encontro do *Rei*, mas seu amigo o conduziu à presença do sanfoneiro do mundo.

Zé nunca esquecera aquele momento. Nem poderia. A razão se perdia, acuada pelo amontoado de emoções que balançavam corpo e alma daquele caboclo humilde e grande. Quando a febre passou, Luiz chamou-o a uma mesa do hotel, a essas alturas, entupido de gente daquela que seria uma feira, e pediu-lhe que apresentasse algumas de suas composições. Zé cantou *Pedido a São*

João, *Pássaro Carão*... E o Rei sorrindo com o olhar. Em dado momento, ouviu-se uma voz no meio da multidão: - Ô Zé, “sorfeja” *Serrote Agudo* “mode” Seu Luiz escutar! Era um dos ouvintes lhe sugerindo que cantasse *Serrote Agudo*. Zé não quis dar ouvidos, mas Gonzaga tinha um faro musical incomum e insistiu que ele satisfizesse o pedido. Quando o último pé de verso Marcolino acabou de cantar, o olhar risonho do Rei, agora, tremia sob o balanço cristalino das lágrimas. Aquilo foi uma punhalada no seu passado. Aquilo turvou seu olhar para deixar transparecer toda emoção que seu coração experimentara ao arrepio daquela toada que falava do vaqueiro, do cavalo, do touro, da fazenda e do fazendeiro. A partir de então, nasceu uma amizade artística e fraterna entre os dois, consolidando-se com o surgimento das mais belas canções do cancionário popular nordestino da época.

O poeta tinha um amor indizível pelos passarinhos. Em muitas de suas canções eles estão presentes, como: *Pássaro Carão*, *Cantiga de Vem-Vem*, *Rolinha Branca*, *Fura-Barreira*, *Salta-caminho*, *Sabiá* (“Vem cantar na minha terra sabiá/vem cantar pelo verão/por que é que tu na seca, sabiá/abandona o meu sertão”). É bem possível que, nas notas musicais desses cantores da mata, possa-se apreciar, num rápido lampejo, o solfejo afinado de uma voz feminina.

Fole Velho, *Salão de Barro Batido*, *Boca de Caieira*, *A Dança do Nicodemos*, *Marimbondo*, *Sertão de Aço*, *Bota Severina pra Moer*, *Forró de Sinhá Raimunda* e sua *Sala de Reboco*, são canções que revelam o cotidiano, as festas de gado, a cultura, a solidariedade sertaneja, até a descoberta do amor nos sambas de latada. Essas manifestações culturais jamais poderiam ser esquecidas por um poeta da estirpe de Marcolino, que tinha suas raízes fincadas e bem amarradas no solo adusto do sertão.

A decadência das fazendas e dos coronéis é demonstrada em *Serrote Agudo* (*Vaqueiros e moradores/encantos, belezas millonde reinavam os fulgores/de um major forte e viril... Rijo, porém animado...*), enfocando a alegria de ontem e tristeza de hoje em razão da perda do dono.

O êxodo do povo nordestino para o sul do País foi lembrado nas músicas *Matuto Desconfiado*, *Matuto Aperreado* e *Felismina*. Já os protestos sertanejos vieram sob a forma de *Pedra de Amolar*, *Ai, Doutor!*, e *Estrada*. É a voz do sertão clamando por seus direitos, sem saber, sequer, o que é o direito.

O Sanfoneiro do Povo, que gravou a maioria dessas composições, dizia que foi Zé Marcolino quem o alertara e o fizera tomar gosto pela composição do baião em tom menor. O tom menor vai mais ao fundo da alma, fere mais a gente, e isso o poeta achava bom.

Zé foi grande. Zé conseguiu achar um espaço entre dois doutores: Zé Dantas e Humberto Teixeira. Zé foi o terceiro pilar que deu sustentação ao Rei e segurou o baião pelo braço como a um filho, caminhou com ele, deu-lhe alegria, deu-lhe amor, deu-lhe carinho e ofereceu-lhe, novinha em folha, uma sala de reboco para que ele se manifestasse da maneira que entendesse, com o intuito único de deixá-lo mais feliz. Zé sabia das coisas.

Obrigado, Zé!

Santanna, o cantador

De ser a vida uma grande parceria
Ele tinha a real compreensão.
Levando lá dentro do coração
Palavras nobres de sabedoria.

E eu tenho certeza, desde agora,
Que na Terra ele fez a sua parte;
Que o mundo ficou com a sua arte
Bem melhor do que fora em outrora.

O POETA ZÉ MARCOLINO

Ele chamava a todos de poeta.
Cada um é poeta no que ama fazer.
Mantendo sempre viva a chama
Da vocação que Deus fez valer.

Zé Marcolino não era só poesia.
Apesar dela ser tão vasto, o universo
Ele detinha e dominava em seu verso
A real essência da sertã filosofia.

Na minha humilde visão
O vate fugiu da grande média.
Sua obra virou enciclopédia
No tocante à vida do sertão.

O poeta cantou a natureza
Valorizando todos os reinos seus,
Teve sempre uma grande fé em Deus
E enxergava a vida com beleza.

Zé sempre será lembrado
Pelas gerações posteriores.
Graças aos nossos autores,
Ele ficará eternizado.

Socorro Lira

Cantora e compositora

MARCO-LI-NA-MENTE FALANDO...

Não tive a graça de conhecer Zé Marcolino, senão pelas suas canções. Desde cedo dancei – e como dancei numa *Sala de Rebo-co!* Nas noites plangentes do sertão ouvia o *Pássaro Carão* cantar pelas ribeiras e pelos pés de *Serrote-Agudo*. Então, eu não sabia quem ele era, pois isso se passa em meus *Tempos de Criança* no sítio onde morava, no município de Brejo do Cruz, na Paraíba.

Foi por volta de 2003 que, juntamente com a “marcolinista” e minha irmã de alma Irah Caldeira, cheguei à casa de Fátima, em Caruaru. Prosa vai e prosa vem, ela me perguntou de imediato: “Quando é que vai gravar uma música de papai?” Eu disse: “agora”. Naquele momento eu gravava o CD *Cantigas de Bem-querer*, onde canto *Pássaro Caboré* – ave esta com quem tenho até certa identificação, não por acaso. Na sequência, em inúmeras visitas à família Marcolino, numa passagem por Serra Talhada estive com Dona do Carmo e a *netaiada* toda, com seus filhos Bira e Walter – esse último uma das criaturas mais malucas que já conheci e que, além de me oferecer jiboia no almoço (comi por engano), mostrou-me composições inéditas de seu pai e eu... Endoidei! Então, aprendiz de produtora e entusiasmada com o que ouvia pela voz do autor – uma gravação em fita cassete para registro próprio - lancei a ideia de fazer um CD com aquelas canções. De que jeito? A ver...

Daí em diante, perguntamos de lá, perguntamos de cá e a família concordou. Levei a proposta a Jorge Ribbas, arranjador e produtor musical e ele, mais doido do que eu, adorou o desafio.

Resolvemos chamar artistas que tinham gravado coisas do Poeta para cantar no CD. E outros (as) que, por diferentes razões, muito acrescentariam ao trabalho como Marinês, por exemplo, convidada pelo próprio Zé a interpretar a faixa *Solidão de Caboclo*, faixa que traz, ainda, a célebre sanfona do mestre Sivuca. Foi assim que reunimos tanta gente e fizemos um CD tão “parabucano” quanto o seu autor.

Não foi por falta de dificuldade que o fizemos, não. É porque *Pedra de Amolar*, a canção que abre e intitula o álbum, por si, já nos inspira coisas boas como humildade e ousadia: “Com licença do senhor, eu vou me pronunciar pra dizer quem é que sou. Eu sou...” E assim aconteceu.

Uma das intenções que nos inspiravam, também, era propor à Paraíba um pouco mais de atenção à sua riqueza poética, a partir da obra de Marcolino, que foi e é um dos nossos bons e lindos poetas.

Ah! E devo dizer, especialmente, que encontrei muita beleza e generosidade no caminho: dos convidados e convidadas que nos levaram a sério e, gentilmente, deram vida ao projeto; e de pessoas ligadas às empresas e instituições que, com empenho e boa vontade, ajudaram-nos a prestar uma singela, porém, justa e merecida homenagem ao poeta. Tudo, pura e simplesmente, por amor e consideração a Zé.

Urbano J. C. Lima
Engenheiro e pesquisador

Tive o privilégio de tornar-me amigo de Zé, através do meu compadre Orlando Tejo, que o levou em 1976 à minha casa.

José Marcolino Alves nasceu no sítio Várzea, do major Napoleão Bezerra Santa Cruz, no município de Sumé, Paraíba, no dia 28 de junho de 1930. Aos 16 anos foi morar perto da cidade da Prata, antiga Mugiqui, no sítio Pio IX, onde permaneceu até 1967. Em 1961 encontrou-se com Luíz Gonzaga, em Sumé, que o ouviu cantar e nunca mais o largou. Na ocasião, Marcolino cantou “*No Piancó*”, “*Pássaro Carão*” e “*Serrote Agudo*” Luiz Gonzaga, entusiasmado com as composições e outros talentos de Marcolino, levou-o para uma temporada no Rio de Janeiro, onde gravou o disco “*Véio Macho*”, com seis músicas do poeta. Nesse disco da RCA, Marcolino participa tocando gonguê.

Voltando do Rio, o poeta retorna à sua vida de luta, indo morar na Prata em 1967, ficando lá até 1973. Naquele ano foi para Juazeiro da Bahia, onde ficou com uma casa de peças de automóveis até 1976. Transferiu-se, então, para Serra Talhada em Pernambuco, onde se fixou definitivamente.

Muito ligado a Pernambuco, costumava dizer-se “parabucano” e nas composições inspirava-se, com frequência, nas coisas das regiões do Pajeú e do Moxotó. Dotado de uma inteligência fora do comum, associada ao bom humor e a um grande poder de observação, Marcolino era notável nas imitações de todos que passassem ao alcance de suas baterias.

Que saudade, poeta! Quem dera a todos nós que aquela nefasta vaca tivesse encontrado uns talos de capim mais apetitosos, atrasando-se por um ou dois minutos, permitindo que o teu pequeno “fusca” tivesse passagem livre. Paciência... Ele sabe o que faz. Tu foste embora ao dia 20 de setembro de 1987 e nos deixaste esse imenso legado que são as tuas músicas.

Muito obrigado, poeta!

Xico Bizerra
Poeta e Compositor

Faz um tempo, Fátima Marcolino solicitou do poeta e compositor Xico Bizerra um depoimento sobre Zé Marcolino, para o livro que ela estava escrevendo, com o título *NA MESA DA COZINHA LÁ DE CASA*. E Xico prefaciou:

NAQUELA MESA NÃO ESTÁ FALTANDO ELE

Não sou de deixar desatendido pedido de quem gosto, ainda que não me sinta à altura de fazê-lo da melhor forma. Como agora. Fatinha me pede pra escrever alguma coisa pro seu livro de estreia e eu sou pego com tamanha responsabilidade, sem saber direito o que dizer e com medo de ‘bobagear’ além da conta.

Se bem que falar da mesa da cozinha da casa dela, onde tantas vezes me sentei, é fácil. Fácil porque ali, onde se sente o cheirinho do queijo de coalho de Sumé e o gosto gostoso da carne de bode chegada de Serra Talhada, se sente também a presença constante do poeta Zé, ‘Marcolinizando’ o ambiente e inspirando a todos nós, com suas histórias, com seus versos que continuam tão presentes quanto a saudade que dele sentimos. É ali que todos nós, amigos dela, jogamos conversa fora ou, melhor dizendo, jogamos conversa para dentro da alma, alimentando o coração.

Por isso, daquela mesa acolhedora em que não está faltando ele, se vislumbra o curral de palavras e rimas que, ao se verem soltas pela porteira sempre aberta da poesia, adentram com beleza aguda no coração da poetisa e fazem jorrar as coisas bonitas que se encontram no livro primeiro de Fatinha.

La terminar dando os parabéns à autora, mas não o faço, por entender que quem está de parabéns somos todos nós que teremos acesso à faceta semi-escondida de Fátima, à sua poesia simples e bonita que irá ‘Siafeliciar’ nossas vidas tão carentes do que presta. Do jeitinho que seu ‘Zé’ fazia.”

Xico Bizerra, entre um pingo de chuva e um raio de lua, olhando as estrelas sobre o mar de Candeias e com saudades do poeta, num Setembro de 2007.

Zé de Cazuzza

Poeta

Minha amizade com Zé Marcolino foi longa! As nossas idades se batem... Desde os doze anos. Antes disso, eu não conhecia o poeta, porque nesse tempo, Sumé ficava da Alemanha Ocidental pra dentro, muito! Zé, todo dia vinha aqui em casa, quando não tava viajando, palestrar comigo e com meu pai, que era poeta também e de quem ele gostava demais. Depois que Zé veio de Sumé para Prata, de lá só saiu quando viajou com Luiz Gonzaga... E quando voltou, apaixonou-se por Serra Talhada, terminando naquelas imediações, onde hoje ainda mora parte da família. A minha convivência com o povo de Marcolino continua. Dr. Zé Anastácio vez por outra receitando a gente... sou padrinho de Walter... Bira, que é compositor, também sempre que vem a Prata, nos visita. Os meninos de Zé são como se fossem irmãos dos meus filhos...

Com Marcolino era assim: Eu nessa linha de recitar versos e ele na linha de fazer as composições dele, quando ainda não era famoso. Mas a gente já via logo que ele ia se afamar o máximo, como aconteceu. Ele começou muito novo, mas já começou grande, era cantor e tocava um pandeiro 'danado'. Cantou muito com Pedro Viana, Antonio Padre, Pedro Bentinho (um sanfoneiro da gota serena). Certa vez, ele me disse que ia pras festas e já com duas, três noites de festa, morto de sono e cachaça, ia se deitar pelo monturo qualquer das casas... Aí Pedro Bentinho ficava tocando sozinho, e quando balançava a concertina, Zé não aguentava não, pegava a chorar e dizia:

- Vou pra lá, pra perto daquele "cachorro da moléstia"...

Eu tinha uma veneração por ele e pela poesia dele. *Pássaro Ca-
rão, Cacimba Nova*, essas músicas, quando estavam novíssimas,

que não tinham ido ainda para os microfones, ele já vinha pra tomar cerveja comigo, palestrar e perguntar se elas prestavam.

Eu dizia: - Você é muito doido, rapaz! Que diabo eu sei sobre uma "monstruosidade" como és tu?

- Não, se você disser que elas passaram no teste, eu já fico com coragem e com vontade de mostrar ao mundo.

Aqui, na fazenda São Francisco, a gente fazia muitas farras, à sombra do velho umbuzeiro em frente a minha casa; nas adjacências de Ouro Velho, Bonfim, São José do Egito, Tuparetama, Sumé, Monteiro... Sempre regadas a muita cerveja, cachaça, música, poesia e os causos que Zé contava. Eu até já cantei de improviso, brincando, com Zé Marcolino.

Era um sujeito incomensurável. Ô homem 'grande da 'bixiga'! E bom! Ele era 'assombrado' como Zé Dantas e Humberto Teixeira. De fato, eram dois 'monstros' mas, maiores do que Zé não eram não. Pode-se conferir que as produções dos três dão umas nas outras... Zé Marcolino não tinha composições ruins. Ele achou poesia até em "Lata de Lixo"! Marcolino foi um gênio...

Quando do acidente, Zé dormiu na minha casa. Eu tava em Campina Grande. Ele passou dois dias aqui com os meninos, foi pra uma vaquejada em Ouro Velho; de lá regressou pra casa dele, até com Manoel filó e Heleno Rafael. Aí, quando chegaram à entrada de Afogados da Ingazeira, Manoel e Heleno ficaram, que iam viajar pra Arcoverde. Zé Marcolino disse:

- Manoel Filó, vamos lá pra casa, passar uns dois dias mais Heleno!

Manoel disse que não ia porque só tava com a roupa do corpo.

Zé: - Mas isso não é problema, não.

- Mas eu não vou hoje, não.

Então, eu me lembro que Manoel Filó me disse que falou:

- Poeta, vá com cuidado que a 'mercadoria' é cara!

E Zé: - os caros eu já derrubei, que são vocês dois.

Daí, em fração de minutos, chegou a hora, né? Chegou a notícia do acidente com o poeta!

Logo após a morte de Zé Marcolino, Luís Homero, meu filho, que nesse tempo, morava em Arcoverde, encontrou-se com o repentista Sebastião Dias, que perguntou por mim e lhe disse que me pedisse pra eu fazer uns versos com o mote: A estrada matou quem escreveu/ O mais belo poema da estrada.

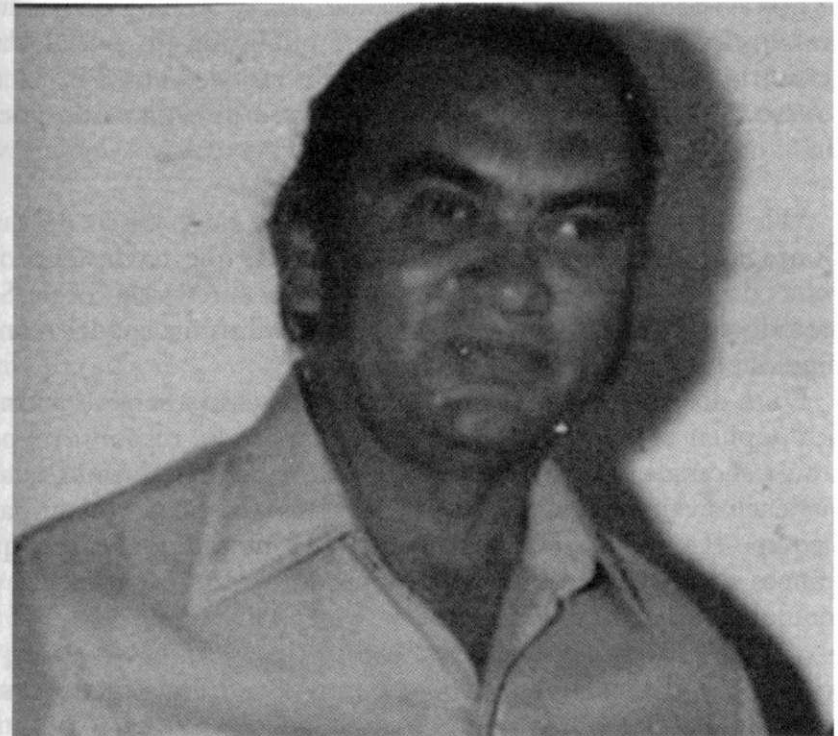
Aí, eu fiz:

Meu compadre, colega e quase irmão,
O saudoso poeta Marcolino,
Comandado da sorte ou do destino
Foi mudado pra outra região.
Uma vaca inocente, sem razão,
Atropela-lhe o carro em disparada,
Deixa a pista de sangue enodoada,
Como marca de tudo que se deu,
A estrada matou quem escreveu
O mais belo poema da estrada.

A estrada não teve complacência
De poupar um poeta cantador,
Que cantou sua glória, seu valor,
Lhe tratando com tanta deferência.
Não lembrou-se que aquela inteligência
Precisava rever sua morada.
Foi ingrata, perversa, desalmada,
Machucou o seu crânio, ele morreu.
A estrada matou quem escreveu
O mais belo poema da estrada.

Sei que a vida do vate terminou
Por motivo de um carro que virava,
Por fração de segundo, ele escapava,
Por fração de segundo, se acabou.
O poder do acaso atravessou,
Lhe trazendo, da morte, essa embaixada.
Fez a alma do corpo desligada.
Um subiu para o céu, outro desceu.
A estrada matou quem escreveu
O mais belo poema da estrada.

ENTREVISTA E REPORTAGENS



(Acervo da família)

Entrevista

Entrevista com Zé Marcolino concedida a Wellington Pereira de Oliveira e Sonielson Juvino Silva e publicada no Jornal Universitário *Correio de Férias*, ano II, número 04, Sumé/PB, 31 de janeiro de 1981. O encontro se deu na casa de amigos do poeta em Sumé:

“Ele acaba de gravar uma das faixas do novo disco de Luiz Gonzaga, retirou duas músicas do MPB 81, que havia escrito e volta com muita força para lutar em prol dos direitos autorais. Sobretudo de compositores que têm seus trabalhos usurpados, como simples objeto, e não como obras de arte.

É um dos compositores que militam por uma abertura na música popular brasileira. Seu nome? Zé Marcolino, responsável por tantos sucessos interpretados pelo *Rei do Baião*. Vivendo quase que exclusivamente de pequenos contratos artísticos, traçou para a equipe “Correio de Férias”, um perfil da música nordestina, que começa a contagiar o público e os produtores num momento de soerguimento de nossas raízes”.

C.F. - Qual a sua opinião sobre o movimento musical nordestino no Sul?

MARCOLINO – A nossa música é verdadeira cultura; As outras como o samba e a Discoteque, têm influência de outras raças; A nossa eles estão descobrindo, pois ela sai das sete simples notas do violeiro.

C.F. - E sobre os festivais?

MARCOLINO – Foram uma desgraça. Eu retirei duas músicas minhas do MPB 81, porque não acho sincera a maneira como eles procedem para selecionar as músicas. Há muita marmelada! A Rede Globo é uma verdadeira máfia. Existem muitas músicas que são rejeitadas para o festival ou para serem gravadas sem, às vezes, a mínima avaliação. Os festivais são cartas marcadas; já têm o vencedor certo antes mesmo de ser aberta a competição.

C.F. - O que acha dos direitos autorais no Brasil?

MARCOLINO – No Nordeste, os direitos autorais não são computados para o sul; as gravadoras fazem o que bem entendem com os compositores nordestinos; fazem verdadeira pirataria. Mas, eu acredito que está melhorando. O governo se propôs a levar a coisa a sério e a valorizar a arte de criar.

C.F. - Como você vê a Paraíba no cenário musical brasileiro?

MARCOLINO - Na Paraíba e em todo o Nordeste, é onde surge a verdadeira música. O nordestino canta seus sentimentos com alma e com a fé. O nordestino é o homem que canta seu sofrimento com a maior alegria do mundo.

C.F. – Como é a sua linha de composição?

MARCOLINO – Eu faço músicas quando necessito. O que me levou a compor *Numa Sala de Reboco*, por exemplo, foi o seguinte: No sítio, no dia em que a casa é rebocada, sempre há uma festa. O pai da moça, por mais severo que seja, mesmo não permitindo o rapaz pegar na mão de sua filha, não fará objeções que eles dançam forró, permitindo assim, uma aproximação maior...

C.F. – E sobre a urbanização da música nordestina?

MARCOLINO – Respeito muito nossas raízes culturais; não gosto de ruídos excessivos e de metáforas sem conotações regionais. Não sou contra os trabalhos nordestinos com arranjos dife-

rentes, se não arranhar muito. Mas, não adianta vestir a música nordestina numa roupagem estranha, ela irá se sentir como um matuto em festa de grã fino.

C.F. – O que você acha de uma grande gravadora lançar um selo no Nordeste?

MARCOLINO – É muito válido para prestigiar e divulgar a nossa música.

C.F. – E os valores artísticos de Sumé?

MARCOLINO – Uma terra que tem um homem como Miguel Guilherme, já deve se sentir privilegiada, pois ele provou que gênio nasce em todo canto. Devo frisar, ainda, que tenho grande admiração por Júlio Preto e o considero um autêntico nordestino, e digo, com muita honra que fui seu triangueiro em velhos forrós que jamais esquecerei.

Diário de Pernambuco
Recife, domingo, 5 de março de 1972.

Repentista paraibano canta o Novo Nordeste

José Marcolino – o repentista paraibano de Sumé, que Luiz Gonzaga consagrou cantando os seus xotes e baiões, está no Recife para rever amigos e matar saudades.

Marcolino compõe para Luiz Gonzaga cantar. Mas ele diz que pretende gravar suas toadas. Tem boa voz e não estraga papel quando está inspirado. A coisa vem espontaneamente. O sertão, os costumes de sua gente, tudo tem servido de motivação para os seus versos.

IMPROVISO

Ele recorda os dias de garoto em Sumé, até transferir-se para a cidade de Prata, aos 16 anos. Fala das alegres noites de festas que participou em casa de pessoas amigas, onde sempre recebeu aplausos. Mas não tencionava continuar como repentista. Desejava ir mais longe e fazer outras melodias.

Sensibilizado pelas músicas do compositor Zé Dantas, deixou, em 1959, a improvisação. Fez *Sertão de Aço*. E em 1962, *Pássaro Carão*, seu primeiro LP gravado com seis números, por Luiz Gonzaga.

ENCONTRO

Marcolino fala do encontro com Luiz Gonzaga, que o levou ao Rio, em 1962, onde passou um ano – considerando-o decisivo em sua vida de artista matuto. Na Guanabara, fez quinze músicas que o autor de *Asa Branca* gravou, todas com sucesso – segundo declarou.

REPERTÓRIO

O repentista paraibano possui oitenta composições. *Serrote Agudo*, *Matuto Aperreado*, *No Piancó*, *Sala de Reboco*, *Pedido a São João*, *Cacimba Nova*, foram as mais vendidas. *Pedido a São João*, de sua preferência, é uma homenagem a sua genitora – Dona Chiquinha.

Cantiga de Vem-Vem, com quatro músicas, foi seu último lançamento e quem canta é Luiz Gonzaga. Marcolino está preparando um baião baseado em coisas do sertão pernambucano e ele mesmo é quem vai gravar. Acha que tudo dará certo e tem sido até estimulado pelo cantor de *Feira de Caruaru*.

NOVA IMAGEM

Considerando que a época das estiagens prolongadas passou e que a miséria, o paupérrimo e o subdesenvolvimento pertencem ao passado, Marcolino pretende compor, agora, levado pela imagem do Novo Nordeste. “É preciso mostrar ao Sul, através da música popular – disse Marcolino – que a região nordestina mudou muito nos últimos anos”.

CACIMBA NOVA

Fazenda cacimba nova
Foi bonito o teu passado
Ainda estás dando a prova
Pelo que vê-se ao teu lado...

Com estes versos Marcolino cita “*Cacimba nova*” como das melhores músicas de sua autoria. Ele diz que não quer parar, e planeja viagem à Guanabara nos próximos dias, a fim de gravar baião.

Jornal O Norte
João Pessoa, 20 de setembro de 2007
Ricardo Anísio

Um gênio que a Paraíba pouco lembra

Uma das páginas musicais que mais me emocionam no cancionário nordestino é o lamento “*Serrote Agudo*”. Aboiando a solidão e meditando sobre um lugar ermo e a sua decadência diante do capitalismo de garras maléficas, toda vez que ouço esta canção, na voz de Luiz Gonzaga, sinto meu coração apertado. E eu nem sei lá onde fica o lugarejo e nem seu desditoso destino. Mas Zé Marcolino escreveu a canção como se fosse um blues rural daqueles em que a tristeza e a solidão encharcam o poeta-cantador de forma inexorável.

Paraibano de Sumé, no Cariri paraibano, Zé Marcolino era um iluminado que garimpava nos céus verdadeiros diamantes transformados em música. Assim como vislumbra a fera do abandono de *Serrote Agudo*, com a mesma natural criatividade nos faz dançar ao som de *Sala de Reboco*, um lugar imaginário, onde o tempo é um raio de luz do qual se precisa beber, dançando com seu benzinho debaixo de uma latada, em um vão rebocado com bairro e taipa.

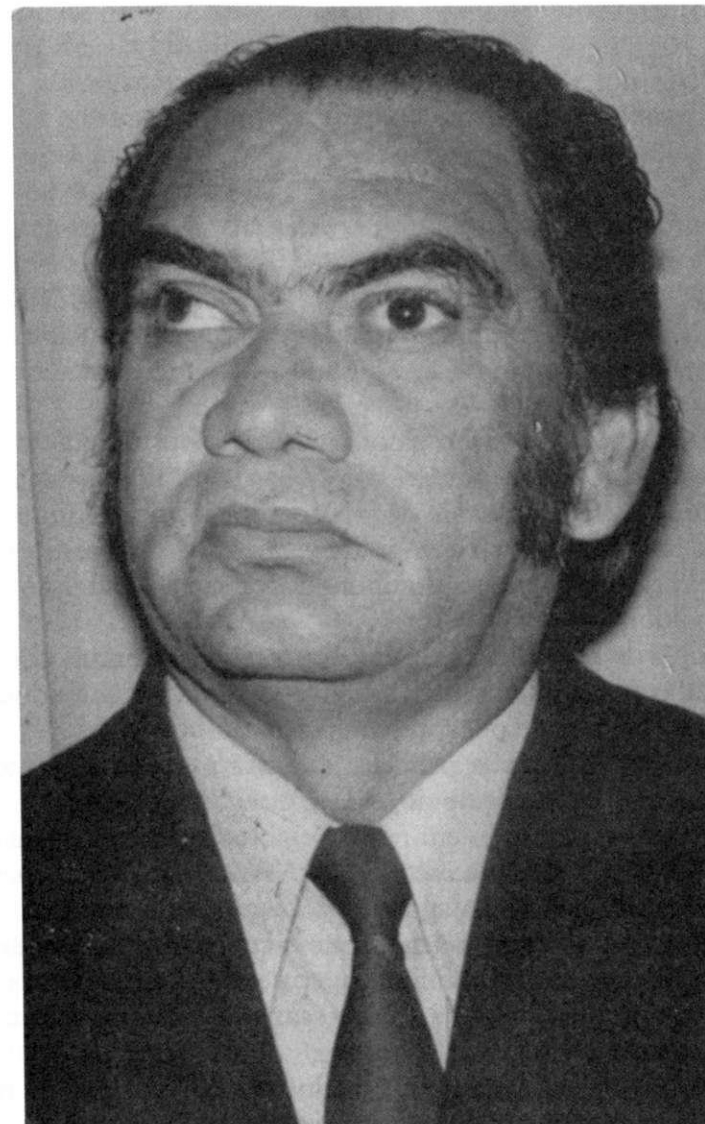
O poeta Marcolino soube traduzir em encantamento o que para muitos é simples degredo. A primeira vez que me caiu às mãos o disco *Ô Veio Macho* (de 1962) tive uma achapante surpresa. Das doze faixas, seis traziam a assinatura do bardo paraibano, e olhe lá que Luiz Gonzaga não era lá esse poço de generosidade que

querem pregar. Tanto não era que se “fez” parceiro das seis pérolas de Marcolino como, segundo reza a lenda, fez com Zé Dantas e Humberto Teixeira. Só não “comprou” a lira de Patativa do Assaré, de quem se viu obrigado a gravar “A triste partida” sem entrar na autoria.

No disco de Gonzagão podemos constatar a genialidade de Zé Marcolino em *Sertão de Aço*, *Serrote Agudo*, *Pássaro Carão*, *Matuto Aperreado*, *A Dança do Nicodemos* e *No Piancó*, todas de um lirismo tosco de causar inveja aos mais eruditizados dos autores de música popular.

Escapando um pouco destes clássicos me atenho a comentar o CD *Pedra de Amolar*, produzido pela cantadeira Socorro Lira, que garimpou junto à família Marcolino (Fátima, Bira, Walter, seus filhos, todos também compositores) obras como *Casa de Cantador*, *Mulher Esperança*, *Cabocla Matadeira*, *Toada de Felismina* e *Flor do Pajeú*, todas de rara beleza, melódica e poética.

XX MISSA DO POETA



Zé Marcolino, no ano de 1982
(Acervo da família)

História de um poeta e da missa em sua homenagem

José Marcolino Alves nasceu no Sítio Várzea, município de Sumé-PB, em 28 de junho de 1930, onde permaneceu até completar os 16 anos.

Transferiu-se para outro sítio: o PIO IX, no município paraibano da Prata, onde morou até completar seus 37 anos de idade.

Sempre dedicado ao baião de viola, cantava improvisos e outras músicas compostas por ele. Agradava a todos os que o ouviam, tanto pelo conteúdo do que compunha, como pelo vozeirão de que era possuidor.

Em 1961 teve a felicidade de encontrar-se, em Sumé, com Luiz Gonzaga, o *Rei do Baião* que, ao ouvi-lo cantar, o convidou para integrar o seu grupo e o levou para o Rio de Janeiro.

Ao retornar dessa sua primeira excursão com o Rei, fixou-se na Prata, como ponto de apoio, e dali, girava pelo Nordeste afora, fazendo shows, cantando em festas regionais, contando anedotas e alegrando a todos que o escutavam. Além de ter seu próprio carisma pelo que fazia, tinha agora a propaganda de suas várias músicas gravadas por Luiz Gonzaga, que tocavam em todo o Brasil.

A família, esposa e sete filhos vivos, dentre onze, aceitava essas ausências, porque sabia ser isso necessário para a sua sustentação e melhor sobrevivência.

De 1973 a 1976, transferem-se todos para o Juazeiro, na Bahia, onde ele quis fazer outra coisa, pois já tinha filhos maiores que podiam ajudar, enquanto ele permanecia com sua carreira artística.

Tornou-se comerciante no ramo de peças para automóveis, mas não foi bem sucedido. A inexperiência dos “meninos” e o afasta-

mento constante do olho do dono fizeram com que as “peças” se dispersassem.

Saiu da Bahia e foi morar em Pernambuco, mais precisamente na cidade de Serra Talhada, onde se fixou definitivamente e onde boa parte de sua família ainda permanece.

Essa sua ligação com Pernambuco fê-lo criar um neologismo bastante conhecido e sempre atribuído a ele, que se dizia “Parabucano”: uma mistura da naturalidade paraibana, com a cidadania pernambucana.

Faleceu vítima de desastre automobilístico, enquanto guiava seu próprio carro, aos 20 de setembro de 1987, entre as cidades de Afogados da Ingazeira e Carnaíba, no sertão pernambucano, que ele tanto decantou e tanto amava.

No 30º dia de sua morte, houve uma Missa, das mais concorridas, na Concha Acústica de Serra Talhada, com a presença de inúmeros amigos, artistas, familiares, admiradores e até curiosos, provenientes de toda a região “pajezeira”, como ele chamava, e do vizinho Estado da Paraíba, seu berço natal.

Presidiu a celebração, o então vigário da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, em Serra Talhada, grande amigo de Zé Marcolino, o Pe. Assis Rocha.

Ao encerrar aquela “missa-show” tão bonita, com a participação de muitos poetas e artistas, o celebrante teve a ideia luminosa de lançar um desafio:

“Por que não celebrarmos, no aniversário de morte do nosso poeta, uma “MISSA DO POETA”, a exemplo do que já ocorre em Serrita, com a Missa do Vaqueiro?”.

E justificava o Pe. Assis: “além de ser uma homenagem a Zé Marcolino, que chamava todos de “poeta” e, por isso mesmo, assim era tratado, seria também uma homenagem a todos os poetas vivos da região, tão rica em repentistas, violeiros e escritores de poesia...”.

A ideia foi acolhida com aplausos, e logo foram aparecendo adesões, sugestões e promessas de presença garantida no próximo ano.

De fato, no dia 17 de setembro de 1988, numa noite de sábado, foi realizada a 1ª Missa do Poeta, que já nasceu graúda. Contou com as presenças de artistas como Luiz Gonzaga, Alcimar Montei-

ro, Ivan Ferraz, Zeto e Bia Marinho, Rui Grúdi, e de poetas como Lourival Batista, Sebastião Dias, Dedé Monteiro e outros.

Foi o maior sucesso. Luiz Gonzaga deu um verdadeiro show, cantando composições de Zé Marcolino, que tanto deram notoriedade ao próprio “Gonzagão”.

Os acordes de sua sanfona e o som de sua voz ecoaram por toda a cidade, até a madrugada daquela noite inesquecível.

Os outros artistas e poetas presentes aumentaram a alegria da noite e deixaram a certeza de que a Missa do Poeta estava criada. Daquela data em diante, todos os anos, no 3º sábado de setembro, como ficou convencionado, a missa realizar-se-ia, não para lamentar e chorar pela perda de Zé Marcolino, mas para tê-lo sempre como símbolo vivo de alegria, poesia, arte e música, como ele realmente foi.

O jornal “Diário de Pernambuco”, que apoiou a ideia desde o início, na edição de segunda-feira, dia 19, colocava em sua manchete principal: “Missa do Poeta encanta o sertão”. “Show de Gonzaga emociona e só acaba na madrugada”, e ilustrava o acontecimento com fotografias.

No ano seguinte, 1989, o Pe. Assis Rocha já havia saído de Serra Talhada, mas a 2ª Missa do Poeta aconteceu na data prevista, com o mesmo entusiasmo e finalidade pela qual havia sido criada.

Presidiu-a o Pe. João Carlos Acioly Paes, àquela época, Pároco da Catedral, na sede da Diocese de Afogados da Ingazeira, bem como presidiu também a 3ª Missa, no 3º sábado de setembro de 1990.

Apesar de não haver um apoio explícito dos padres que dirigiam as Paróquias de Serra Talhada, no entanto eles não hostilizavam ou impediam que a missa continuasse. Daí o fato de chamarem um Padre de fora.

Por outro lado, a família do “poeta”, que continuava habitando naquela cidade, facilitava e colaborava para que o evento permanecesse, não só convidando artistas, mas hospedando-os em suas casas e a outros convidados.

Em 1991, por ocasião da 4ª celebração, pessoas inescrupulosas de Serra Talhada, interessadas em faturar dividendos materiais e comerciais em cima de uma coisa criada sem tais interesses, começaram a ver na Missa do Poeta, uma oportunidade para a exploração do lucro fácil, e exigiam do poder público Serra Talhadense,

uma quantia fabulosa para poderem realizar a já famosa celebração.

O prefeito chegou a declarar à imprensa que não tinha condições de “banciar” a Missa, sozinho. Ela estava muito cara para os cofres do município e iria pesar bastante no seu orçamento.

Tal declaração foi dada no mês de julho, e a 4ª Missa deveria se realizar em setembro.

O Pe. Assis fazia dois anos que estava afastado da região: entre julho de 89 e fevereiro de 90, na Europa; E de fevereiro de 90 ao início de julho 91, na arquidiocese da Paraíba, assumindo aulas de Seminário e a Paróquia de São Pedro e São Paulo de Mamanguape.

O Bispo Diocesano de Afogados da Ingazeira o chamara de volta à Diocese para assumir a Paróquia de Tabira, vaga, devido ao retorno de Pe. Carlo Tessari à Itália, seu País de origem.

No dia 27 de julho de 1991, deu-se a sua posse como novo Pároco de Tabira, e logo-logo tomou conhecimento das declarações de Prefeito de Serra Talhada, de que não poderia bancar a Missa.

O Pe. Assis sentiu profundamente o golpe. O que fazer? Pensava ele. Deixá-la desaparecer ou assumir a “paternidade” da Missa? Ele optou pela segunda alternativa.

Procurou o “Diário de Pernambuco” e declarou que “quem banca a Missa é Padre; não é Prefeito algum” e levou a Missa do Poeta para Tabira.

Em Serra Talhada não houve a menor contestação. Todos apoiaram a transferência, a partir mesmo dos familiares do “Poeta”.

De fato, no dia 21 de setembro de 1991, às 19 horas, com o apoio do poder público e do povo tabirense, dos poetas e dos artistas e de outros convidados, foi realizada na Quadra Esportiva do município, a 4ª Missa do Poeta, com os mesmos objetivos: Criada em memória de Zé Marcolino e em homenagem a todos os poetas vivos da região.

Por ocasião da 5ª Missa, em setembro de 1992, foi inaugurada também uma estátua de Marcolino à entrada da Quadra Esportiva, para fixar melhor o acontecimento na mente, nos olhos e no coração de todos.

A cada ano, a Quadra se tornava mais cheia e a Missa mais concorrida, de seis a oito mil pessoas, compareciam ao grande evento que enchia Tabira de orgulho, por realizar promoção de tal natureza.

A 6ª Missa do Poeta, em setembro de 1993, além de todos os motivos e objetivos que sempre a caracterizaram, teve mais um, de extraordinária felicidade: os 25 anos de carreira profissional do talentoso poeta Sebastião Dias.

Todos os poetas e artistas de sempre e outros que nunca haviam comparecido, se fizeram presentes, como Luís Nunes, o “Severino Sertanejo” da Academia Paraibana de Letras, e o governador da Paraíba àquela época, o poeta Ronaldo Cunha Lima.

Foi uma festa grandiosa e mereceu até uma apresentação especial da TV Pernambuco, no programa “Forró, Verso e Viola”, produzido e apresentado por Ivan Ferraz.

Em tudo, essa festa foi melhor e maior que as anteriores: em número de convidados, de espectadores e de movimentação na cidade.

O Pe. Assis tem o costume de só permanecer em uma Paróquia por 05 anos. Já que ele iria sair de Serra Talhada em 1996, antes da 9ª Missa do Poeta se realizar, e para que não acontecesse em Tabira, com sua saída, o mesmo que aconteceu em Serra Talhada, ele achou que da 7ª Missa em diante, deveria haver uma coordenação, sem ser, necessariamente, a dele.

Convocou então a Associação dos Poetas e Prosadores de Tabira-APPTA, para coordenar, ainda com ele, essa 7ª Missa, em 1994, a fim de que, na realização da 8ª, no ano seguinte, agora tendo à frente a APPTA, rememorassem o grande e inesquecível Poeta Zé Marcolino, e mantivessem acesa a chama da poesia popular: o repente, valorizando o nosso cantador nordestino, tantas vezes desprezado ou trocado por quaisquer ritmos ou mensagens que nem sequer entendemos ou sabemos de onde vem.

Na 8ª Missa do Poeta, em 1995, última presidida pelo Pe. Assis, ele colocou uma questão para os tabirenses: “ou vocês ficam com a Missa, ou ela acaba hoje. Eu não vou carregá-la para onde eu for. Não sei se minha próxima Paróquia tem estrutura para receber um evento dessa magnitude”.

A APPTA mostrou que tem condição de realizá-la, tanto nas duas em que o Pe. Assis ainda estava lá, como nas três seguintes.

A 9ª Missa, em 1996, foi presidida pelo Pe. Luizinho, de Carnaíba. A décima e undécima, 97 e 98, tiveram a presidência e grande incentivo do Pároco de Tabira à época, o Pe. Mário Costalunga, que está envidando todos os esforços para valorizar a nossa cul-

tura, haja vista a instalação da rádio Comunitária Tabira FM, que está servindo a toda a sociedade.

Para essa Missa ser, de fato, do Poeta, tem que ter poesia. E é isso o que não falta. Desde o início até o fim, sua característica principal é o verso, o improvisado e a bela poesia sertaneja.

O próprio Padre convida o povo à celebração, com esses versos em decassílabos:

Deus nos tira do peito a dor secreta
Da saudade sem fim, que suportamos
Nesse instante em que a Missa iniciamos
Pra lembrar a figura de um “poeta”
Que, a seu modo, foi gênio e foi profeta
Sem deixar de ter sido pecador
Supliquemos, por isso, ao Criador
O perdão pelas faltas cometidas
Procurando fazer de nossas vidas
Não motivos de ódio, e sim de amor..

Encerra tudo com essa oração final. Um heptassílabo, também cantado:

Senhor Deus, agradecemos,
Nestes momentos finais,
Pela Missa do Poeta
Que espalhou ternura e paz.
Vossa proteção nos desça
E este evento permaneça
Por muitos “setembros” mais!

Flores/PE, 17.12.1998
Pe. Francisco de Assis Rocha
Pároco de Flores/PE



Busto de Zé Marcolino, na cidade de Tabira/PE
(Acervo: Marcos Passos)

XX Missa do poeta

Em memória de Zé Marcolino e demais poetas falecidos.

HOMENAGEM AOS POETAS E ARTISTAS VIVOS DA REGIÃO E AO MONSENHOR ASSIS ROCHA EM ESPECIAL.

1- Procissão de entrada: (Asa Branca)
- Bêu e sanfoneiros.

Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João,
Eu perguntei a Deus do céu: ai (Bis)
Por que tamanha judiação?

Que braseiro, que fornalha!
Nem um pé de plantação...
Por falta d'água perdi meu gado, (Bis)
Morreu de sede meu alazão.

Inté mesmo a Asa Branca
Bateu asas do sertão...
Então, eu disse: adeus, Rosinha, (Bis)
Guarda contigo meu coração.

Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na plantação,
Eu te asseguro: não chore não, viu? (Bis)
Que eu voltarei, viu, meu coração.

2-**Acolhida:** (Saudação aos poetas presentes e a todos os participantes).

... Em nome do pai... (cantando)

- (na música de “Mulher nova”...)

Boas vindas, amigos, como estão?
Esta noite, Tabira é de vocês!
Vamos, juntos, louvar mais uma vez
O eterno Senhor da criação.
Um abraço ao Artista, nosso irmão,
Que do povo interpreta riso e dor,
Externando, com arte, o dissabor
Da injustiça que assola este País.
É também sofredor, mas é feliz,
Porque tudo que faz é por amor.

3- **Canto de entrada:** (Meu Jesus Sertanejo)

Jesus, meu Jesus sertanejo/ Presença maior, minha crença/ Nestas
terras de ninguém/De ninguém/ Silêncio na serra, nos campos/ Ai,
desencanto/ Que a gente tem,/ Que a gente tem./ E o vento que
sopra, ressoa/ Ai, sequidão/ Que traz desolação/ desolação.
Ô, ô, Jesus razão/ Tão sertanejo que entende até de precisão... (bis).

De Sol vou sofrer, vou morrer/ Vou morrer/ Que as pedras
resplendem a dureza/ A pobreza deste chão/ Deste chão./ João,
menino destino,/ Ai nordestino de arribação/ De arribação./
Cenário de dor e calvário/ Ai, muda a face desta provação.
Ô, ô, Jesus razão/ Tão sertanejo que entende até de precisão... (bis).

Do Céu há de vir a solução/ Solução/ Na terra a semente agoniza/
Preconiza a solidão/ E a terra que arde, acompanha/ Ai, tanta
sanha de maldição/ Maldição./

Aqui vou ficar, vou rezar/- Ai, vou amar a minha geração/ minha
geração.

Ô, ô, Jesus razão/ Tão sertanejo que entende até de precisão... (bis).

4- **Ato penitencial** (cantado/padre – “Mulher nova”)

Deus nos tira do peito a dor secreta
Da saudade sem fim, que suportamos.
Nesse instante em que a Missa iniciamos
Pra lembrar a figura de um “poeta”
Que, a seu modo, foi gênio e foi profeta
Sem deixar de ter sido pecador.
Supliquemos, por isso, ao Criador
O perdão pelas faltas cometidas,
Procurando fazer de nossas vidas
Não motivos de ódio, e sim de amor...

Canto Ato penitencial: (Estou voltando)

Estou voltando à casa de meu Pai
Pra receber a paz que não se vai.
Quero pedir perdão porque errei.
Não quero mais voltar
Aos caminhos onde andei.
Ah! Como é bom ser perdoado
Das coisas que eu fiz de errado!
O meu caminho agora é
Seguir os passos de Jesus de Nazaré.

5- **Hino de Louvor** (Louvado seja meu Senhor)

Louvado seja meu Senhor...(5 x)

Por todas as criaturas,
Pelo sol e pela lua,
Pelas estrelas no firmamento,
Pela água e pelo fogo.
Por aqueles que agora são felizes,
Por aqueles que agora choram,
Por aqueles que agora nascem,
Por aqueles que agora morrem.

O que dá sentido à vida
É amar-te e louvar-te,
Para que a nossa vida
Seja sempre uma canção.

6 Oremos (cantando)

Ó Deus, nobre Majestade,
Nós vos pedimos de novo:
Por vossa eterna bondade,
Abençoai nosso povo.
Pra que esta terra sofrida
Produza frutos de vida
Que nos fortalecem tanto.
Vos pedimos por Jesus,
Na unidade e na luz
Do Divino Espírito Santo!

7- Comentários da leitura (1 Tm 1,12-17)

8- Salmo Responsarial: (Salmo 51)

9- Canto e aclamação (Tu és o caminho)

O teu olhar me acalma,
Tua presença me fala de amor e paz.
Tua palavra me anima,
Cura, sacia, fascina e também satisfaz.
Tu és o caminho, eu caminharei.
Tu és minha vida, eu te viverei.
Tu és o caminho, eu caminharei.
Tu és a verdade, eu te proclamarei.

A tua paz foi chegando, pediu meu sim e tomou todo o meu coração. E hoje, sempre mais forte, cantas em mim. E eu canto uma nova canção.

10. Leitura do Evangelho: (Lc 15,1-32)

11. Homilia: (dupla de violeiros/Padre)

12. Profissão de fé: (Credo rezado)

13- Preces: (Poetas da APPTA e PAVAM)

14- Ofertório: (O que posso ofertar?)

Meus irmãos, minhas irmãs,
O que eu posso ofertar?
Se tudo é de Deus,
O que eu posso lhe dar?

Vou ofertar o meu viver, meu coração,
O carinho dos amigos,
Nosso amor feito canção!

O pouco com Deus é muito,
O muito sem Deus é nada.
O pouco que repartimos
É fartura abençoada!

Vou ofertar neste vinho e neste pão
O suor de nossas lutas
Nossa fé, nossa união!

15- Padre: - Orai, irmãos...
Todos: Receba o Senhor...

Padre: (Oração sobre as oferendas)

Além da força do vinho
E fortaleza do pão,
Oferecemos a Deus
Nossa fé, nossa emoção
E as dificuldades todas
Da nossa população.

16- Oração Eucarística

P. O Senhor esteja convosco!

T. Ele está no meio de nós!

P. Corações ao alto!

T. O nosso coração está em Deus!

P. Demos graças ao Senhor nosso Deus!

T. É nosso dever e nossa salvação!

17- (Padre – rezada)

Na verdade, é justo e santo
O dever de vos louvar!
Dar-vos graças, Pai Celeste,
Em todo tempo e lugar
É pouco por tudo aquilo
Quanto viveis a nos dar.

Criastes o universo
Dispondo a cada estação,
Fizestes mulher e homem
Herdeiros da criação,
Dando-lhes o dom de amar
E o poder de vos louvar
Na força desta canção.

18. Canto do Santo (Jesus Pai Santo)

Refrão: Jesus (3x) Cantemos ao Pai! Pai (3x)
Santo é o seu nome (3x)

Vem a mim agora, ó Espírito Santo,
Toma minha vida e consola o meu pranto,
Fica comigo para sempre!

Santo é teu nome, dos exércitos Senhor!
O Céu e a terra, sim, proclamam o teu louvor,
Cantam Hosana para sempre!

Bendito o que vem em Teu nome, Senhor!
Com cânticos de Hosana,
Sim, proclamam Teu louvor!
Glória, Aleluia ao Teu nome, Senhor!

19- Cont. Oração Eucarística (rezada)

Na verdade, és o Santo. Ó Deus da vida!
O universo proclama o Teu louvor,
Pois, por Cristo Jesus, Teu Santo Filho,
E o Espírito, fiel consolador,
Santificas a tudo e a todos nós,
Pra que, unidos e ouvindo a Tua voz,
Te ofertamos para sempre o nosso amor!

Todos: Santificai e reuni o vosso povo!
É por isso que nós te suplicamos,
Pelo Espírito Santo que te guia:
Transfigura as ofertas que fazemos
Com bastante humildade e alegria,
No Teu Filho Jesus em corpo e sangue,
No mistério da Santa Eucaristia!

Todos: - Santificai nossa oferta, ó Senhor!

Na noite em que ia ser entregue, Ele tomou o Pão, deu graças, e o partiu e o deu a seus Discípulos, dizendo:

***TOMAI E COMEI: ISTO É O MEU CORPO,
QUE SERÁ ENTREGUE POR VÓS!***

Do mesmo modo, ao fim da Ceia, Ele tomou O cálice em suas mãos, deu graças novamente E o deu a seus discípulos, dizendo:

TOMAI TODOS, E BEBEI: ESTE É O CÁLICE DO MEU SANGUE, O SANGUE DA NOVA E ETERNA ALIANÇA QUE SERÁ DERRAMADO POR VÓS E POR TODOS, PARA REMISSÃO DOS PECADOS. FAZEI ISTO EM MÉMÓRIA DE MIM!

EIS O MISTÉRIO DA FÉ!

Padre: (Mulher nova...)

Celebramos, ó Pai da criação,
A memória de Cristo, o Salvador
Que na cruz padeceu por nosso amor,
Mas depois mereceu ressurreição.
Que este vinho da Vida e este Pão
Que a Igreja oferece com humildade
Representem pra toda a humanidade
O Cordeiro Pascal fora da cruz.
E aceitai-nos por membros de Jesus
No banquete feliz da eternidade.

Todos: Aceitai, ó Senhor, a nossa oferta!

Que esta *Santa Fusão* que nos bendiz
Arrebanhe bilhões, de uma só vez,
Com o Papa, que é Bento XVI,
Junto ao nosso Pastor, que é Dom Luiz;
Com o povo que tenta ser feliz,
Gente pobre, cansada e esquecida,
Como o homem do campo em sua lida
E o poeta que cria e não se cansa,
Dai-lhe luz, fortaleza e esperança
Nas estradas penosas desta vida!

Todos: Tornai vivas nossa fé, nossa esperança!

Ó, lembrai dos poetas que passaram
Pela vida, buscando a vossa Luz!
Concedei-lhes a Paz do Rei Jesus
Seja a paga do bem que praticaram!
Piedade daqueles que pecaram,
Mas souberam pedir vosso perdão;
Dos que andaram sonhando a salvação,
Confiando que a mesma demorasse...
Acolhei-os na luz da Vossa face,

Raio eterno do SOL-RESSURREIÇÃO!

20. Pai Nosso (cantado)

Livrai-nos de todos os males, ó Pai...

Todos: Senhor Jesus Cristo, dissestes aos vossos apóstolos...

21- Abraço da Paz (quero te dar a paz)

22- Cordeiro de Deus...

23- Felizes os convidados para a Ceia do Senhor...

Com palavra benfazeja
Disse Jesus, o Rabi:
O Pão da casa de Eli
Se reparte na Igreja.
Quem será que não deseja
De Deus o divino amor?
Se a hóstia tira o rancor
Dos mal-intencionados,
*Felizes os convidados
Para a Ceia do Senhor!*

Segundo a religião,
Comungar é coisa séria.
Não é o pão da matéria,
Mas do espírito é o pão,
Um ato de contrição,
Se rezado com fervor,
Limpará o pecador
Da alma os cantos manchados
*Felizes os convidados
Para a Ceia do Senhor!*

Branca hóstia, Pão do Céu
Pra feliz e infeliz,
Pra justiça do Juiz
Que, por amor, salva o réu.
Sendo fina como o véu
E pura como uma flor,
Se ela não tiver valor,
Avalie nossos pecados...
Felizes os convidados
Para a Ceia do Senhor! - Jó patriota

24- Canto de comunhão: (Tem gosto de Deus)

Tem gosto de Deus
O pão que a gente parte e reparte,
Tem gosto de céu
O pão que se ganhou com suor,
Tem gosto de paz
O pão que o povo não desperdiçou.

Refrão:

Tiveste pena do povo,
Mandaste dar de comer,
Alguém falou que era pouco,
Tu nem quiseste saber.
Mandaste o povo sentar,
Mandaste alguém começar,
Alguém te obedeceu...
Foi milagre, o milagre aconteceu!

Tem gosto de amor
O pão que a gente come lá em casa,
Tem gosto de fé
O pão que a gente come no altar,
Tem gosto de luz
O pão e o vinho que dão Jesus!

Tem gosto de dor
O pão que vale mais que o salário,
Tem gosto de mel
O pão que meu trabalho ganhou,
Tem gosto de fel
O grão e o trigo que o País perdeu

25- Oração final: (Padre)

Senhor Deus, agradecemos,
Nestes momentos finais,
Pela **Missa do Poeta**
Que espalhou ternura e paz.
Vossa proteção nos desça
E este evento permaneça
Por muitos **setembros** mais!

26- Mensagem final: (Entrega do título de cidadão tabirense ao Mons. Assis Rocha)

27- Canto final: (A Estrada)

Seu moço, eu sou a estrada
Que você vive a pisar,
Sem a curiosidade
De nem uma vez pensar
Que eu sou a passagem das coisas
Nas devidas direções,
Que seguem as suas funções
Cada uma em seu lugar.

É por mim que se vai tudo,
Mensagem do mal e do bem,
Os outros resolvem as coisas,
Você resolve também
E eu lentamente aceitando
Pelo direito e a razão.

No corpo imenso da terra
Eu sou um traço no chão
E no livro aberto da vida
Sou ponto de exclamação.

E no livro aberto da vida (...)

Se, às vezes, ganho uma roupa
Que dão o nome de asfalto
É pra o longe vir pra perto
Ficando a distância a um salto
Dão a mim, brilha nos outros
E não me serve a lordeza

Eu sou o centro econômico
Que leva e traz a riqueza
Veja bem como trabalho
Pra você sem ganhar nada
E disposta a receber
Do mais fraco ao mais possante
Você é o viajante, Seu moço
Eu sou a ESTRADA.

Você é o viajante, Seu moço (...)

28 – Palavras do homenageado

29- Bênção final (Padre)

Setembro – dois mil e oito
(Terceiro sábado é o dia),
Vamos fazer novamente,
Com esta mesma alegria,
Outra festa como esta
Na Missa da Poesia!

INTÉRPRETES E TRIBUTO A ZÉ MARCOLINO



Zé Marcolino em show - Serra Talhada/PE
(Acervo da família)

Intérpretes

Devido à importância e qualidade de suas composições para o engrandecimento da cultura do nosso povo, Zé Marcolino foi gravado por grandes nomes da música popular nordestina.

Aqui, destacamos os seguintes intérpretes do poeta:

Luiz Gonzaga, Dominginhos, Bira Marcolino, Trio Nordestino, Vital Farias, Xangai, Petrucio Amorim, Fagner, Elba Ramalho, Quinteto violado, Banda Currupio, Flávio José, Maciel Melo, Maria da Paz, Paulo Diniz, Genival Lacerda, Santanna Cantador, Marinês, Socorro Lira, Alcimar Monteiro, Zeto e Bia Marinho, Gláucio Costa, Assisão, Ivan Ferraz, Irah Caldeira, Paulinho Leite, Virgínia Rosa, Val Patriota, Novinho da Paraíba, Amazan, Rui Grúdi, Paulo Matricó, Mestre Ambrósio, Waldonys, Geraldo do Norte, Delmiro Barros, Márcia Porto, Cristina Amaral, César do Acordeon, Elias Nogueira, Banda Pisa na Fulô, Roberto Cruz, Carlos Valle, Canários do Reino, Clara Becker, Chiquinho do Egipto, Jacinto Limeira, Gomes de Tabira, Azulão, Joquinha Gonzaga, Heleno Ramalho, Tacyo Carvalho, Heleno dos Oito Baixos, Ivan do Sax, Eudmar Raposo, Alceu Valença, Adelmário Coelho, Banda Chão e Chinelo, Lampiões e Maria Bonita, Jessé Pessoa – Harpista.

Tributo a Zé Marcolino

José Itagibá Alves:

V Ó O DE UM POETA

Havia alguém de coração radiante,
Cheio d'alegria que lhe transbordava,
Fluindo para todos que ele amava,
Mas secou-se o veio nesse instante:

Um acidente mudou o seu semblante;
Pra respirar, apenas soluçava,
Chorei a pensar que ele já chorava
A sua morte que vinha adiante.

Voaste com teu pássaro carão;
Foste no mês da safra de algodão;
Fizeste uma viagem incontinenti...

Nosso tempo que houve foi tão pouco,
Está vazia a sala de reboco,
Só resta agora a saudade imprudente.

Serra Talhada, 25 de setembro de 1987

XOTE MARCOLINADO

Letra: Hilário Marinho

Música: Zeto

Intérprete: Bia Marinho

Calou-se a voz que cantava
Da minha terra, a beleza.
Que deste “Sertão de Aço”
Decantou tanta pureza.
Pra quem o feijão no prato,
A família em volta à mesa
Era a maior alegria,
Incomparável riqueza.

Chorou a “Rolinha branca”,
Bentevi, “Pássaro Carão”,
“Nicodemos” já não dança
Xote, pagode ou baião;
Felismina foi embora
Diz que não volta mais, não
Pois não suporta a saudade
Que aperta seu coração.

Até a caixa de fósforos,
Seu singular instrumento,
Sente a falta do batuque
Com tanto constrangimento.
E a “Pedra de amolar”
Já não dá mais polimento,
O “machado já não corta”,
“Sabiá” canta em lamento.

Marcolino! Enquanto existir quem, como tu
Saiba ver além da simplicidade a beleza
Das coisas do sertão, tu viverás!

Que falta nos faz, poeta
Sua risada gostosa!
Sem uma nova piada
E meia hora de prosa.
Vai continuar com a gente
A lembrança permanente,
Seu andar meio indolente,
Seu ar despreocupado,
O seu jeito bonachão;
Enquanto existir baião,
Seu nome será lembrado.

Marcolino Vive!

O MENINO MARCOLINO E OS PASSARINHOS

Letra e música: Karoba Nunes

Zé Marcolino, desde menino,
Aprende com os passarinhos
A cantar pelo sertão.

Cantava, alegre,
Xote, Sala de Reboco;
Achando pouco,
Ele fez outras canções.

Serrote Agudo,
Fazenda Cacimba Nova,
Onde um sabiá prosa
Entoava seu baião;

Serrote Agudo,
Fazenda Cacimba Nova...
Fura-barreira
Na barreira da estrada
Chorando, se lamentava
Da vaquinha maltratada,
Que levou pra outra morada
O poeta do carão.
E o carão chorou;
Todo o sertão chorou,
Quando o poeta se encantou.

E o carão chorou...

SAUDADE DE MARCOLINO

Letra: Gilmar Leite e Galvão Filho/ Música: Galvão Filho

Intérpretes: Galvão Filho

Santanna, o Cantador

De saudade, canta o vem-vem
Nos galhos da “Flor do Cumaru”.
Saudade de te ver
Nas noites de São João
Do Cariri ao Pajeú.

Marcolino, poeta cantador,
A “Cacimba” secou de tanto pranto,
O “Carão” não escuta o teu canto,
“Sabiá” padeceu de tanta dor.
O “Ciúme da Lua” se acabou,
Hoje vives morando perto dela,
Desenhando teu canto numa tela,
Seduzindo-a com tua serenata,
Despertando seu riso cor de prata
Num desenho de linda aquarela.

“Serrote Agudo” hoje está tristonho
Não por falta das grandes vaquejadas,
Mas por falta das noites delicadas
Dos acordes mostrando a lenda em sonhos.
Só os vates de cima estão risonhos;
O teu canto é a “Saudade Imprudente”
Que machuca o sertão que há na gente,
Como o pranto na “Mágoa de um Vaqueiro”
Que, tristonho, num banco do terreiro,
Faz aboios saudosos e dolentes.

De saudade, canta o “vem-vem”
Nos galhos da “Flor do Cumaru”
Saudade de te ver
Nas noites de São João
Do Cariri ao Pajeú

Marcolino...

A ZÉ MARCOLINO

Letra e música: Maciel Melo

Sobe uma fogueira no meu corpo,
Bate uma zabumba no meu coração.
Geme a concertina no meu peito,
Soa pelos quatro cantos do salão
E uma cantiga do poeta Marcolino
Faz o povo dançar o “Pássaro Carão”.

Agoa o chão que nessa sala de reboco
Todo tempo é pouco pra esse povo vadiar.
Inda mais que hoje vi o Nicodemos
E nós sabemos Nicodemos como é
Mexe, mexe, sacoleja e rodopia
Até sua Maria, Josefina e Dagmar.

E no chiado do chinelo chinelando,
Arrocha a nega e sai cheirando,
Xoteando sem parar.
Lá no outro canto tá a Severina,
A paraibana que o poeta falou.
Tá moendo, como diz o Zé.
Tá mexendo, arrepiando Zé.

E nesse xote ela remexe a noite inteira;
É tão faceira, dançadeira, é de Sumé.

SAUDADE MARCOLINO

Letra e música: Júnior Vieira.

O caboco Marcolino,
Desde o tempo de menino,
Já trazia o seu destino
Na palma de sua mão;
Ai, que “Saudade imprudente”!
“Minha Crença” tá descrente,
“Sabiá na seca” sente
Falta do “Pássaro Carão”.

Da “Fulô de Cumaru”
Eu faço um buquê pra tu.
No trem pra Caruaru
Vou cantando, “Quero Chá”.
“Recordando o Ceará”,
Lembro “Casa de Caboco”
E a “Sala de Reboco”
Teu cantim de namorá.

Na “Cantiga de Vem-Vem”
Somente tristeza tem.
“Flor Rainha” lembra quem
Tirou “Fogo sem Fuzil”.

“Serrote Agudo” sem gado
E o “Matuto Aperreado”
Por não ter mais do seu lado
Quem decantou o Brasil.

“Cacimba Nova” já tá
Quase a ponto de secar.
Já não dá mais pra “botar
Severina pra moer”.
“Salão de Barro Batido”
Hoje tá tão esquecido,
Foi tão pisado e querido,
Tudo faz lembrar você!

Ah! Poeta Zé Marcolino,
Menino me diz onde é que tu tá?
Ai, saudade! José Marcolino, amigo meu,
Você não morreu, somente mudou de lugar.

MORTE MALVADA

Dedé Monteiro:

Morte malvada, por que não passaste
Mais dez segundos pra cruzar a pista?
Bastava isto... Mas tu te apressaste
E assassinaste nosso grande artista.

Sei que nem sabes o que aconteceu
Pois nunca paras pra refletir nada.
Mas se quiseres saber quem morreu
Pergunta ao povo de Serra Talhada!

Pergunta aos filhos, à família enfim.
Tribo saudosa, longe do Pajé;
Pergunta a todos, mas esquece a mim
Que sou suspeito pra falar de Zé!

Pergunta a Louro, Rei dos trocadilhos,
Ao velho Pinto, que está vivo ainda
E aos mil poetas que também são filhos
Da mesma musa cuja luz não finda!

Sai perguntando, não sossega mais...
Indaga à lua, faz pergunta ao vento...
E, com certeza, tu depois verás
Muitos motivos de arrependimento.

Quem pôs na estrada tanta poesia
Não merecia ter morrido nela.
Morte malvada, Zé não merecia...
Por que fizeste uma traição daquela?

Prata soluça... Paraíba geme
A dor imensa desta perda enorme.
Tu nada sentes, mas minh'alma treme
Lembrando o gênio que pra sempre dorme.

Serrote Agudo, Sala de Reboco,
Cacimba Nova, Pedra de Amolar,
Rolinha Branca... Tudo fala um pouco
De quem calaste pra jamais cantar...

Deixaste em luto toda a região...
Ficamos todos na maior saudade...
Calaste o HOMEM, mas o NOME, não,
Zé Permanece pra POSTERIDADE...

A ESTRADA MATOU QUEM JÁ CANTOU
O MAIS BELO POEMA DA ESTRADA.
(mote do repentista Sebastião Dias)

Luís Homero Nunes:

Foi dotado de grande inspiração
Decantando poema nordestino.
Era simples igual qualquer menino
Defendendo a cultura do sertão,
Pois cantou a rolinha e o Carão
E o barro pisado das latadas.
Quando olhei suas mão postas, cruzadas,
Vi o dia do mês que ele falou!
*A estrada matou quem já cantou
O mais belo poema da estrada.*

Foi boêmio, poeta e seresteiro;
Demonstrava o sertão como se canta;
Possuía a sanfona na garganta
E o ritmo de Jackson do Pandeiro.
Não sabia o valor tão verdadeiro,
Nem pensava na vida ameaçada,
Pois seu carro partiu em disparada
No momento em que a vaca atravessou.
*A estrada matou quem já cantou
O mais belo poema da estrada.*

Não vi mais cinco dedos delicados
Batucando forró em uma mesa.
O baião perde o doce e a beleza,
Os acordes estão desafinados,
Os pandeiros não tocam ritmados,
Nicodemos errou uma passada;
E a listra de pólvora na chapada
O sereno da noite desmanchou.
*A estrada matou quem já cantou
O mais belo poema da estrada.*

Severina esqueceu o requebrado,
Júlio Preto parou de tocar fole,
Pois não sabe mais nem como é que bole
Com a ponta dos dedos no teclado.
O Carão se mudou, ficou calado,
Nunca mais despertou a madrugada
E a parede da casa rebocada
Rouxinol que cantava se calou.
*A estrada matou quem já cantou
O mais belo poema da estrada.*

Manoel Filó:

Eu não creio na força do destino.
Só respeito os poderes do acaso,
Porque Cristo não vai marcar um prazo
Para haver o sequestro de um menino;
Nem também segurar Zé Marcolino,
Controlando o horário da chegada,
Para que não faltasse uma passada
Nem sobrasse pra onde a rês correu.
*A estrada matou quem escreveu
O mais belo poema da estrada.*

Cariri agoniza, aceita e chora,
Pajeú se comporta pesaroso
Sem ouvirem o som melodioso
De quem cedo da vida foi embora.
A surpresa que presta, tem demora,
A notícia ruim é apressada.
A família por mais angustiada
Que esteja, não sofre mais que eu.
*A estrada matou quem escreveu
O mais belo poema da estrada.*

*A ESTRADA LEVOU QUEM ESCREVEU
O MAIS BELLO POEMA DA ESTRADA.*

Gregório Filó:

Não vi mais uma “Pedra de Amolar”
No oitão de uma “Sala de Reboco”
“Severina”, em Sumé, dançando coco
Nem o “Pássaro Carão” adivinhar.
O “Vem-Vem” não diz mais quem vai chegar
“Marimbondo” mudou-se da latada;
“Sabiá” inda arrisca uma toada,
Mas a “Rolinha Branca” emudeceu.
*A estrada levou quem escreveu
O mais belo poema da estrada.*

A “Saudade Imprudente” e roedeira
Maltratando o “Matuto Aperreado”
“Rio da Barra” se sente angustiado
Sem o fogo da “Boca-de-Caieira”
“Lobisomem” não sai mais sexta-feira
“Nicodemos” já é coisa passada
“Socorrinha” não socorreu em nada
E o “Pedido a São João” nada valeu.
*A estrada levou quem escreveu
O mais belo poema da estrada.*

Vanilson de Souza Silva:

Acabou-se a metade da nação
Com a morte do grande Marcolino,
Um poeta que teve o seu destino
De compor grandes obras pro sertão.
Mas deixou o seu nome neste chão;
Com certeza cumpriu sua jornada.
Sua história será sempre lembrada;
O Brasil chorou quando ele morreu.
*A Estrada matou quem escreveu
O mais belo poema da estrada.*

DEZ ESTROFES PRA ZÉ

- Brás Ivan Costa Santos

“A estrada matou quem escreveu,
O mais belo poema da estrada”
Proclamou o poeta potiguar
Quando Zé fez a última caminhada.
Pajeú tua roça de improvisado
Com o sangue de Zé foi irrigada.

Quando morre um poeta, a passarada
Silencia, prestando uma homenagem.
Mas no caso de Zé, “Passo” carão
Pra cantar, revestiu-se de coragem!
Entoou uma triste “incelença”
Pra José no aceiro da rodagem.

Quando Zé fez a última viagem,
O sertão lamentou sua partida;
O seu corpo mortal desceu inerte,
Sua alma imortal subiu pra vida,
Tudo isso ligeiro, sem dar tempo
De dizer um adeus por despedida.

A matéria na terra carcomida,
Mas o nome de Zé está inteiro
Pois enquanto houver *Pedra de amolar*
Esquecida num canto de terreiro,
Seu silêncio será uma homenagem
Ao poeta que lhe cantou primeiro.

E enquanto no céu limpo e trigueiro
Lua nova servir de ornamento,
De José o seu nome e poesia
Nunca vão sucumbir no esquecimento.
Pois a lua brilhando não se esquece,
Que José era dela ciumento.

Se alguém batucar o “instrumento”
De uma “caixa de fósforo” indefesa,
Ritmando uma música de José
Pra platéia de conversa de mesa,
Quer dizer que a luz dos versos dele
Na memória do povo está acesa.

Se alguém, ao olhar, sentir tristeza
Dos escombros do seu *Serrote agudo*
E olhando para a *Cacimba nova*,
A saudade lhe trave e deixe mudo,
Quer dizer Marcolino, que teus versos
No teu simples dizer, disseram tudo!

Quando o passo pequeno e miúdo
De uma *Rolinha branca* caminhando
Por acaso, servir de inspiração
Pro poeta que está improvisando,
É um verso de Zé, vivo, insistindo
Em um outro poeta germinando.

Prometi fazer dez versos glosando
Sobre Zé meu (poeta e menestrel)
Mas termino com nove, deixo o último
Para aquele pra quem tiro o chapéu
Pegue a deixa poeta, faça o décimo,
Sua deixa, eu pegarei no céu!

NA POEIRA DA SALA DE REBOCO
O SERTÃO ESTÁ SEMPRE REUNIDO
(Mote de autor desconhecido)

- José Mauro de Alencar:

Numa casa de taipa do sertão
A parede de barro é rebocada
Com colher de pedreiro é inaugurada
Com a festa da “Grande Reunião”
A *quadrilha* se espalha no oitão
Depois dentro da casa do espremido
O xaxado ao deixar o chão batido
Bacamarte lá fora dá pipoco
Na poeira da sala de reboco
O sertão está sempre reunido.

Beiradeiro do rio São Francisco
Quando tira da mala a concertina
Dá uma nota que agita a dançarina
Rodopia no vento e sai corisco
Chego perto da moça e lhe belisco
A cintura ela olha, eu convido;
Pra dançar no salão, fui atendido,
Dancei xote, baião, xaxado e coco.
Na poeira da sala de reboco
O sertão está sempre reunido.

Marcolino cantou a experiência
Que viveu numa casa do sertão
Pra mulher que tocou seu coração
Uma música fez com grande essência.
Constatou no final dessa vivência
Que o amor nele tinha florescido
Mas depois pelo tempo foi punido,
Pois o tempo com os dois ficou bem pouco.
Na poeira da sala de reboco
O sertão está sempre reunido.

TOCA O VENTO NO TERÇO DA SAUDADE
NO PESCOÇO DA CRUZ DE MARCOLINO.
(mote do saudoso poeta Cicinho Gomes)

- Diomedes Mariano:

Onde está o poeta sepultado
O silêncio é maior que noutro canto.
O semblante da noite espalha o pranto
Que o céu ocultou pra ser chorado.
Um morcego cochila pendurado
Nos destroços de um túmulo pequenino.
Um botão de roseira forma um sino
No jazigo de cal quer a rama invade.
Toca o vento no terço da saudade
No pescoço da cruz de Marcolino.

Quando morre um poeta genial,
Do rosário do céu foge uma conta.
O impacto da perda causa afronta
Nas cavernas do peito cultural.
Foi assim com Cancão e Lourival,
Dimas, Jó, Espinhara e Zé Faustino,
Que partiram sem rumo e sem destino,
Atirando o sertão na orfandade
Toca o vento no terço da saudade
No pescoço da cruz de Marcolino.

Marcolino se foi pra o último sono
Desfalcando a cultura tão faminta.
A caneta de letras está sem tinta,
O reinado da música está sem dono
Quem foi Rei sem coroa, império e trono,
Virou Príncipe no Céu de Deus divino
Com a perda do vate nordestino
O Nordeste morreu quase a metade
Toca o vento no terço da saudade
No pescoço da cruz de Marcolino.

HOMENAGEM A JOSÉ MARCOLINO

Repentista Zé Vicente da Paraíba

“Ele foi o xexéu da madrugada, nas alegres latadas do Nordeste”.

A José Marcolino, o meu irmão,
Eu envio uma taça e um troféu.
Estas peças que seguem para o Céu
Cada uma terá uma narração.
E o efeito da grande oração
Ensinada por nosso salvador,
Que Jesus dê perdão ao pecador
Que do seu acidente padeceu.
Paraíba perdeu um filho seu
E o Nordeste perdeu o seu cantor.

Pobre vaca! Também não foi culpada,
Foi somente a tragédia impiedosa,
Programando uma cena dolorosa,
Vitimando o poeta da *Estrada*.
Chora toda família amargurada
Sem remédio nenhum pra sua dor.
Prantos, luto na casa, é um horror,
Nunca mais alegria apareceu!
Paraíba perdeu um filho seu
E o Nordeste perdeu o seu cantor.

Quando foi o espírito desligado
Da matéria do vate, que tristeza!
Transformou-se na hora a natureza
Que ficou o espaço acinzentado.
E o vento soprou acelerado,
Houve até a mudança no calor;
Colibri foi beijar, errou a flor,
Sabiá quis cantar, emudeceu.
Paraíba perdeu um filho seu
E o Nordeste perdeu o seu cantor.

Eu não sei numerar as emissoras
Que, naquele momento lastimável,
Anunciaram a perda irreparável
Para aquelas pessoas sofredoras.
Pelas notas demais constrangedoras,
Cada hora aumentava o dissabor.
No velório do bom compositor,
Cada amigo ao chegar, entristeceu.
Paraíba perdeu um filho seu
E o Nordeste perdeu o seu cantor.

Vi Apolo choroso no ocaso
E as musas chorosas lhe seguindo,
Com profundas saudades, assistindo
Ao velório do mestre no Parnaso.
Comovente demais aquele caso
Que abalou todo nosso interior.
Ninguém pode queixar-se do doutor,
Tanto esforço que fez nada valeu.
Paraíba perdeu um filho seu
E o Nordeste perdeu o seu cantor.

A tristeza imperou no Cariri,
Pajeú, Afogados, São José,
De Campina, Esperança até Sapé,
Houve luto fechado em Picuí,
Serra Branca, Ouro Velho, Sabugi,
Currais Novos, Parelhas, Equador,
Entre a Prata e Monteiro é o setor
Que o poeta nasceu e lá viveu.
Paraíba perdeu um filho seu
E o Nordeste perdeu o seu cantor.

Cajazeiras, Pombal e Santo André,
Mamanguape, Solânea, e Guarabira,
Desde Serra Talhada até Tabira,
Mundo Novo de Inácio Jacaré;
Boqueirão, Cabaceiras e Sumé
Foi ali um famoso trovador.
Musicista dotado e cantador,
Não quis ser violeiro como eu.
*Paraíba perdeu um filho seu
E o Nordeste perdeu o seu cantor.*

Só nos resta fazermos orações
Lá em Serra e também na catedral,
Celebrar uma missa no local
Que sofreu as primeiras aflições.
Quebradura de ossos e tendões
Com mudança de um plano a outro plano;
Doze missas pra ele a cada ano...
Era fã de José a Nicodemos
E se o Papa aceitar, nós mandaremos
Celebrar cinco ou seis no Vaticano.

*VINTE ANOS QUE A SAUDADE
TÁ MORANDO EM NOSSO LAR*
(Mote de Fátima Marcolino)

Wellington Vicente:

Sei que Raimundo Jacó
Ganhou um bom companheiro,
Mas uma enchente de dó
Fez no meu peito um barreiro.
E a saudade, num estouro,
Arrebenta o sangradouro
Que eu me ponho a chorar,
Pois fiquei na soledade.
Vinte anos que a saudade
Tá morando em nosso lar.

O meu sertão nordestino
Ficou triste sem seu filho,
Porque José Marcolino
Foi cedo emprestar seu brilho
Ao que já tem o Infinito,
Mas seu aboio bonito
Irá nos apresentar
À Suprema Majestade.
Vinte anos que a saudade
Tá morando em nosso lar.

Ficamos eu e o Bira,
O Walter e outros parentes
Saudosos, seguindo a mira
Do alvo dos seus repentes.
E a santa inspiração
Nas horas de aflição
Vem logo nos consolar
Com a musicalidade
Vinte anos que a saudade
Tá morando em nosso lar.

:

MARCOLINO
(comentado por seus próprios versos)

Ivo Mascena Veras

“Para contar a miúdo
Quem já foi serrote agudo”
Ele fez o seu estudo
Do presente no passado,
Olhando o “touro enraivado
Fazendo revolução,
Berrando, cavando o chão”
Como um ente sensitivo.
Ele traça o perfil vivo
DE MINHA TERRA: O SERTÃO.

Acha o tempo bem pouquinho
De verdade, muito pouco,
Numa sala de reboco
Pra dançar com seu benzinho;
O fole toca baixinho
Para abrir seu coração
A esse tempo que lhe dão
“O amor pede mais fuga”
- Esse pranto não se enxuga
NA MINHA TERRA: O SERTÃO.

“Pássaro carão cantou”
“É bom inverno que vem”.
O “Anum chorou também”,
Todo mundo se animou,
Porque o carão cantou
E esse canto do carão
É como “Pólvora no chão”
Que Marcolino dizia:
- É sagrada profecia
DE MINHA TERRA: O SERTÃO.

Inda estremece na cova
Com seu vozeirão pesado
Para cantar o passado
Da velha *Cacimba nova*;
Faz cenário, dá a prova,
Reconstrói o casarão,
Faz corrida de mourão:
“Touro assombrando vaqueiro”
É retrato verdadeiro
DE MINHA TERRA: O SERTÃO.

E quando canta o *vem-vem*
O negro fica doidinho,
Olha a curva do caminho
“Por fim não chega ninguém”,
“Penso que é você que vem”,
“Escoro o rosto com a mão”
E essa desilusão
Que atormenta muita gente,
É um retrato patente
DE MINHA TERRA: O SERTÃO.

São João, a festa minha,
É a minha brincadeira.
Vou acender a fogueira,
“Convidar Dona Chiquinha
Para ser minha madrinha
Na fogueira de São João”.
“Me aconselha o coração”
Como Marcolino disse,
O retrato e a crendice
DE MINHA TERRA: O SERTÃO.

Eu não sei pra onde ia
“Minha Santa moreninha”,
“Minha flor, minha rainha”,
“Teu olhar naquele dia”.
“Quase morro de agonia”
“Pela tua ingratidão”.
“Revelava indecisão”
- Como ele disse outrora,
Inda tem gente que chora,
DE MINHA TERRA: O SERTÃO.

Poeta e compositor,
Tinha em tudo o dom da graça.
Cada dia que se passa
Aumenta mais seu valor.
Esse grande sonhador
Fez vento entoar canção;
Botou música no carão;
Marcolino é, em verdade,
Prazer, orgulho e saudade
DE MINHA TERRA: O SERTÃO.

A saudade me crucia
Se não ouço o “Sabiá”.
Meu Deus onde é que está
O sabiá que eu ouvia?...
“Vem cantar somente um dia,
Lá no galho do chorão”!
“Vem cantar pelo verão”,
“Pra tanger minha tristeza”
- É assim a natureza
DE MINHA TERRA: O SERTÃO.

Sem saber do mandamento
Do estético-literário,
Tornou-se extraordinário
No mundo do “fingimento”.
Como artista de talento,
Foi além do seu torrão,
Causando admiração
A muito homem letrado!...
É hoje um ídolo adorado
DE MINHA TERRA: O SERTÃO.

PÉ DE BAIÃO
(Para Zé Marcolino)

Alberto Oliveira

Velho poema esquecido
Jazia em papel rasgado...
Chorava desesperado
Sem entender o sentido.
Ninguém dava a ele ouvido,
Gritando na solidão.
Zé lhe deu a sua mão
Lhe tratou como semente
E viu nascer de repente
Fronroso pé de baião...

Do LIVRO DOS REPENTES (Fundarpe -1991), organizado por Jaci Bezerra e Ésio Rafael, colhemos os improvisos de João Paraibano e Sebastião Dias, durante o IV Festival de Cantadores do Recife, em 1989.

TEMA: Gonzagão e Marcolino

JP – Vamos falar dos artistas
Que mais agradaram ao povo.
Gonzaga já morreu velho,
Marcolino morreu novo.
Se separaram na terra
Se uniram no céu de novo.

SD – Marcolino ainda novo
Partiu deixando troféu.
Luiz Gonzaga deixou
A sanfona e o chapéu.
Dois gênios estão nos túmulos
E o baião voou pro céu.

JP – Cada um era um xexéu
Pousando na mesma rama.
José foi compositor,
Gonzaga galgou a fama.
Zé se acabou na estrada,
Gonzaga morreu na cama.

SD – Os dois artistas de fama
Cantavam pra os peregrinos
As lavouras dos roçados
E os bois de tangerinos.
A música ficou viúva
Sem esses dois nordestinos.

JP – Os seus irmãos nordestinos
Sem eles perderam a calma,
Que no canto que cantaram
Receberam muitas palmas.
O chão recebeu dois corpos
E o céu recebeu duas almas.

SD – Marcolino entre palmas
Recebeu o seu mistério.
Eu vi quando Gonzagão
Saía do seu império
E a procissão das sanfonas
Em busca do cemitério.

JP – A morte é um drama sério,
Transforma o riso no choro.
Um tinha o dedo mágico
E o outro a voz de ouro.
É um de chapéu de massa,
Outro de chapéu de couro.

SD – Os dois valiam tesouro
Sem precisar buruçu.
Um monarca foi embora
Da sequidão do Exu
E Deus calou o bem-te-vi
Das margens do Pajeú.

ZÉ MARCOLINO, O POETA



Zé Marcolino, Manoel Filó, Antonio Pereira,
escutando um Cego cantador – Janeiro/1978.
(Acervo da família)

Zé Marcolino, o Poeta.

Uma das várias faces do talento de Marcolino era a sua veia poética para improvisar e escrever versos populares.

Zé Marcolino era um exímio observador das coisas da natureza. Prova disso são as sextilhas improvisadas:

No inverno do sertão
Vê-se um touro furioso,
Jogando terra no lombo
Como que esteja raivoso,
Mostrando a vitalidade
Que tem do capim mimoso.

Sabido é o fura-barreira
Que mede o chão pra cavar.
Cava um buraco bem fundo,
Mas quando vai se aninhar,
Entra na casa de costas,
Pra ficar bom de voar.

Certa vez, estava com o poeta Firmo Batista, em Monteiro/
PB, e começou a cantar, brincando e batendo na mesa de um bar.
Firmo terminou uma sextilha dizendo:

Nossa morada é o ponto
Que nos dá mais confiança

Pegando na deixa, Marcolino improvisou:

Daqui eu mando lembrança
Mais segura e mais direta
Pra minha choupana humilde,
Onde reside um poeta,
Sete filhos, uma esposa,
Felicidade completa.

Amante que era dos pássaros sertanejos, o 'caboclo Marcolino' fez os belíssimos poemas:

EU E O CARÃO

Deitei-me uma ocasião
Devido a pouca saúde;
Acordei por, no açude,
Cantar, penoso, um carão
Entoava uma canção
Ou por outra, mesmo um hino;
Imitava um violino,
Acordei, não dormi mais...
Quantas notas musicais
Num crânio tão pequenino!

Só sei que a dificuldade
Tava na alma da gente.
Eu soluçava, doente.
Ele, a cantar com saudade.
Talvez fosse uma amizade
Que o fizesse sofrer.
Prantos no seu padecer
Vieram tocar nos meus.
Eu, de cá pedindo a Deus
Alívios pra meu viver.

Comecei a meditar
Em minha imaginação...
Penso que aquele carão
Cantou pra me consolar.
Senti que o seu cantar
Acalmou as minhas dores.
Ele, pelos seus amores,
Eu, pela questão nervosa;
Naquela noite inditosa,
Éramos dois sofredores.

Ele cantava sem calma
No açude, atrás de um morro.
Suas notas de socorro
Deixaram alívio em minh'alma.
Da paz, eu ouvi a palma
E melhorou tudo, enfim;
Tava um bulício o capim,
O vento soltava açoite,
Parece até que a noite
Fazia preces pra mim.

Seu cantar foi se alongando...
Eu de cá da cama, ouvindo;
Eram dois entes sentindo,
Um cantando, outro chorando...
Onde estará pousando
Com seus tons harmoniosos?
Os meus momentos nervosos
Graças a Deus, já passaram.
Se os seus aliviaram,
Somos dois vitoriosos.

PRIVADO DA LIBERDADE.

Afastado da campina,
Fica o canário tristonho.
A tristeza lhe domina,
Por ver seu irmão por sonho.
Sem voar pelo baixio,
Sem ver a água do rio,
Aumenta a sua saudade,
Sem se afastar do calvário
E assim, vive o canário:
Privado da liberdade.

Se lembra da aroeira
De lá do pé de serrote;
Lembranças da quixabeira
Que vivia o seu magote.
De sofrer, já não se aguenta
Com os paus que o sustenta,
Sem ter culpabilidade...
Por encontrar quem lhe prive ,
Sem ter pena de quem vive
Privado da liberdade.

Sem ver o jatobazeiro
Que nele sempre vivia;
A sombra do umbuzeiro
Na calma do meio dia;
Ele, com tristeza canta,
Mas o desgosto lhe espanta,
Por estar preso na grade;
Que assim não lhe consola,
Vivendo numa gaiola,
Privado da liberdade.

O seu desgosto é sem fim,
Por não ver seu irmãozinho.
Os fragaços de capim,
Que construíam seu ninho.
E o pobre, na prisão,
Lhe chega recordação,
Mágoa, pranto, crueldade...
Isto afasta seu prazer,
Por estar, sem merecer,
Privado da liberdade.

Canta triste, na prisão,
Aquele cantar sem gosto.
Aquilo é recordação
À falta do seu encosto.
Ficou o seu camarada
Sozinho, lá na chapada
E de vê-lo tem vontade...
Sofrer por ser indefeso;
Como é triste se estar preso,
Privado de liberdade!

Leva sua vida aflita
Por recordar um passado;
Que a fruta da parasita
Tinha um doce açúcarado.
Recorda-se do graúna,
No olho da baraúna,
Com sua sonoridade...
E hoje, no cativoiro,
Pelo seu dono grosseiro,
Privado de liberdade.

Tenho pena do canário
Que não fez mal a ninguém.
Fazê-lo um presidiário
Sem tirar vida de alguém.
O deixe cantar voando,
Que o campo está lhe esperando
Na maior ansiedade...
Seja humano e consciente,
Não se deixa um inocente
Privado de liberdade!

Oh! Que malvado alçapão,
Com o teu golpe tremendo!
Foi pela tua traição
Que hoje vivo sofrendo.
Tu a mim causaste queixa;
Tua porta quando fecha,
Traz a contrariedade...
Tu, sem compaixão de mim,
Por que me deixaste assim
Privado de Liberdade?

HISTÓRIAS DE ZÉ MARCOLINO



Zé Marcolino no programa
SOM BRASIL - 1985
(Acervo: Marcos Passos)

Histórias de Zé Marcolino

Com seu jeito simples e seu vozeirão peculiar, Zé Marcolino prendia a atenção de quem o escutava contar os causos do povo sertanejo. Do seu anedotário vêm as seguintes histórias:

Certa vez, Marcolino, que tinha um defeito no olho, esbarrou em um bêbado pela rua, perguntando logo em seguida:

- Por que não olha por onde anda?

O bêbado:

- E o senhor, por que não anda por onde olha?

De outra feita, Marcolino foi a um hotel em Carnaíba/PE e pediu um almoço. A mulher trouxe a comida fria e sem gosto. Aí foi Zé Marcolino:

- Moça, eu não quero essa comida, não.

- Por quê?

- É porque estou com gripe e não posso comer coisa gelada.

Em outra ocasião, Zé chegou a sua casa já muito tarde, meia noite mais ou menos, e falou:

- Que é que tem aí pra comer?

Dona Maria do Carmo:

- Bem, só tem um resto de bucho que sobrou. Eu posso esquentar, se você quiser.

Zé Marcolino:

- Quero não! Comer bucho a essa hora é mesmo que dizer: “Jesus tá me chamando”.

O amigo e pesquisador Zelito Nunes repassou-me as duas histórias seguintes, que Marcolino costumava contar:

Pedro Marcolino, pai do poeta Zé Marcolino, era um velho honrado, divertido e de boa conversa, que morreu já beirando os cem anos, completamente lúcido, curvado pelo peso dos anos. Uma coisa chamava a atenção nele: permanecia em pé fosse o tempo que durasse a conversa, não sentava de jeito nenhum, comprovando a resistência e a rigidez do sertanejo.

Zé Marcolino contava que seu Pedro vinha um dia do Sítio Cachorro Morto, onde tinha um roçadinho, quando encontrou um rapaz ainda muito jovem, que era seu afilhado:

- “A bença, padrinho Pedro”!

- “Deus te faça feliz, meu filho”!

- Meu padrinho, o senhor não sabe o que foi que aconteceu comigo semana passada aqui mesmo neste corredor!

- Sim, mas o que foi?

- Uma raposa, acho que tava doida, botou em mim e eu corri e pulei esta cerca de avelós, e ela pulou atrás, subi naquele serrote, e ela subiu atrás, pulei aquela cerca de arame farpado, e ela ali pega-não-pegas, aí foi quando eu vi que ela pegava mesmo e subi naquela braúna, acolá.

- O senhor imagine... tudo isso e eu com uma espingarda carregada nas costas.

- Pois, meu filho, você teve muita sorte!

- Por que meu padrinho?

- Porque eu não sei como ela não tomou essa espingarda, e não atirou em você!

A serra do Teixeira, que dá nome à cidade da Paraíba, faz parte da cordilheira da Borborema e abriga no seu platô, a cidade do Teixeira, terra de poetas, terra dos ancestrais da família Nunes.

Do topo da Pedra do Tendol, a gente avista a bela cidade de Patos, no vale das Espinharas, uma das cidades mais quentes, pela sua localização geográfica e também uma das mais bonitas do Estado.

A serra do Teixeira concentra mistérios e lendas indígenas que até hoje não foram desvendados até porque a sua vegetação composta de resquícios de Mata Atlântica fica praticamente impenetrável, durante todo o tempo.

Os mais antigos contam que onças enormes atacavam os currais vizinhos e subiam a serra, arrastando bois enormes pelas patas traseiras.

Marcolino falava de uma cobra muito grande, que morava numa loca no pico da serra e só descia uma vez por mês, pra beber água e pegar garrotes que ficavam no vale.

Diziam que no rastro que ela deixava, passava um carro de bois e ainda sobrava rastro pros lados.

Um dia, os caçadores da região resolveram enfrentar o monstro e a notícia se espalhou até pelos Estados vizinhos, de onde vieram os mais valentes e exímios atiradores.

Já durava uma semana o tiroteio em cima da serra, sem que ninguém conseguisse matar aquele dragão.

Foi quando uma pessoa deu o palpite:

- Isso aí só tem jeito com seu Vicente, um velhinho caçador de Monte Orebe, lá na fronteira com o Ceará.

Lá vai o recado pra Seu Vicente, que uma semana depois chega com uma lazarina, um bernal velho e dois cachorrinhos vira-latas.

- “Amanhã eu quero sair ainda de madrugada veia, no escuro que é hora boa de matar cobra”.

Foi dormir e logo de madrugada, quando os passarinhos ainda dormiam, tomou o rumo da serra que de tão alta, só quando deu meio dia é que ele chegou à metade dela.

De repente começou a ouvir tiros e, preocupado, apressou o passo, quando cruzou com dois caçadores de serra abaixo, em desabalada carreira.

- Meu Deus, perdi minha viagem, já estão atirando na cobra!

Nisso, um dos caçadores ainda teve tempo de gritar:

- Tão não meu amigo, esses tiros que o senhor tá ouvindo não é tiro não, é a cobra batendo as pestanas!

No seu livro "*CANTADORES, PROSAS SERTANEJAS E OUTRAS CONVERSAS*", Zé Marcolino nos conta o seguinte caso:

"No interior, é difícil se ver um caboclo daqueles pra não ser um sujeito hospitaleiro, direito e honesto". No entanto, quando aparece algum treteiro, é pior mesmo do que os da cidade grande. Passa a ser condenado por todos e vive na mira de todos da redondeza.

Um desses morava na propriedade de um cidadão, fazia mais de dez anos. O proprietário, apesar de ser um tanto tímido, fora advertido para o problema legal da ocupação da propriedade por muito tempo e alertou o seu morador: "Procure retirar-se de minha propriedade e vá logo se arrumando em outra!".

O camarada ficou meio pensativo; mas, sabendo que seu patrão era tímido, como a maioria dos homens do interior, e que ir à justiça, ou ser chamado à responsabilidade é uma desfeita, preparou uma cilada: foi diretamente ao Juiz daquela comarca. Entrou no Cartório com o chapéu debaixo do braço e, com um linguajar conforme a sua capacidade e esperteza de treteiro, diz ao Dr. Juiz: "Eu moro na propriedade de Duda de Pedro Melo, há dez anos, pagando tudo certinho, como manda a lei: de quatro, um. Ontem, ele me deu um despejo, de dentro pra fora, mandando que eu desocupasse sua propriedade".

- O senhor tem, nessa propriedade, alguns bens de raízes?

- Tenho sim, senhor.

- O quê?

- Eu planto coentro.

O Dr. Juiz, reconhecendo a treta em que estava envolvido, agitado, diz: "Desocupe a propriedade do homem, dentro de vinte e quatro horas!".

O sujeito saiu, desconfiado, e foi logo traçando um plano do que deveria fazer. Sem perder as esperanças e confiado na ingenuidade do patrão, foi-lhe ao encontro e disse: "Eu já fiz a sua cama, lá, junto ao Juiz". Ao que o patrão, assombrado, respondeu: "Retire a queixa e more por mais dez anos!".

Marcolino contava que Neco, sobrinho e afilhado de Sebastião Bernardo (Cona) de Ouro Velho-PB, chegou para onde estava o padrinho (Neco, desacreditado, vagabundo...) e falou:

- 'Padim', eu roubei uma moça.

Cona:

- Pra botar onde?

Neco:

- Oxen, 'Padim' não sabe mais onde bota...



Zé Marcolino e Rolando Boldrin
(Acervo: Marcos Passos)

Durante o programa SOM BRASIL, da Rede Globo, exibido em 1985, apresentado pelo ator, poeta, compositor e grande declamador Rolando Boldrin, Marcolino conta a história de um 'cabra' que foi caçar, na Semana Santa:

Aí, o mestre poeta popular Chico Pedrosa escreveu o poema a pedido do repentista Sebastião Dias, em homenagem ao mestre Zé Marcolino:

HISTÓRIA DE CAÇADOR

O poeta é um escravo
Das coisas que a mente dita.
Ela traz, ele interpreta,
Desdobra, escreve e edita;
Depois, corre e mostra ao povo
Aquele trabalho novo,
Tecido em fios de amor,
Como Marcolino fez,
Quando contou, uma vez,
O causo do caçador

Que, na sexta-feira Santa,
Depois d'uma lua cheia,
Inventou uma caçada,
Na chapada da Aldeia.
Calçou um par de botina,
Preparou a lazarina,
O borná de munição,
Botou água na cabaça
Pendurou no cós da 'caça'
E foi chamar Tubarão.

Tubarão se arrepiou,
Olhou pro céu e ganiu,
Chamando a atenção do dono
Que viu, mas fez que não viu.
Sem dar importância à data,
Caminhou até a mata,
Onde caçar, começou;
Das seis até uma hora,
Fora apito da caipora,
Nem um sibito piou.

Às duas horas da tarde,
Na sombra de um arvoredor,
Sentou-se pra descansar
Junto às pedras d'um rochedo.
Não resistindo ao cansaço,
Fez travesseiro do braço,
Até dormir e sonhar,
Que uma onça valente
Armava, na sua frente,
Um bote, pra lhe pegar.

Quando ele abriu os olhos,
Viu uma onça chegando,
Quase rente com o chão,
Devagar, se peneirando,
Doida pra lhe devorar...
Raimundo pegou suar,
Apontou-lhe a lazarina;
Quando foi puxando o dedo,
Lá, de cima do lajedo,
Ouvindo a voz da felina:

“Seu caçador, não atire,
Peço por Nossa Senhora!
Não me mate que eu tô choca,
Tenha calma, vá embora!”.
Quando Raimundo ouviu isso,
Se valeu de ‘Pade Ciço’
E fez fiapo no mundo;
E o cachorro do lado,
Mais d’uma hora, colado
No calcanhar de Raimundo.

Doido, desorientado,
Perdido, sem direção,
Desabou sob uma moita,
Seguido de Tubarão.
Lá pras tantas, despertaram,
Frente a frente, se olharam,
Raimundo se espreguiçou,
Se sentou, riscou o chão,
Olhou para Tubarão,
Deu um suspiro e falou:

“Tubarão, meu velho amigo,
Companheiro de jornada,
Na vida de caçador,
Nunca me assombrei com nada.
Já me perdi nas montanhas,
Já ouvi vozes estranhas,
De quem, também, se perdeu...
Mas, hoje, foi de lascar;
Nunca vi bicho falar!”.
Tubarão disse: “Nem eu!”

Raimundo teve um desmaio,
Quando ouviu essa resposta;
Tubarão deu um ganido,
Botou o rabo nas costa
E sumiu no giro da venta.
Até hoje, se comenta
Que Raimundo se espanta,
Quando relembra o passado,
Provando que é pecado
Caçar na Semana Santa.

Outras características marcantes da personalidade do mestre Zé Marcolino eram a sua extrema emotividade e o seu altruísmo, comprovados em algumas passagens de sua vida:

Certo dia, o poeta, que havia comprado um par de sandálias de couro, entrou em casa descalço e soluçando. Dona Maria do Carmo perguntou o motivo...

- É porque passou um caba agora, me pedindo esmola... Eu olhei pros pés dele, que tava com umas sandálias Havaianas (Os calcanhares pisando o chão). Pensei comigo: Eu tenho mais condições de comprar umas sandálias do que ele. Aí, deis as minhas...

- E você tá chorando por causa de uma besteira dessas?

- Não! É porque ele foi daqui, até lá em cima, no final da rua, andando e olhando pros pés!

Bira Marcolino conta que em outra ocasião, o poeta voltou pra casa, com os olhos cheios d'água... Zé Marcolino deu uns 'trocados' a uma criança pedinte, que lhe perguntou:

- O senhor tem mãe?

- Não!

- Pois eu tenho. Quer ir morar comigo?

TAL PAI, TAL FILHO



Walter Marcolino
(Acervo: Marcos Passos)

Walter Marcolino, quinto filho do poeta Zé Marcolino, extremamente extrovertido, vez por outra nos brinda com sua singular presença de espírito:

Quando Zé Marcolino viajou com o Rei Luiz Gonzaga para o Rio de Janeiro, deixou a família morando numa casinha humilde, no sítio Pio Nono. Os meninos, para abastecer a casa de carne, caçavam numa época em que havia mais preás do que gente.

Dona Maria do Carmo, criativamente, preparava para o almoço: preá assado, preá ao molho, preá à milanesa...

Walter, já enjoado de tanto comer preá, observou:

- Ô mãe, só tá faltando a senhora fazer doce de preá!

Certa noite, Dona do Carmo preparou uma sopa de pescoço de galinha... E Walter exclamou:

- Mãe, essa sopa tá parecendo que é de girafa!

Zé Anastácio me contou que um dia, quando estavam caçando passarinhos, Walter matou um tetéu, pássaro que segundo a crença sertaneja, quem provar de sua carne perde o sono.

Anastácio advertiu:

- Se tu comer esse tetéu vais ficar quatro noites sem dormir!
- Vou guardá-lo pra comer no carnaval...

Walter viajava de avião, bebendo um bocado, pra espantar o medo; pede mais uma dose de Uísque à aeromoça, que lhe diz:

- A bebida alcoólica acabou.

-Você não sabe onde a gente pode comprar uma cachacinha, não?

Walter Marcolino, que é pintor e desenhista, certa vez pintava algumas letras em um muro, quando chegou 'Coquinha', sua mulher, cansada do trabalho:

- Eu vou pra casa tomar um banho e descansar, porque depois disso eu fico outra pessoa...

E ele:

- Pois então vá logo!

Em viagem para a cidade de Exu, Walter Marcolino foi ao hotel *Asa Branca*, onde Luiz Gonzaga encontrava-se com o grande sanfoneiro Dominginhos. Walter se aproxima e cumprimenta o Rei, que o confunde com seu irmão Anastácio:

- É você que é o médico?

E Walter, na maior simplicidade:

-Não, sou o doente.

Dia desses, Walter estava indo de Serra Talhada para Petrolina, com Fabinho de Luís de Dande (num fusca!), quando uma blitz o parou logo depois de Santa Maria da Boa Vista-PE. Aí, um guarda novato, querendo mostrar serviço, antes de mandar Walter usar o bafômetro, perguntou:

- O senhor ingeriu bebida alcoólica, hoje?

E Walter, na maior tranquilidade:

- Não, mas tô com uma vontade da gota serena!

MUSICOGRAFIA

Nas páginas seguintes, apresentamos grande parte das sempre inspiradas composições do poeta Zé Marcolino; várias delas com o ano de registro em cartório e algumas com a explicação do poeta sobre a motivação para fazer as músicas:



Zé Marcolino, um ano antes do seu encantamento
(Acervo: Karoba Nunes)



Casarão da fazenda Serrote Agudo, situada a 11 quilômetros da cidade da Prata/PB, onde, hoje, fica um assentamento do INCRA.
(Acervo: Joselito Nunes)

SERROTE AGUDO (baião, 1953).
(parceria com Luiz Gonzaga)

Passando em Serrote Agudo
Em viagem incontinente,
Vendo a sua solidão,
Saí pensando na mente.
Eu vou fazer um estudo
Pra lhe contar a miúdo
Quem já foi Serrote Agudo,
Quem está sendo no presente.

Já foi um reino encantado,
Foi berço considerado,
Quem conheceu seu passado,
Acha muito diferente.
Aonde o touro em manada
Berrava, cavando o chão,
Fazendo revolução
Em época de trovoada.

Dando berros, enraivado,
Por achar-se enciumado.
Do seu rebanho, afastado,
Gado que lhe pertencia.
Na sombra do juazeiro,
Já lhe esperando o vaqueiro
Com seu cachorro trigueiro
Como seu grande vigia.

Vaqueiros e moradores,
Encantos, belezas mil,
Onde reinavam os fulgores
De um major forte e viril.
Rijo, porém animado,
Fazia festa de gado,
Onde o vaqueiro afamado
Campeava todo dia.
Hoje, sem major, sem nada,
Só se vê porta fechada,
Não se vê mais vaquejada,
Não reina mais alegria.

CINTURA DE ABÊIA (arrasta-pé, 1954)

Ai, ai, ai,
Te amo, moreninha!
Isso já faz tanto tempo,
Desde tu pequenininha.
Ai, ai, ai,
Te amo, moreninha!
Não nasceste pra ser d'outro,
Tu nasceste pra ser minha.

Quando eu te via em pequena,
Uma coisa me atentava:
O jeito do teu andar
Era o que eu mais reparava,
Fingindo não te querer
E tu não adivinhava
Que o amor cá dentro d'eu
Há tempo se aninhava.

Ai, ai, ai (...)

Teus óios, duas quixabas;
Tua boca, uma corola;
Teus dentes da cor de leite;
Teu corpinho de viola;
Tua cintura de abêia
Quem olhar não se controla,
O forte perde a razão,
Sendo fraco, perde a bola.

Ai, ai, ai (...)
Esse sujeito abeiudo
Te ganhou, minha querida.
Te misturaste com ele,
Porque foste mal ouvida.
O destino, esse perverso,
Com essa sina atrevida,
Veio mexer com tua sorte,
Trapaia a nossa vida.

MARIMBONDO (baião, antes de 1962) (parceria com Luiz Gonzaga)

O marimbondo vindo peneirando a asa
Pra entrar em nossa casa,
Chega chuva no sertão.
Pode esperar, que nesse ano é bom inverno.
É porque o Deus eterno
Protegeu o meu sertão.
Marmeleiro ensemanta,
Chega arribação

O sertanejo pega a enxada, animado,
E trata cedo do roçado
Com a maior satisfação
Nós mata a fome da mulher e nossos fio,
Dança coco e assa mio,
Na fogueira de São João.

Setembro vem aí!
Tem safra de algodão. (bis)

Pelo São João
É tudo em redor da fogueira
E uma morena faceira
Fala com toda atenção:
Ô, Seu Mané,
Você vai ser meu compadre
E eu vou ser sua comadre
Em louvor a São João.

São João drumiu,
São João acordou.
Vamos ser compadres
Que São João mandou. (bis)

Todos os compadres
Arrodeando a fogueira
E o resto da vida inteira
Vai conservar união

MATUTO APERREADO (baião, 1962)
(parceria com Luiz Gonzaga)

Eu vou,
Vou, volto, já.
Eu vou m'imbora
Vou voltá pra meu lugar.

Eu vou (...)

À procura de aventura eu vim aqui,
Só pensando minha vida melhorar.
Foi o contrário: chego aqui, vejo a piora,
Por motivo de eu não me acostumar
Com coisinhas que não tem na minha terra
E aqui vejo toda hora sem parar.

Com coisinhas que não tem na minha terra
E aqui vejo toda hora sem parar.

Eu vou (...) bis

Fico doido com tanta fala de gente
E a zoadada de automove a me assustar.
Se na rua vou fazer um cruzamento,
Tenho medo e não posso atravessar
Desse jeito eu sou franco em lhe dizer:
Mais um dia aqui não posso ficar.

Eu vou (...) bis

Lá, deixei o meu cavalo, minha sela,
Minha rede que comprei no Quixadá.
Que eu armava na latada do terreiro
Pra Zefinha, meu amor, me balançar
Sou caboco que nasceu lá no sertão
Tenho orgulho em dizer que sou de lá.

Sou caboco que nasceu lá no sertão (...)

Eu vou (...) bis

CANTIGA DE VEM-VEM (baião, 1962)

Vivo sempre escutando
A cantiga do vem-vem.
Quando ouço ele cantando,
Penso ser você que vem;
Fico de ôi no caminho,
Por fim não chega ninguém.

Ai, ai, ai, por fim não chega ninguém. (bis)

Quando perco a esperança,
Parece uma tentação.
Me sento lá no terreiro,
Escoro o rosto com a mão.
Sem planos, pobre coitado,
Fazendo um risco no chão.

Ai, ai, ai, fazendo um risco no chão. (bis)

Tá vendo, meu bem, tá vendo
Como é doce querer bem?
Faz inté levar em conta
A cantiga do vem-vem.

Ai, ai, ai, a cantiga do vem-vem (bis)

PEDIDO A SÃO JOÃO

Se Deus quiser,
Vou embora pro sertão

Se Deus quiser...

Pois a saudade
Me aconselha o coração;
Manda que eu vá
Convidar dona Chiquinha
Para ser minha madrinha
Na fogueira de São João.

Manda que eu vá...

Chegando lá,
Desabafo a minha mágoa.
Encho uma garrafa d'água,
Depois enterro no chão.

Peço a São João
Que apele pro soberano
Que é pra ver se para o ano
Chove cedo em meu torrão.

Peço a São João...

CABOCO NORDESTINO (baião, 1963)

Caboco humilde e roceiro,
Disposto e trabalhador,
No remexer da sanfona
Escuta esse cantador,
Que no baião fala ao mundo
Teu grandioso valor!

Que no baião (...)

E tu caboco que vives
Com a enxada na mão,
Trabalhando o dia inteiro
Com a maior diversão,
Sem invejar a ninguém
Satisfeito a trabalhar.
Cada vez mais animado,
Esse teu suor pingado
Grandeza e honra te dá.

Na tua humilde palhoça,
Só se vê felicidade.
Tu, quando chegas da roça,
Te sentas mesmo à vontade,
Pra comer teu prato feito,
Na mesa ou mesmo no chão.
A filharada em rebanho,
O teu prazer é tamanho
De quem possui um milhão.

Aqui nessa vida humana,
Ninguém é melhor que tu.
Escuta essa homenagem
De um cabra do Pajeú
E outro do Rio Brígida
Dos carrascais do Exu!

E outro do Rio Brígida...

Zé Marcolino:

“Essa foi uma das músicas que Luiz gravou, que apareceu um pouco. Fui muito feliz com ela. Foi assim:

Eu fiz a primeira música, Serrote Agudo, que tive a sorte de ela aparecer. Então, o dono de Cacimba Nova chegou aonde eu tava e disse: “Marcolino, descreve também a fazenda de meu pai!”. Aí, perguntei onde era a fazenda do pai dele, que disse: “Lá em Cacimba Nova”. Eu falei: Sei, João Ferreira. Eu conhecia também. Mas eu só gosto de fazer aquilo que sentia... Como é que eu vou descrever um negócio sem sentir? Ele disse: “Passa por lá um dia”. Então, certa vez, passei por Cacimba Nova e falei justamente o que vi, porque ele me cativou, procurou dar uma assistência numa época em que eu tava passando por uma fase meio de sacrifício, e ele me dando toda assistência. Então, veio o fator de eu fazer toda a música que, graças a Deus, fui feliz com ela”.

CACIMBA NOVA (toada-baião, 1964)
(parceria com Panta)

Fazenda Cacimba Nova,
Foi bonito o teu passado.
Ainda estás dando a prova
Pelo que vê-se a teu lado:
Um curral grande pendido,
Um carro velho esquecido,
Pelo sol, todo encardido,
Sentindo sem paradeiro
Falta da junta de bois,
Que lhe levavam, de dois,
Obedecendo ao carreiro.

Resistente casarão
Em que as festas rolavam,
Quando os vaqueiros brincavam
Em corridas de mourão.
O touro velho berrando,
No tronco do pau, fungando,
Os seus chifres amolando
Com o maior desespero,
Com heroísmo tamanho
Em defesa do rebanho,
Fazendo medo a vaqueiro.

Quem te vê, sai suspirando,
Lamentando cada instante.
Vendo o tempo devorando
O teu passado brilhante.
Mas, rogo a Deus para um dia
Reinar-te ainda alegria,
Paz, sossego e harmonia,
Voltando a felicidade,
Que um sentimental vaqueiro,
Passando no seu terreiro,
Solte um aboio de saudade!

MACHADO CORTADOR (forró, antes de 1965)

Eu comprei esse machado,
Tipo de primeira.
E mandei botar esse cabo
De boa madeira.
E veja bem que é escolhido,
Que é de quixabeira
E seu gume tá amolado
De não dar canseira.
Foi preparado a propósito
Pra madeira torta
E abra o ôi, tome cuidado,
Que o machado corta.

Tome cuidado que o machado corta (...)

E abra ôi, tome cuidado, que o machado corta.

O cabo desse machado
Foi vinte mil réis
E seu corte tá aprumado
De não ver os pés.
Pra miolo de braúna,
Não sou eu que gabo,
Que foi Pedro Marcolino
Que botou o cabo.
Já mandei botar por ele
Pra fazer a porta
E abra ôi, tome cuidado,
Que o machado corta.

Tome cuidado que o machado corta (...)

E abra ôi, tome cuidado, que o machado corta.

Ajeite o tronco do pau,
Limpe a redó,
Prepare bem direitinho,
Não deixe cipó.
Cuidado com o gume dele
No seu mocotó,
Que se pega de mau jeito,
É de fazer dó.
Tô cansado de avisar
E você não se importa.
Abra o ôi, tome cuidado,
Que o machado corta!

FELIZ CHOUPANA (toada, antes de 1965)

Vivo contente lá no meu ranchinho
Com meus filhinhos a me consolar.
Se me perturbo por luta do dia,
Minha Maria vem me animar.
E eu que gosto de uma melodia
Que ela canta pra me controlar.
Assim eu vivo na minha palhoça,
Sigo pra roça ao amanhecer
E do começo ao fim da semana,
Volto à choupana ao anoitecer.
Trabalho muito, faço um bom bocado
E o enfado faz-me adormecer.

E o meu galo canta em hora certa.
Já me desperta por obrigação.
Também acorda-se a minha Maria
Com alegria no coração.
Felicidade é o que conheço
E desconheço a desunião.

Felicidade é o que conheço (...)

RECORDANDO O CEARÁ (baião, antes de 1965)

Coração do meu Nordeste
Não me canso em ti pensar.
Vives na minha lembrança
Cada instante, sem cessar.
Terra Santa, abençoada,
Ô, querido Ceará!

Terra Santa, abençoada (...)

Às margens do Jaguaribe,
Os bonitos coqueirais,
Parecendo um lençol de esperança,
Reunidos aos palmeirais.
Carnaubeiras que imitam morenas,
Um de lá, outras de cá,
Todas de leque na mão,
Abanando o Ceará.

Todas de leque na mão (...)

Ai, ai, ai
Que desejo, que saudade me dá! (bis)

Ô, desejo, não deixe que eu fique,
Ô saudade, me leva pra lá! (bis)

LONGE DE CASA (xote, antes de 1965).

Eu vou pra minha terra,
Vou pro meu sertão,
Matar essa saudade
Que magoa o coração.

Eu vou pra minha terra, (...)

Deus do céu,
Dá-me asas pra voá,
Pra num segundo,
Num momento, eu chegar lá!
Ver as coisinhas que faz tempo
Que não vejo.
Ah! Se eu visse agora
Pra matar o meu desejo.

Minha Maria
Que me dá consolação,
Prenda preciosa,
A flor do meu sertão,
Ela é a alegria,
A inspiração,
Estrela que me guia,
Nas noites de escuridão.

E a distância
Me deixa falando só,
Em lembrar meu torrãozinho,
Minha terra, meu xodó.
Minha casinha que
Ficou lá no sertão;
Dormir ao meio-dia
Lá na sombra do oitão.

SERTÃO DE AÇO (xote, antes de 1965).

Se você visse como é o meu sertão
Aí você diria que eu falo com razão

Se você visse como é o meu sertão (...)

Lavoura lá, dá só com um cheirinho de chuva.
Tem resistência o milho e o feijão.
Com uma chuva em cada mês, lá tudo aumenta,
Que a lavoura lá aguenta
Trinta dias de verão.

Tem ano lá que o inverno é animado.
Lucram remessa num canto e noutros não.
O sertanejo inda não se desespera.
Com coragem, inda espera
Pela safra de algodão.

Havendo safra, nem é bom falá...
Meu Deus do Céu! E com tanto samba que há,
O sertanejo esquece logo o tempo ruim,
Infinca o pé na dança sem sentir cansaço.
No outro dia, cuida da obrigação.
Digo por essa razão
Que meu sertão é de aço.

FORRÓ DO CURRUIPIO (forró, antes de 1965).

Ô Severina
Vá na barda da cangalha,
Traga a pedra e o fuzil
E o meu cigarro de palha!
Corre, menina,
Vá depressa, chame Roque,
Diga a ele que me traga
Algodão pra o corrimboque!

Ô Severina (...)

Traga pouquinho,
Vá poupando o meu paió,
Só quero que traga o tanto
De botar no matricó!
Deixe a reserva
De Zefa fazer pavio,
Que também quero outro tanto
Pra o fuso, pra fazer fio,
Pra Mané fazer cordão,
Pra botar no currupio!

NO PIANCÓ (xote, 1961)
(parceria com Luiz Gonzaga)

Você não pense
Que é só no Moxotó
Que tem cabra extravagante,
Ele não está só.
Vou lhe provar
Que também no meu Estado
Tem sujeito viciado
Como tem no Piancó:
Se atira pra burro brabo
E segura no mocotó.

Dar nó em cobra
Isso lá é brincadeira.
Vi cabra pegar peixeira,
D'ela retalhar-lhe a mão;
Montar em touro,
Amansar, botar a canga;
Vi um cabra de Pitanga
Fazer isso em conceição.
Lá, viveu Clementino
Que brigou com Lampião.

Lá tem morena, tem,
Que tem sorriso, também.
Que, indo lá um alguém,
É de ficar de chorar.
Morena que a natureza
Lhe confiou a beleza,
No Piancó,
Quem vai lá,
Não que voltar.

Morena que a natureza (...)

QUERO CHÁ (polquinha, 1965)
(parceria com Luiz Gonzaga)

Morena eu quero chá, eu quero
Chá, eu quero chá morena bela
Eu quero chá. (bis)

Já, já, já, já morena bela eu
Quero chá. (bis)

Pula, pula moreninha não deixa
O samba esfriar
Catuca Zeca do fole
Para o compasso agitar
Nas tantas da madrugada
Antes da barra quebrar
Vai depressa na cozinha
E traz chazim pra nós tomar.

Já, já, já, já morena bela eu
Quero chá. . (bis)

CIÚME DA LUA (baião, 1969).

Lua bela tão querida,
Testemunha dos amores,
Tocaram nesse teu corpo
Três cabras conquistadores;
Te pegaram descuidada,
Tomaram do teu perfume
E eu fiquei atormentado,
Já pra morrer de ciúme.

E eu fiquei atormentado (...)

Também deve estar chorando
O pássaro Jurutaí,
Seresteiro apaixonado
Que tanto canta por ti.
Sonhadores suspirando,
Tristemente soluçando,
Minha querida Jaci!

Lá no céu também reclama
Casimiro de Abreu.
Castro Alves também canta,
É grande o desgosto seu.
Catulo banhado em pranto
E Zé da Luz, descontente,
Começa a chorar baixinho,
Dizendo pra Santo Agostinho:
Tomaram a noiva da gente.

Começa a chorar baixinho (...)

CASA DE CABOCO (xote, 1975)

A minha casa fica lá num pé-de-serra.
Assim de lado tem um pé de juazeiro,
Onde as meninas lá de casa, bem cedinho,
Levam comida pra galinhas no chiqueiro.
Vê-se um peru todo inchado de orgulho,
Arrepiado, fazer voltas no terreiro.

Lá eu me sinto
Mais feliz, mais animado
Lá grita alto
Eu e o galo no poleiro.
A rafameia lá de casa me atende,
Tudo lá me compreende
Devido eu ser bom caseiro.

Na minha casa,
Quando é tempo de verão,
O vento entoa canção
Pelas telhas da biqueira.
Parece Deus
Conversar pela garganta
De um rouxinol que canta
Em cima da cumeeira.

Parece Deus
Conversar pela garganta...

SINAIS DE INVERNO (baião registrado em 1976)

Ah! Meu Deus,
Como é grande a minha terra!
Quanto é bela, numa noite de luar!
Quando se olha
Para o Céu todo estrelado,
Todo rendado
De versinhos a lhe enfeitar...
Duas manchas, lá no sul, aparecendo,
E quando vê-se o carrego bem manchado,
É uma prova de que a chuva logo chega
E a colheita vai trazer bom resultado.

É uma prova de que a chuva logo chega (...)

Vem a fartura, a bonança,
Ô que beleza!
A natureza faz essa revelação,
O sertanejo fica alegre na certeza
Do festejo, na fogueira de São João...
Nesse dia, quanto é grande a farreada!
E a moçada pega fogo no sertão.

NÊGA SEVERINA (baião, 1976)
(parceria com Zé Mocó)

Bota Severina pra moer, Zé!
Bota Severina pra dançar!
Ô Julio Preto, cabra macho, puxe o fole,
Pra ver se a nega se bole,
Deixe a nega rebolar!

Bota Severina pra moer, Zé! (...)

Paraibana da cidade de Sumé,
Nega que dança firme na ponta do pé.
Quando essa nega
Dança ameaçando a gente,
Pedaço de nega quente,
Deixa o corpo em bambolê
Pra judiá,
Quando ela arrocha a cintura,
Mata qualquer criatura
Quando aperta o rolitê

RIO DA BARRA (xote, 1976)

Oh, Deus! Me manda pr'aquela terrinha
Que ela é só minha,
Quero pra mim só!

Aquele tempo que passei na farra,
Lá no Rio da Barra,
Pernambuco, Moxotó.

Aquele tempo que passei na farra (...)

Velhos momentos
Que tirei proveito...
Saudade em meu peito
Repisa e se bole.
Recordo as danças do velho Argentino,
Cabra nordestino,
Puxador de fole.

Rio da Barra...
Pareço estar lá.
Vejo ele de cá
Na imaginação...
Eu amo tanto aquele lugarejo!
Fecho os olhos e vejo
Na recordação.

Eu amo tanto aquele lugarejo! (...)

FLOR DAS CABACEIRAS (baião, 1976)

Cor de burreguinha Cristiana tem.
Flor das cabaceiras que eu quero bem.
Olhos de safira, mimosa menina,
Da cor da neblina da manhã que vem.

Olhos de safira (...)

Tão pequenininha, mimosa teteia,
Vinda das entranhas da mais rica ideia.
É de boa origem, branquinha inocente.
As mais belas coisas tão na sua frente.

É de boa origem (...)

Quando está sorrindo, é um bugari.
Quando está com raiva, é como não vi.
Como quem entende, fica coradinha,

Fica vermelhinha da cor dum caqui.
Quando a paz lhe chega, fica prazenteira.
Flor das cabaceiras do meu cariri.

Quando a paz lhe chega (...)

VAQUEIRO MAGOADO (toada registrada em 1977)

(Falado)

Vaqueiro, que tanto pensas
E ficas impressionado?
O teu patrão te feriu?
Brigaste com o bem amado?...
Por que não vês que és tão grande?
Tua grandeza se expande
Por todo nosso sertão.
Te inspira o som do chocalho;
Teu patrão sem teu trabalho,
Deixará de ser patrão.

Segue vaqueiro,
Pela tua estrada,
Tangendo a boiada,
Falando sozinho!
O tropel do gado
Te faz inspirado;
Resmungas baixinho.

Ê, ê, ê, ô, ê...

Ê, ê, ô, ê...

Ê, ê, ê, ô, ê...

Ê, ê, ê, boi.

Esse gado ronzeiro
De andar vagaroso,
Te serve, vaqueiro,
Te espanta o nervoso...
Sacode no mato
A tua paixão
E as queixas profundas
Que tens do patrão!

SUSPIRO DE CABOCLO (fórró registrado em 1977)

Tem muita coisa que a gente
Só aguenta a pulso,
Obrigando a natureza
Pra não chorar, não.
Quando se está ausente
Como eu me vejo,
A saudade faz lembrar
A primeira ilusão.

O tempo em que eu rodava,
No chão duro, o meu pião;
Corria de cabra-cega,
Mais Marica e Bastião.
Quando eu brincava do Topa
No poço do Riachão.
A saudade renitente
Dói no coração.
Quantas vezes tô pensando
De olhos fechados
E, pela vista da mente,
Vejo meu sertão!

Ô saudade impertinente,
Toma outro rumo!
Deixa, ao menos, esse caboco
Ter consolação!
Pelo tanto que padece,
Ainda achas pouco
E tu assim, dentro do peito,
Dando machucão.

A distância já me deixa
Tão atormentado!
Pra me ver aliviado,
Dou um suspirão.
Eita sertão! Eita sertão!

PAIXÃO DE MATUTO (xote registrado 1977).

Meu sangue esquenta,
Fica o corpo chumegando,
Quando vejo ela passando,
Fazendo um bamboleado.
Eu fico preso
Na sua saia amarela,
Que aquele corpinho dela
Tem beleza e tem pecado.

Eu fico preso (...)

Dela, pequena,
Fui a primeira ilusão.
Morei no seu coração
Nesse tempo de bonança.
Essa criança
Foi crescendo e foi crescendo,
Hoje é grande e me ofendendo
E quando eu vejo a Juliana,
Meu coração
Fica dando pinicada,
Igualmente a ferroada
De abelha italiana.

Meu coração (...)

PROTESTO DE MATUTO (baião registrado em 1977)

Na minha terra,
Na festa da Conceição,
Era fogo, era balão
Que fazia admirar.
Mas hoje em dia,
Nova época, nova gente,
Tanta coisa diferente
Faz até se ignorar.

Mas hoje em dia (...)
Um salão grande
Com gente de fidalguia;
Não vão mais pro outro dia
Aquelas festas de lá.
O chão da dança
Fica assim alumando,
Ensebado, escorregando
Só caroço de juá.

O chão da dança (...)

E as canelas
Do povo que tá dançando
Atrás das outras marchando,
Que nem pernas de imbuá.
O cavaleiro
Na cavaleira grudado
E ela com um resmungado
De abelha de arapuá.

O cavaleiro (...)

Eu fui pra festa
Mas tive arrependimento,
Eu vi um bando de instrumento,
Não gostei da confusão:
Umas violas que o povo chama guitarra,
Que grita que só gangarra
Na semente do pinhão.

Umas violas (...)

PÁSSARO CABORÉ (Baião registrado em 1977).

Canta assim, dizendo: foi,
O pássaro caboré.
O seu canto denuncia
Tristeza, Eu penso que é.
Tu, feioso passarinho,
Cantas tua solidão.
No sofrer não estás sozinho;
Na mágoa sou teu irmão.
O meu amor foi, foi, foi,
Foi embora e não veio mais, não.

E eu fiquei cantando assim...
De vê-lo perdi a fé.
Nossa mágoa não tem fim,
Passarinho caboré.

CONVITE AO BAIÃO (baião registrado em 1977)

Vamos gente, dançar o baião,
O baião vamos todos dançar,
Porque ele manobra com a gente,
É quem faz o pagode esquentar! (bis)

Se pega a cabocla de jeito,
Deixando seu corpo bambear.
Com o braço direito na cintura,
Dois passinhos, um pra lá,
outro pra cá.

Dá-se o grito no cabra da sanfona:
Fale o dedo pra farra animar!
E o corpo na base do costume
E a ela no tempo de parar.
Dá-se um muito obrigado,
Bem macio,
Pra fazer a morena penar.

CORUJA CABULOSA (marchinha canção registrada em 1977)

Coruja sangrenta,
Comes carne crua,
Gostas mais da noite,
A noite não é tua;
É dos namorados;
A noite é da lua;
É do seresteiro
Que canta na rua.

De dia te escondes,
És complexada.
De noite se escuta
Tua gargalhada.
De noite me enches,
Quando na estrada,
Passo palestrando
Com a namorada.

SÃO JOÃO NA MINHA TERRA (marchinha registrada em 1977)

Ai, ai, ai
Meu São João,
Minha terra, minha gente,
Meu pedaço de sertão.
Ai como eu tenho
Recordação
De um acender de fogueira,
Da subida de um balão. (bis)

É tanta coisa
Na sala, tanta alegria...
Zefa chama por Maria,
Teresa por conceição,
Com uma vasilha
Cheia d'água e uma agulha,
Só pra ver se ela mergulha
Pra essa adivinhação.

Que noite bela,
Uma da outra distante!
O meu peito soluçante,
Cheio de recordação.
E na saudade
Tão grande que estou sentindo,
Tô vendo um balão subindo
Pelos céus do meu torrão.

DOR DE COTOVELO (fórró registrado em 1977)

Essa danada
Só me bota em atropelo.
Não me deixa sossegado,
Só pra ver meu dismantelo.
Só faz pirraça
Por saber que eu gosto dela.
Quando me separo dela,
Sinto dor de cotovelo.

Me roga praga
Diz que sou sujeito ruim;
Diz que não quer mais me ver,
Mas fica encarnando em mim.
Faço promessa
Pra que eu não enlouqueça.
Vive aquela excomungada
Rondando em minha cabeça.

SOCORRO MORENA (xote registrado em 1977).

Coro

Socorro, Socorrinha,
Me socorra, por favor!
Vem ligeiro, moreninha,
Socorrer a minha dor! (bis)

Tanto que lhe imploro
Pra lhe ver! Me apresso e corro.
Tanto que lhe chamo!
Vivo a lhe pedir socorro
E você não vem.
Por você já vi que morro.

Fico até amalucado,
Lamentando a minha sina
De amar sem correspondência
Aquela mulher menina.
Para alimentar a dor,
Eu me vingo em tomar porre;
Chamo tanto por Socorro
E Socorro não me socorre.

FLOR DO PAJEÚ (baião registrado em 1977)

Minha morena
Do vale do Pajeú,
Cheira a mel de capuxú
O beijo que não te dei.

Há um segredo
Marcado pelo desejo,
Na quentura desse beijo,
Por tudo que desejei.

Me deixa louco
Esse teu corpo em manobra.
Nele, tem tudo de sobra.
Do que a sorte me negou.
Mas eu te espero
Pela vinda do amanhã,
Minha nutrida marrã
Que meu Pajeú criou.

FLOR RAINHA (marchinha registrada em 1978)

Revelava indecisão
Teu olhar naquele dia.
Pela tua ingratidão,
Quase morro de agonia.

Ai, ai, ai, minha santa moreninha;
Ai, ai, ai, minha flor, minha Rainha.

Invejo a tua grandeza,
Não sei por que fico assim,
Com ciúme da beleza
Que a sorte guardou de mim.

Ai, ai, ai, minha santa moreninha; (...)

Mesmo sem te conhecer,
Mode que eu te conhecia,
Muito antes de te ver,
Parece que eu já te via.

Ai, ai, ai, minha santa moreninha; (...)

Eu me perco num segundo
Olhando pra o teu olhar,
E que parece até que o mundo
Quer me dar-te o que não dá.

Ai, ai, ai, minha santa moreninha;(...)

ILUSÃO DE CABOCLO
(maracatu, antes de 1965, registrada em 1978)

Uma casinha modesta
No meu querido sertão,
Tendo de frente um roçado,
Um barreiro do lado
E um sombreão.
Pra no domingo de tarde
Tanger-se a saudade
Com um violão.

Pra no domingo (...) bis

Uma casinha (...) bis

Uma morena faceira entoando
Uma bonita canção
Uma redinha de malha
Debaixo do latadão
Para se ir embalando
E aos poucos matando
A solidão.

Uma redinha de malha (...)

Ô! Quanto é bela a ilusão!

SERTANEJO FORÇADO (fórró registrado em 1978)

Ai, meu Deus! Eu não sei que faça, não.
Deixar a minha terra, deixar o meu sertão,
Mas pra não ir embora,
Eu já tentei, não há recurso.
Vou sair daqui a pulso,
Vou sair 'nos empurrão'.

Vou recordar o luar da madrugada,
Um samba de latada,
Numa noite de São João.
O sabiá que cantava à tardinha,
Um bando de andorinha,
Numa manhã de verão.

Mas a saudade vem
E o meu peito chora,
Lembrar que, às cinco horas,
Cantava o salta-caminho.

Duas coisas que me matam,
Meu benzinho:
É ficar de ti ausente,
Passar sem teu carinho.

Duas coisas que me matam, (...)

CABOCLA MATADEIRA (baião registrado em 1978)

Ô Caboquinha,
Faça assim comigo não,
Tenha dó desse caboclo,
Não me mate de paixão!

Você líquida
Qualquer um sujeito à-toa.
No mundo, qualquer pessoa
Lhe entrega o coração.

Você, menina,
Desde a pequena idade
Que maltrata sem querer
E mata por perversidade.

Até a rua
Aonde você passeia
Deixa todo mundo louco
E é negócio de cadeia.

Zé Marcolino, durante um show que fez, na Semana Universitária de São José do Egito, em 1977:

“*PEDRA DE AMOLAR* foi uma música que o poeta Aleixo Leite Filho me pediu, para que eu descrevesse uma pedra de amolar. Só fez dizer isso e eu saí, sem motivação pra o poema.

Então, lá adiante, eu vi uma menina cortando, com uma faca, um pedacinho de pau e se queixava que a faca não prestava. Depois, passou a faca na pedra e disse que a faca era boa. Eu disse que boa era a pedra. Aí veio a motivação e eu fiz a música”.

PEDRA DE AMOLAR
(baião-modinha, 1965, registrado em 1978).

Com licença do senhor
Eu vou me apresentar,
Pra dizer quem é que sou:
Eu sou pedra de amolar,
Esse objeto pequeno,
Que leva sol e sereno
Dia e noite sem cessar.
Vivo do lado de fora
Sem ter descanso uma hora;
Peço ao senhor pra entrar.

Será que o pedido é aceito?
Será que eu tenho direito
De um cantinho pra repousar?
Diga se tenho, senhor!
Seus ferros sabem o valor
Que eu mereço em sua tenda.
O que é bom de mim começa,
Que eu sou quem amola a peça
De quem lhe faz encomenda.

O seu machado estimado,
Famoso, muito invejado,
De nome bem divulgado
Devido muito cortar,
Não pode me escurecer,
Deve é me agradecer,
Que eu sou pedra de amolar.

Ele vive em seus salões
Junto às boas refeições,
Recebendo os seus brasões
De cortador e polido.
O seu nome muito cresce,
O amolado aparece
E quem amola é esquecido.

Mas, com tudo isso, diga
A seus ferros de cortar,
Que eles são grandes e eu pequeno,
Mas sou pedra de amolar!
Mas sou pedra de amolar!

CABRA COIÓ (arrastapé registrado em 1978)

Ô Mariana,
Eu te faço um rogo:
Bota sal no fogo,
Ajeita o cocó.
E vai pra sala
Bem aferventada;
Vê se desagrada
Esse coió.
Pelo que vejo,
Esse cabrochinha
Com a Mariquinha
Quer fazer xodó.

Essa menina é a nossa estrela,
Antes, quero vê-la
No caritó,
Do que casada
Com um cabra incapaz.
Esse chupa-gás
Pra vadio, está só.
Pra cabra macho,
Sou bondoso e franco:
Pra alisar banco,
Eu tenho é cipó.

RECORDANDO SUMÉ (baião registrado em 1980)

Sumé, cidade criança,
Guardo na lembrança
Teu porte de fada.
Ouvi o teu grito
Teu nome é bendito,
És abençoada.

Vi o pico da serra,
Onde tudo se encerra, vi religião,
Fui até a igreja, lá onde a devota
Maria Guilherme fazia oração.

Fui até a igreja, lá onde a devota (...)

Eu vi teu progresso,
Louvei teu sucesso,
Quem te começou;
Teus melhores dias,
Graças a Farias,
Que te organizou.

Eu vi tanta bondade
Naquela cidade,
Olhei de pertinho;
Fiquei meditando,
Saí resmungando,
A saudade baixou.

DE SUMÉ A JATAÚBA (xote registrado em 1980)

Eu vou, mas esse ano eu vou
Rever meu sertãozinho,
Esse ano eu vou.

Eu vou, mas esse ano eu vou (...)

Vou ficar maluco
Ao chegar no meu sertão;
Vou pra Jataúba
No primeiro caminhão.
Já tô pensando
Na parada do caminho,
Em tomar meu cafezinho
Na casa de Seu Cidão.

Eu vou, mas esse eu vou (...)

Quero chegar lá
Mesmo no mês de Maria
Pra comprar com alegria
Uma roupa especiá
Pra farrear
Noite de Senhor São João,
Que me vende a prestação,
Dona Alice Guiomar

Eu vou, mas esse eu vou (...)

E me recordo
Das farrinhas de Sumé
Pescaria, vaquejadas,
Um encontro com Naé;
Pra se tomar
Pitu com rolinha assada
E a saudade tá danada,
Vou pra já, vou dar no pé.

ROLINHA BRANCA

(toada, antes de 1965, registrada em 1980)

Não encontrei em mulher nenhuma
Essa beleza que teu corpo tem;
Ele é alvinho, é da cor de espuma
E tem pureza que vem do além
E outras mais, que eu nem sei dizer,

E que procuro
E não vejo em ninguém.
Ai, ai, ai...
Cheiro da rosa, do bogari,
Rosto pequeno, arredondado
E bem corado como um cajuí.

Ai, ai, ai...
Cheiro da rosa, do bogari (...)

Tuas mãozinhas,
Teu pezinho pequeno,
Vivem comigo na imaginação.
Esse teu corpo
Todo tem veneno
E foi a causa
Da minha paixão.
Nele encontrei
Coisas diferentes,
Que acumularam-se
Em meu coração.

Ai, ai, ai...
Tua grandeza, tua perfeição
Andar faceiro de Rolinha Branca,
Que sai catando pedrinhas no chão

Ai, ai, ai...
Tua grandeza, tua perfeição...

TIRA ESSA MÃO (fórró registrado em 1980)

Tira o canário meu bem,
Tira essa mão!
Quero sentir a pancada
Que vem do teu coração.

Tira o canário meu bem, (...)

Deixa de dengo, meu amor!
Faz-me um carinho!
Dança juntinho
Da pessoa que lhe adora!
O mundo é nosso,
Enquanto o fole vai gemendo,
O povo vai se entretendo
E nós aproveitando a hora.

Tira o canário meu bem, (...)

Quero o meu corpo
No seu corpo se colando,
Se incendiando
Pelo fogo da paixão.
Nesse aconchego,
Lhe peço que não se zangue,
Quero sentir nosso sangue
No bater da pulsação.

AMOR INGRATO (baião registrado em 1980)

Você não sabe
Como dói uma saudade.
Você não sabe
Uma saudade como dói.
Você não sabe
Quanto vale uma amizade.
Você destrói
A nossa felicidade.

Você não sabe (...)

Meu coração
Que é todinho seu
E o seu coração
Que nunca foi meu;
Mas que culpa tenho eu
De amar, não ser amado
Por quem tanto quero bem?

Eu que tenho amor,
Tenho amor pra dar,
Você que não tem,
Só me faz penar.
E assim eu vou vivendo
A mim mesmo vou dizendo,
Mas não conto pra ninguém.

Eu que tenho amor (...)

CHEIRO DO POVO (fornó registrado em 1980).

Coro

Aconselho você ir,
Se você não foi ainda,
Ao fornó *Cheiro do Povo*,
Na cidade de Olinda.
E se lá você já foi,
Lhe aconselho a ir de novo
À cidade de Olinda
Pro fornó *Cheiro do Povo*.

É uma casa de família,
Todos são iguais
Tem comidas típicas regionais,
Decorações,
Cada uma em seu sistema:
Tem chapéu de palha,
Tem esteira e urupema;

No pé da parede tem
Roda de carro de boi,
Pra não morrerem as raízes
Do tempo que já se foi.

Organização quilombos,
Um grupo de cabra macho;
Tem zabumba, reco-reco,
Tem sanfona de Oito Baixos;
Força de calor humano
No balanço do rojão;
Você sente a noite inteira
O Norte no coração.
A recordação de lá
Tá me atacando de novo,
Vou-me embora pra Olinda,
Pro Forró *Cheiro do Povo*.

SAUDADE IMPRUDENTE (baião registrado em 1982)

Oh! Que saudade imprudente
No meu peito martelando,
Quando estou só me lembrando
Da minha vida na roça.
Quando alegre um rouxinol
Cantava pelo arrebol,
Quando centelhas de Sol
Penetravam na palhoça.

Minha casa era de arrasto,
Frente virada pro Norte,
Pra ser feliz, pra dar sorte,
Pra não se dar coisa ruim.
Parece aquilo eu tá vendo,
Pela lembrança doendo
E a saudade trazendo
Tudo pra perto de mim.

Conversa sem protocolo,
De fácil vocabulário.
Sem precisar calendário,
Eu fazia anotação
Na minha imaginação,
Eu achava tão comum
Contar mês de trinta e um
Nas dobras da minha mão.

Na minha imaginação, (...)

A DANÇA DO NICODEMOS (Parceria com Luiz Gonzaga)

Um certo dia fui a uma dança no Louro,
Que essa foi por desaforo, tava boa pra chuchu!
A maior troça, nesta festa, nós fizemos.
Lá, dançava Nicodemos, cardiado com pitu.

Pegava a dama e jogava para o lado,
Com o maior requebrado, pelo efeito do aço.
Tinha momento que ele se acocorava
E depois se levantava e não saía do compasso.

A assistência, ali, não dançou mais.
Moça, menino e rapaz, ficaro assustado em pé,
Olhando o drama, todos de braço 'encruzados',
Gritavam admirados, Nicodemos como é!

Ai menino, como faz o Nicodemos,
Ai menino, Nicodemos como é!

Ai menino, como faz o Nicodemos (...)

Causou sucesso, ali para muita gente.
Com excesso de aguardente, fez coisa de admirar.
Ele é calado, mas, 'bebo', pinta o caneco,
Se transforma em malandrecos
E dança xote de lascar.

Ai menino, como faz o Nicodemos
Ai menino, Nicodemos como é!

Ai menino, como faz o Nicodemos (...)

LOBISOMEM

Chico de Joana tem um caso triste
Que ninguém resiste ao ouvir contar:
Ele vira bicho na Semana Santa,
Só volta a si depois que o galo canta.

Ele vira bicho na Semana Santa, (...)

Cresce as unhas e fica dentuço;
Orelhas grandes, pelo de urso;
Leva sumiço, não dorme, não come,
Nessa fase que ele vira lobisOMEM.

Leva sumiço, não dorme, não come (...)

Essa história de lobisOMEM, diz a crença:
Enrabichado não há quem lhe vença.
O que ele faz não é porque quer,
É uma conta que ele está pagando,
Por viver galopeando, à procura de mulher.

É uma conta que ele está pagando (...)

Já existe um caso registrado com a Juvita
A coitadinha o que come, vomita.
O comentário que existe sobre o seu nome:
Ela sofreu excesso de comida
Ou então foi ofendida pelo lobisOMEM.

Ela sofreu excesso de comida (...)

Zé Marcolino:

“A *ESTRADA* foi Zé Rabelo que, certa vez, disse:

- Marcolino, já descreveste uma pedra de amolar, agora,
descreve a estrada!

Disse isso e eu saí, assim, aos poucos, raciocinando, fiz a
música e trouxe pra ele ver. Eu falei:

- Os campos eram esses que você via?

- Mais, ou menos!...

Então, não quero dizer o tanto que ele ficou satisfeito com a
música, como eu também fiquei”.

A ESTRADA (toada)

Seu moço, eu sou a estrada
Que você vive a pisar,
Sem a curiosidade
De nem uma vez pensar
Que eu sou a passagem das coisas
Nas devidas direções;
Que seguem as suas funções
Cada uma em seu lugar.

É por mim que se vai tudo,
Mensagem do mal e do bem.
Os outros resolvem as coisas,
Você resolve também.
E eu, lentamente, aceitando
Pelo direito e a razão.

No corpo imenso da terra
Eu sou um traço no chão
E no livro aberto da vida
Sou ponto de exclamação.

E no livro aberto (...)

Se às vezes ganho uma roupa
Que dão o nome de asfalto,
É pra o longe vir pra perto,
Ficando a distância a um salto.
Dão a mim, brilha nos outros
E não me serve a lordeza.

Eu sou o centro econômico
Que leva e traz a riqueza.
Veja bem como trabalho
Pra você, sem ganhar nada
E disposta a receber
Do mais fraco ao mais possante.
Você é o viajante, Seu moço,
Eu sou a estrada.

Você é o viajante, Seu moço, (...)

CASA DE CANTADOR (toada)

Tá vendo aquela casinha
Humilde, pequenininha,
Toda disfarçadazinha,
Junto àquele ribeirão?
Ela é de um pessoal
Generoso sem igual.
Seu chefe é um casal
Da mais perfeita união.

Quando um quer, o outro quer,
Feito marido e mulher.
Para o que der e vier,
Uma só opinião.
Seus filhos, obedientes,
Se apresentam, sorridentes,
Ao cruzares o batente
Dessa santa habitação.

A caçula, uma menina
Suave como a neblina,
Espanta a mágoa, a ruína
De um coração sofredor.

Você, mimosa Cecília,
Do pai, adoça a vigília
Como chefe de família
E além do mais, cantador.

MULHER CARENTE (samba)

Noto no seu rosto uma esperança;
Vejo uma tristeza em seu olhar;
Você, merecedora de carinhos,
Carente de um peito a lhe afetar;
Toda essa meiguice, essa ternura,
É a espera desse bem que há de chegar.

O chão que lhe criou, tem alegria,
Vaidoso do seu pé a lhe apalpar.
O vento que lhe sopra é sorridente
Por ter obrigação de lhe soprar.
Só eu que choro triste, amargurado,
Por não poder viver a lhe adorar.

Mas guardo esse amor forte que me prende.
Só a você que hei de venerar.
Que culpa tenho eu por amar tanto
Você, que está pra mim no singular?
Que sem você a vida nada vale.
Você minha oração, o meu altar.

SABIÁ NA SECA (baião)

Vem cantar na minha terra, sabiá!
Vem cantar pelo verão, sabiá!
Por que é que tu na seca, sabiá,
Abandona o meu sertão, sabiá?
Vem cantar somente um dia, sabiá,
Lá no galho do chorão, sabiá,
Pra tanger minha tristeza, sabiá
E matar minha paixão!

Vem cantar na minha terra, sabiá!(...)

Eu também sou que nem tu, sabiá,
Também sinto a mesma dor, sabiá,
Eu cantava todo dia, sabiá,
Quando via o meu amor.
Esse mesmo foi embora, sabiá,
Uma crise arrebatou.
Numa época traiçoeira, sabiá,
Veio a seca e carregou.

CABOCO DESCONFIADO (baião)

No norte tudo se muda
Quando, lá, o ano é seco!
O cabra pega o malote
Pra poder quebrar no beco.
A mulher fica na porta,
Chorando a separação
E ele sai resmungando
Com a dor no coração.

Se lança no pau-de-arara
Sem esquecer, um instante,
Que sua mulher ficou
Em estado interessante
E só por causa da seca,
Fica dela tão distante.

Lá pros lados de São Paulo
Arruma colocação,
Manda dinheiro pra casa,
Melhora a situação
E o cabra se mete logo
Numa roupa de azulão.

Por lá se aprende uma fala
Que não é como a da gente.
Com dois anos, volta ao Norte
Com a fala diferente.
Mas quando ele chega em casa,
Já acha o menino andando.

Vai abençoando os mais velhos
E o mais novo examinando
E pegando no nariz
Do mais novo que nasceu
Ainda desconfiado
Que o menino não é seu.

Marcolino, explicando a origem da música Toada da Felismina:
- Certa vez, naquela época em que as secas a gente não sabe se eram maiores do que essa, ou falta de comunicação na minha terra, o Paraná da minha região: a Serra da Princesa Isabel. Eu era apenas o administrador de uma fazenda e nela tinha uma família que devido às secas, estava pra se mudar. Eu não tinha condições de mandar aquela família ficar. E no meio daquela família, que eu fui ajudar a arrumar os troços em cima do caminhão... ia embora a mulher amada... Então, quando o carro ia saindo, lá numa curva, ela ficou na carroceria do carro e acenou com a mão, de lá... E eu fiquei naquela situação mais difícil da vida, e fiz uma toada intitulada: *Felismina foi embora*.

TOADA DA FELISMINA (toada)

Meu Deus, que grande destroço,
Quando há seca no sertão
Se arretira todo mundo
A procurar remissão
E vai-se inté a muié, “sua” Dona,
Que a gente entrega a paixão.
Como bem a Felismina
De minha imaginação.
Ela foi e eu fiquei
Chorando em pé no oitão
E lá de volta do caminho,
Ela inda deu com a mão.

Quando ela foi s'imborá
Era puxado o verão;
A fome atacava o povo,
Tava bem escasso o pão.
Quer ver crise, ela deixou
Em meu pobre coração.

FORRÓ DO FUZUÊ (forró)

Esse forró tem cheiro de terra quente,
O calor da nossa gente é uma figuração.
Em uma era de uma gente evoluída,
Nele tem sabor de vida de uma nova geração.

Ele balança num galope violento,
Enfeitando o momento da nossa imaginação.

Ele balança num galope violento, (...)

Faz recordar os velhos tempos atrás:
Uma dança de latada e uma lamparina a gás,
Um juramento feito pelo coração
De um ente apaixonado segurado pela mão.
Ele gerou-se forte, nordestinamente,
Motivado em nossa gente, não é um cateretê.

Ele é bem nosso, é forró do bole-bole,
Quanto mais se puxa o fole, mais aumenta o fuzuê.

Ele é bem nosso, é forró do bole-bole, (...)

SEMELHANÇA (samba)

Achei você parecida
Com quem mais amei na vida,
Com quem mais tive paixão.

Até a trança do cabelo
É como a dela.
Faz da outra paralela,
Só não sei o coração.

Até a trança do cabelo (...)

Até o jeito de andar,
De conversar
E um gesto no olhar,
Que machuca minha vida.

Você, querida,
O seu modo se trocou.
Falta você me querer
E me amar como ela amou.

MULHER ESPERANÇA (marcha)

Tua presença é minha esperança.
Fica aqui criança, dá-me a tua mão.
Não tem sentido quando estás ausente.
Se estás presente, é a solução.

Tudo que eu sinto por ti, confesso.
Meu amor te peço: vai-te embora não!

E na distância vem o desengano.
Uma hora é um ano, um minuto é um mês.
Quando tu voltas, me faz renascer;
Passo até a ser criança outra vez.
Vamos dançando e desabafando,
Vai se misturando meu suor com o teu.

Eu sinto a falta desse amor profundo
Me dizer que o mundo é todinho meu.

OBRIGADO, MEU DEUS (chorinho canção)

Obrigado, meu Deus!
Obrigado, Senhor,
Por me dar a vida,
Por tudo que sou!

Obrigado por mim
E por todos nós,
Pela respiração,
Pela minha voz!

Os meus olhos pra ver
Tão bonitos faróis;
Esse vento divino,
Essa brisa que passa,
A mim sopra de graça,
Sem nada cobrar.

Esse raio de sol
Que me suaviza,
Que me focaliza,
Pra vida me dar.
Esse espelho infinito,
Esse céu tão bonito,
Esse mundo sem fim,
Essa terra tão bela,
Que, do peito dela,
Dá tudo pra mim.

Obrigado, meu Deus!
Obrigado, Senhor,
Por me dar a vida,
Por tudo que sou!

Obrigado, meu Deus,
Pelo meu sentimento,
Pela velocidade
Do meu pensamento,
Que o que está à distância,
Me traz no momento!

Obrigado, meu Deus!
Obrigado, Senhor,
Por me dar a vida,
Por tudo que sou!

TEMPOS DE CRIANÇA

Vou dar uma volta no passado,
Pra rever o meu tempo distante.
Vou brincar de criança pra ver
Se espanto essa dor cruciante.
Só porque hoje sou grande,
Essa coisa me aperta e me rói,
Vendo o mundo de um jeito real,
Não suporto essa dor que me dói.

Na lembrança, me embalo e vou ver
O lugar onde, pequeno, vivi.
Aqueles brincadeiras de menino.
Aquele casinha onde nasci.
A burrinca de pau de umburana.
A cadência do meu berimbau.
Vou jogar a minha carrapeta,
Vou montar meu cavalo de pau.

E depois desse belo passeio
Pelo mundo que tive em criança,
Eu não sei como vou resistir
Ao efeito da grande mudança.

Vou baixar a cabeça, sentindo
Quanto bole com a gente a idade.
Depois, volto pro mundo em que estou
Para me alimentar da saudade.

MORAL DE CABOCLO

Não é possível que um cabra
Nascido no meu sertão,
No meio da vaqueirama,
Na corrida de mourão,
Se sujeita a certas coisas
Que lhe manchem a tradição.

Onde um cabelo da barba
Ainda é documento,
Onde um certo povo faz
Comunhão por pensamento.
Em muito canto inda vê-se
Em meu longínquo torrão
Aplicação do bom senso
Pelas leis do coração.

Pra um sujeito transviado
Curvar-se às coisas banais,
Fora dos ensinamentos
Da escola de seus pais,
Seguir falsos modernismos,
Formando uma inovação,
Abandonar seu princípio
E não ligar pra formação.

Fico como sempre fui:
Cantando a mulher rendeira,
Vivendo o carro de boi,
E o ronco da bulandeira,
Engrenagem manual,
Velha indústria do algodão
Falada por Zé da Luz
E o vate do Maranhão.

QUERO REVER MEU NORDESTE

Quero rever
O meu querido Nordeste,
Onde tudo se reveste
D'uma alegria sem par;
O povo vibrando
E o forró tomando conta,
Deixando, de ponta a ponta,
Todo chão do meu lugar.

Quero passar
No Estado da Bahia
Pra sentir a simpatia
Que mandei fazer, por lá...
Pra ver se alguém
Ainda gosta de mim.
Lá, em Senhor do Bonfim,
Quero rever Mariá.

Eu quero ver Marieta
Dançar, numa perna só;
Rodar como carrapeta,
Nesse meu forrobodó.

Quero passar
No Estado da Bahia...

Eu quero ver Marieta
Rodar, numa pena só...

Do Piauí,
Eu vou até o Maranhão,
Que deixei meu coração
Em São José do Ribamar;
No Ceará,
Quero ver Zé de Manú,
Que é o maior forrozeiro,
Do Crato, pro Iguatu.

Do Juazeiro,
Volto pro meu Pernambuco
Que estou quase maluco
Pra rever meu Pajeú;
De lá, eu venho
Visitar o meu xodó,
Da cidade de Sertânia,
Princesa do Moxotó.

Meu Recanto Beija-flor,
Minha Lagoa de Baixo,
Que divide com a nascente
Das águas do meu riacho.

Quero rever
O meu querido Nordeste...

BOCA DE CAIEIRA

Na prata da Paraíba,
O forró começa cedo;
O miolo do folguedo
É de nove pras dez.
Lá, nesse dia,
Brinca toda vizinhança,
Todo mundo se balança,
Todo mundo arrasta os pés.

Todo mundo se balança, (...)

Martim Pelado discípulo de Zé Durão,
Com o seu fole na mão,
Tocando uma gemedeira,
Mordendo a língua,
Fungando e genitiando,
E o forró vai esquentando
Que só boca de caieira.

Vicente Amaro, quando tá atordoado,
Não dá pato por reimoso
Nem peru por carregado.
Se o caboco cortar certo
Com nossa rapaziada,
Lá não se mede distância,
Quando o cabra é camarada.

Lá não se mede distância, (...)

De meia noite pras quatro da madrugada,
A turma toda tá sambada
De dançar a noite inteira.
Quando é de manhãzinha,
Que o forró vai se acabando,
Tem caboco cochilando
Que só gato na biqueira.

Quando é de manhãzinha, (...)

EU E MEU FOLE

A tradição desse meu fole velho
É conservada na alma do povo.
Partimos juntos das nossas raízes,
Para as fronteiras de um mundo novo.

Eu e meu fole pela vida afora
Atravessamos duas gerações.
Nas alegrias que sentimos juntos,
Somos parceiros nas recordações.

Eita, fole velho! Meu presente, meu passado,
Carregamos juntos nesse teu resfolegado!

Este meu fole que é sempre motivo,
Retrato vivo lá do meu sertão.
Das cavalhadas e das vaquejadas
Festa de ano, noite de São João,
Das belas coisas dos tempos de hoje
E de outros dias que bem longe vão.

O fole é vida desse cantador
E pro lugar que eu for,
Meu fole vai.
Essa puxada que eu faço nele,
Lembro as pegadas do meu velho pai.

Eita, fole velho! Meu presente, meu passado,
Carregamos juntos nesse teu resfolegado!

RAIAR DE UM NOVO DIA (Arrastapé)

Vamos, moreninha,
Esquecer o que passou!
Alegria vem chegando
E o ruim se acabou.
Vai raiar um novo dia,
O melhor virá depois.
Vejo o presente apontando
O futuro de nós dois.

A tristeza que eu sentia
Logo desapareceu.
Com você juntinho a mim,
Seu corpo colado ao meu.
Você veio matar a dor,
De quem tanto viveu só
E o momento é só pra nós,
Hoje, aqui, neste forró.

Zé Marcolino:

“Essa canção foi feita inspirada na crença do sertanejo do Nordeste, que envolve a experiência no inverno”.

MINHA CRENÇA

A andorinha tá voando baixo...
Vai chover no alto,
Descer água no riacho.
E, na baixada, essa noite eu vi,
Eu vi um boi-tatá acendendo o facho.

E, na baixada, essa noite eu vi...

À madrugada, o salta-caminho
Tava vexadinho, rompendo a alvorada
E o carreiro do céu reluzia,
Tudo isso eu via pela madrugada;
Também cantou o xexéu no poleiro,
Um juazeiro, para alimentar
A esperança do sertanejo
De ver seu desejo se realizar.

Conforme o próprio Marcolino: 'Passando por certa rua da cidade em que moro há nove anos, que é Serra Talhada, Princesa do Pajeú, vi uma pobre senhora se realizar ao apanhar um par de chinelos numa lata de lixo. Eu, como gosto das coisas desprezadas, dediquei esta canção à lata de lixo, ela que é pouco enxergada pelo povo, mas é muito melhor do que muita coisa que se faz de importante...'

A LATA DE LIXO

Caixa de guardar desprezo,
Resto insignificante.
As sobras de quem está farto,
Mas eu quero ir mais adiante
Pelo que nela encontrei:
Uns objetos singelos,
Um parzinho de chinelos
Desbotados, amarelos
Pelo frio, pelo calor.

Também juntei de pouquinho
Pedacos de um bilhete
De um romance de amor;
As folhas de um livro velho,
Parte de um evangelho,
Que me ensinou a lição
De confiar mais em Deus,
De estender o braço aos meus
E quem precisar dar perdão.

Naquele momento eu via
Coisa que ainda servia,
Que alguém jogou por capricho...
Dos papéis, revendo as dobras,
Aí me servi das sobras
Que achei na lata de lixo.
Dos papéis, revendo as dobras,
Aí me servi das sobras
Que achei na lata de lixo.

AMOR DIVINO

Ô! Moreninha, como é diferente
Da humanidade, esse amor da gente!

Ô! Moreninha, como é diferente (...)

Ele nasceu com um jogo de olhar
E um paladar de coisa divina;
O meu desejo com o seu se juntou,
Você me amarrou, minha deusa menina!
Tô satisfeito com o que aconteceu:
Meu amor no seu, existe um porquê...
Você é tudo, é minha devoção,
No meu coração só tem eu e você.

Você é tudo, é minha devoção (...)

O nosso amor tem romper de aurora,
Tem cheiro da flora do nosso sertão;
Você é minha jóia preciosa,
Você cheira a rosa de manjeriço,
Você é tudo, minha terra amada,
Não quero mais nada pro meu coração.

Você é tudo, minha terra amada (...)

SALÃO DE BARRO BATIDO

Rapaziada,
O que é que tem neste forró,
Que a gente não tem vontade de parar?
Esse pagode deixa o cabra enfurecido;
Salão de barro batido é bom de forrofiar.

Rapaziada...

Por lá, a moçada sapateia, minha gente!
Vamos pra frente, deixa a marcha acelerar...
Pra farrear, quando quero me decidir,
Dou um boi pra não entrar
E dou quatro pra não sair.

Nesse pagode, vou até o sol raiar.
A noite inteira, esse côro é repetido:
Salão de barro batido é bom de forrofiar.

Tudo se anima, vai agitando o folguedo;
Sanfoneiro bom de dedo, fazendo o fole falar
Com o remelexo do teclado, a baixaria
Transmitindo uma energia do cabelo arrepiar.

Rapaziada...

MÚSICAS DO LP SALA DE REBOCO



Capa do LP de Zé Marcolino
(Acervo da família do poeta)

Músicas do LP Sala de Reboco

As letras das músicas a seguir fazem parte do único LP gravado por Zé Marcolino, produzido pelo Quinteto Violado, no ano de 1983, com o título: **Sala de Reboco**.

Zé Marcolino, explicando o significado da letra da célebre *Sala de Reboco*, imortalizada na voz do *Rei Lua*, durante sua apresentação no Som Brasil, em 1985, apresentado pelo poeta, ator e cantor Rolando Boldrin:

“Num dia de reboco de casa no sertão do Nordeste, é o dia da grande festa, da grande reunião. Há dois tipos de reboco: O de barro sacudido e aquele que o sujeito passa a colher de pedreiro pra ficar bem lisinha. Essa é a casa do sertanejo mais caprichoso. E então, o pai de família, também caprichoso, só leva sua filha pra um lugar desses, pra se divertir e gozar do momento mais significativo. Então, pra lá me dirigi, para encontrar-me com a mulher amada, que esse pai de família era tão exigente, que quem quisesse ver uma de suas filhas, tinha que ser na igreja, dia de missa, ou num reboco de casa. Pra lá me dirigi... eu não sei por que a dança dá tanta liberdade. Na rua, nem sequer a gente podia pegar na mão, mas deixava dançar. Era a hora da maior aproximação. Peguei na cintura, saí cortando o chão pelo pé com ela. E lá pras tantas, chamei-a pra perto e disse: Ô minha fia, você gosta de mim? Ela disse: Cuidado, que os meninos vêm aí! Os irmãos vinham dançando encostados, pra vigiá-la. Nessa advertência, tangi pra lá, me distanciei e mais adiante chamei-a de novo pra perto. E aqui eu disse no ouvido: Ô minha fia, quando é que a gente se vê de novo? Ela

disse: só sábado. Esperar que viesse oito dias pro reencontro com a mulher amada! E nessa conversa de esperança, a noite passou depressa demais. Lá vinha a madrugada, a barra quebrando, o sol saindo, acabou-se a festa. Saí com o tom da sanfona no ouvido e a cor do vestido na lembrança. E foi a grande motivação do xote que fiz. Luiz Gonzaga, o *Rei do baião* gravou, *Quinteto Violado* e agora com eles aqui me acompanhando e também no disco que fiz”.

SALA DE REBOCO (Xote, 1962)
(parceria com Luiz Gonzaga)

Todo tempo quanto houver
Pra mim é pouco,
Pra dançar com meu benzinho
Numa sala de reboco.

Todo tempo quanto houver (...)

Enquanto o fole tá fungando e tá gemendo,
Vou dançando e vou dizendo
Meu sofrer pra ela é só.
E ninguém nota que eu tô lhe conversando;
Nosso amor vai aumentando,
Pra que coisa mais mió?

Todo tempo quanto houver (...)

Só fico triste quando o dia amanhece
Ai! Meu Deus! Se eu pudesse
Acabar a separação
Pra nós viver igual a dois sanguessuga
Nosso amor pede mais fuga
Do que essa que nos dão.

Todo tempo quanto houver (...)

Todo tempo quanto houver (...)

MORENA FEITICEIRA (baião, 1978)
(parceria com Maria Rita)

Balança o corpo
Moreninha feiticeira!
Deixa água na boca
Dessa cabroeira!
No teu gingado
A moçada fica louca.
Todo mundo fica
De água na boca.

Balança o corpo (...)

O sanfoneiro parou;
Tá de queixo mole.
Quase que desmaia
Por cima do fole.
Esse feitiço
Do teu corpo me envenena.
Não tem quem escape
Do teu gingado, morena!

Balança o corpo (...)

SANTO FINGIDO

Você matou minha fé,
Não quis matar minha sede.
O Santo que não me ajuda
Pode cair da parede...

Pensei que a nossa amizade
Durasse pra toda vida
E não foi correspondida
A minha boa vontade.
Você com sua maldade,
Um futuro destruiu.
Feriu quem não lhe feriu,
Sem razão, não sei por que.
Tudo que fiz por você,
Você não retribuiu.

Uma frase muito rica
Usava um meu parente:
“Quem não olha para a frente
Tropeça e atrás se fica”.
Hoje, você me critica
E me procura, mas não vá,
Que eu também não vou lá,
Devido ao que aconteceu.
Pegue o seu, dê cá o meu
E fique lá que eu fico cá.

Pegue o seu, dê cá o meu...

Você matou minha fé...

FLOR DE CUMARÚ (xote, 1970)
(PAIXÃO DE CABOCO)

Ô caboquinha,
Esse cheiro é mesmo teu;
É coisa que Deus te deu;
Não é cheiro comprado não.
Foi um capricho
De ordem da natureza
Que fez tua boniteza
E despertou tua feição.

Ô caboquinha, (...)

Tua bagagem
Deixa o homem em reboição.
Esse teu denço, teu feitiço,
Não tem coisa mais mió.
Tem o mistério da fulô de Cumarú
O cheiro que vem de tu,
Da força do teu suó.

Morena doida,
Me diz se és de fãmia,
Que possui essa armãdia
Nesse coipo de muié!

Que tu já tem
Um caqueado, andar sereno,
Confiada no veneno,
Que nem cobra cascavé.

Marcolino falando sobre a música “*Rainha do Moxotó*”:

“Eu não gosto de fazer duplo sentido com a música, não. Porque a coisa que mais admiro no mundo é uma mulher. Pra mim foi a coisa mais bonita que Deus deixou no mundo. Então, eu gosto de dar meus elogios com essa maldade que nós homens temos, que a gente prende pelos freios da personalidade. Mas que todo homem, quando vê uma mulher passar, ele fica satisfeito, fica feliz.

Então eu gosto de falar dessa maldade nas minhas músicas, com zelo, com amor. No forró “*Rainha do Moxotó*” eu misturo a jogada com o Pajeú. Ele nasceu no Vale. Eu divido, eu misturo: ela nasceu no Moxotó com o Pajeú; ela nasceu no Vale do Pajeú. A cabocla está crescendo todo dia, e o caboclo eu falo com a linguagem dele, porque ele diz as coisas que conhece... Então, a melancia, em época de lua cheia, a gente vem à tarde, nota que ela tá dum tamanho; amanhã de manhã, nota que ela já cresceu, não é? Aí, o caboclo compara que a morena tá crescendo todo dia...”

RAINHA DO MOXOTÓ (baião)

Esta morena,
Todo mundo lhe rodeia
E a todos faz ameaça
No lugar que ela passeia
Seu corpo virgem,
Que a todo mundo arrepiã,
Cresce que só melancia
Em tempo de lua cheia!

Eita caboca trigueira,
Ponto final de um xodó,
Morena pajeuzeira,
Rainha do Moxotó!

Eita caboca trigueira...

Quando ela dança
Chama a todos, atenção
Quando ela pisa no chão;
Quando o seu corpo balança.
Repare bem
Pro andar dessa donzela,
Que até a passada dela
Já tá no jeito da dança.
Eita caboca trigueira (...)

Eita caboca trigueira (...)

Seu corpo cheira
A cera de manduri,
Tem ancas de tanajura,
Titela de juriti;
Pisa macio,
Tem a passada da ema,
É o mais rico poema
Pra alma de um cantador.

Essa caboca
Do riacho do Navio
Foi feita por desafio
Pra matar gente de amor.

Eita caboca trigueira,
Ponto final de um xodó,
Morena pajeuzeira,
Rainha do Moxotó!

Eita caboca trigueira (...)

BAIANA CHEIROSA A COCO

Baianazinha cheirosinha a coco,
Acalenta um pouco este cantador,
Que tu serás a minha preferida
E eu darei a vida pelo teu amor!

Baianazinha cheirosinha a coco (...)

Toma de conta destes meu carinhos,
Limpa meus caminhos, dá-me o teu calor!
Quero, contudo, tua recompensa,
Quero tua crença, teu perfumador!

Quero, contudo, tua recompensa (...)

EU E ELA NA FOGUEIRA

Depressa, Rosa, vamos pra fogueira!
Vai, na carreira, buscar a bacia,
Pra jogar dentro os dois carvãozinhos,
Que eles juntinhos no traz alegria!

São João não deixa eles mergulharem
E se nadarem, que satisfação!
É a certeza do amor seguro,
Do nosso futuro, da nossa união.

É a certeza do amor seguro (...)

Daí rezemos, meu amor, rezemos
Ajoelhados você e eu,
Em recompensa da nossa amizade,
Da felicidade que São João nos deu!

Daí rezemos, meu amor, rezemos (...)

PÁSSARO FURA-BARREIRA (baião registrado em 1970)
(parceria de Deco)

Vi um sinal
Que me animou, tive alegria:
Fura-barreira cantando
No pino do meio-dia.

Vi um sinal (...)

Quando ele canta
Na hora do sol bem quente,
O povo fica contente,
Recomeça a internada.
Se o bando dele
Cantar no mês de setembro,
De outubro pra novembro
Espero por trovada.

Vi um sinal (...) bis

Tanta ciência
Num pequeno passarinho,
No chão fabricar seu ninho
Com uma braça de fundura!
Se ele fizer
Pela distância da corrente,
É a medida da enchente
E nosso inverno tem fartura.

Vi um sinal (...) bis

Ele se senta
Na cabeça d'uma estaca
E afina como uma faca
Com medo da balieira.
Faz a tapia
Pro menino renitente,
É um profeta inteligente
O pássaro fura-barreira.

COCO PARAIBANO

Nesse coco tem fofoca, menina.
Nesse coco tem banzé, menina.
Não é coco alagoano,
É coco paraibano;
Esse coco é de Sumé.

Nesse coco tem fofoca, menina (...)

Olha, esse coco é um coco diferente;
Coco rebatido e quente,
Tem força de um cafuné
Olha, esse coco é bem repinicadinho
É coco pequenininho,
É um coco catolé.

Nesse coco tem fofoca, menina (...)

Pegue esse coco, que esse coco vem do Norte;
É pequeno, mas é forte
Que só dente de punaré
Olha, esse coco tem tanta velocidade
E até eletricidade
Que nem peixe 'puraqué'.

Nesse coco tem fofoca, menina (...)

Quem entra nele, não pode ficar parado,
Que o povo que tá sentado,
Se agita e fica de pé;
Entra no meio e vai até de madrugada,
Fica a roupa enxovalhada,
Que só pena de guiné.

PÁSSARO CARÃO (baião, 1959).
(parceria de Luiz Gonzaga)

Pássaro carão cantou,
Anum chorou também,
A chuva vem cair no meu sertão.
Vi um sinal, meu bem,
Que me animou também:
Ainda ontem, eu vi
Pólvora no chão.

É bom inverno que dá;
É chuva cedo que vem;
E o nosso plano de além
É de casar.
Se Deus quiser, agora
Faço um ranchinho,
Pra nós juntinho,
Meu bem, nele morar.

LOUVAÇÃO AO INVERNO (baião, 1976)

Baixei a cabeça e fiz
No joelho, esse baião.
Trouxe pra perto de mim
A grande satisfação
Que sinto alegrar meu povo,
Ao sair da solidão,
Na pegada do inverno
Que Deus mandou pra o sertão.

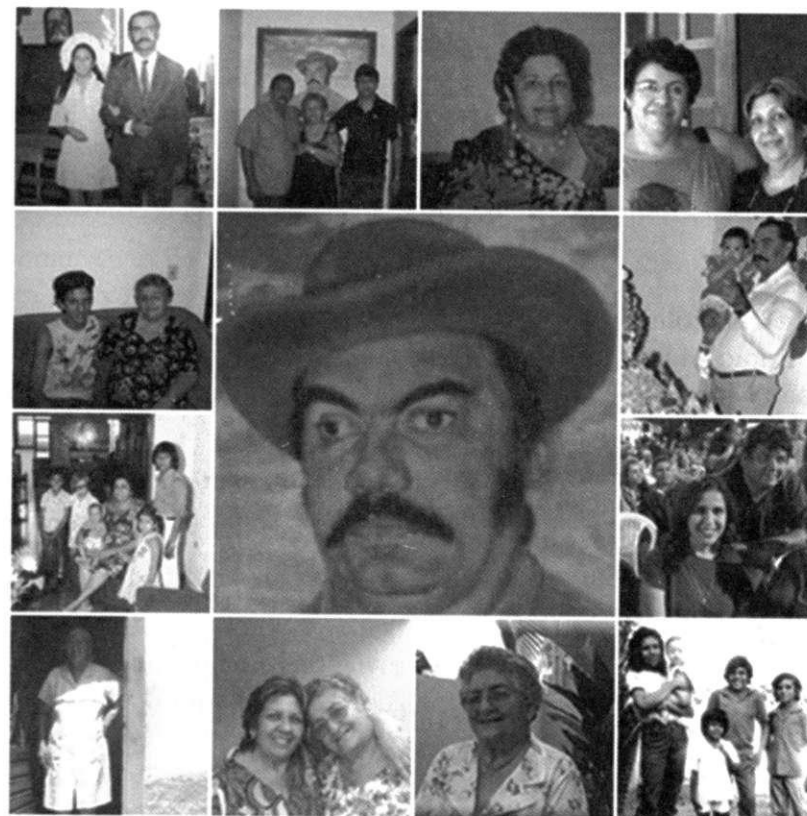
Na pegada do inverno
Que Deus mandou pra o sertão.

Hoje, a serra cachimbandando,
O sapo grita: aleluia!
No oco da imburana,
Vexada, a rã rapa cuia.

Uma torre de chapéu
Se ajeitando no nascente;
A natureza sorrindo
E fazendo graça pra gente.

Uma torre de chapéu (...)

FAMILIARES DO POETA



Zé Marcolino em família

Familiares do Poeta Zé Marcolino

Pais:

- *Pedro Marcolino Alves Maciel, 1883.
- *Francisca Gomes de Melo, 1887.

Irmãos:

- *José Marcolino
- *Antonio Marcolino
- *João Marcolino
- *Manoel Marcolino
- *Salomão Marcolino.
- *Jacinta Alves Maciel
- *Luíza Alves Marcolino
- *Adelina Alves Marcolino
- *Maria Alves Marcolino.

Esposa:

Maria do Carmo Alves - 04/11/1931

Filhos:

- *Maria de Fátima Alves da Silva - 03/02/1952
- *José Anastácio Alves - 26/12/1955
- *Maria Lúcia Alves de Lima - 26/10/1958
- *José Ubirajara Alves -14/06/1959
- *José Walter Alves 28/05/1960
- *José Paulo Alves - 06/08/1961
- *José Itagibá Alves -1 4/01/1969

Netos:

Filhos de Fátima:

- *Tibério Alves da Silva - 14/04/1973
- *Tarcísio Fulgêncio A. da Silva - 22/04/1975
- *Taíza Maria Alves da Silva - 27/01/1978
- *Tairone César Alves da Silva - 23/06/1980

Filhos de Anastácio:

- *Igor Torres de Carvalho Alves - 15/12/1989
- *Hugo Torres de Carvalho Alves - 24/11/1991
- *Isaac Torres de Carvalho Alves - 05/06/1994

Filhos de Lúcia:

- *Itamar Alves da Cruz - 16/06/1977
- *Iara Lucy Alves Eliodoro - 21/05/1981
- *José Leonardo A. de Lima - 21/07/1985

Filhos de Bira:

- *Cármem Izabela Alves dos Santos - 22/03/1997
- *Ana Gabriela A. dos Santos - 08/03/2007

Filhos de Walter:

- *Rafaela Eliodoro de Melo Alves - 23/07/1986
- *José Walter Júnior E. de Melo Alves - 25/06/1990

Filhos de Itagibá:

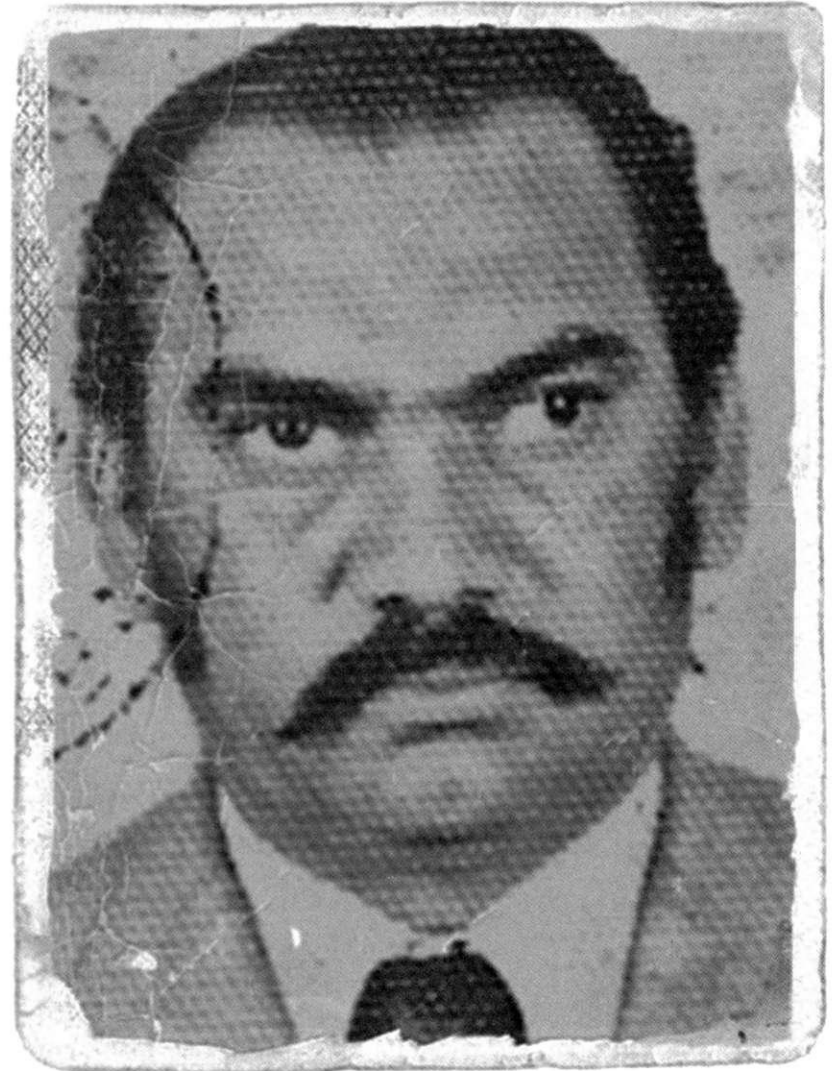
- *José Marcolino Alves Neto - 02/06/1992
- *João Marcos de Lima Brito Alves - 15 /05/1994
- *João Victor de Lima Brito Alves - 15/05/de 1994

Bisnetas (filhas de Itamar):

- *Nayara Daisy Barbosa Alves- 29/06/1998
- *Itanna Lúcia Sena Alves - 29/06/2004

ACERVO DA FAMÍLIA

ICONOGRAFIA





Da esquerda à direita: Fátima, Lúcia, Anastácio, Bira e Walter Marcolino.
Ao centro: Zé Marcolino e D. Maria do Carmo com Zé Paulo no colo.



D. Maria do Carmo aos 44 anos



Da esquerda à direita: Zé Paulo, Lúcia, Walter, Fátima, Bira, Anastácio, Itagibá, D. Maria do Carmo e Zé Marcolino.



D. Maria do Carmo em Serra Talhada/PE.



Fátima Marcolino e D. Maria do Carmo.



Esposa e filhos de Zé Marcolino. Da esquerda à direita: Itagibá, Fátima, Bira, Anas-tácio, Dona Maria do Carmo, Zé Paulo, Walter e Lúcia.

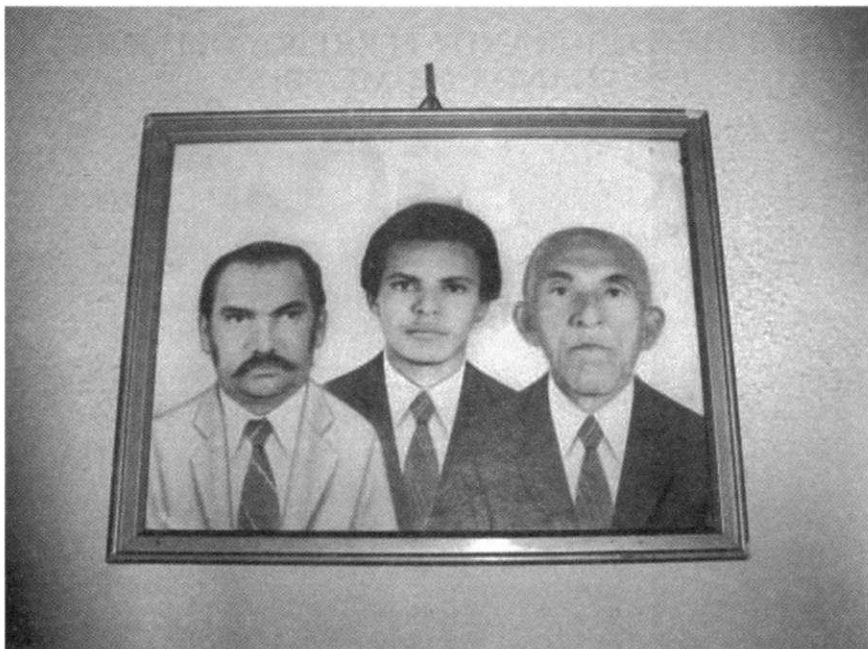
ACERVO DE JURANDY FERREIRA OLIVEIRA, DANDA - SUMÉ/PB:



Pertences de Zé Marcolino.



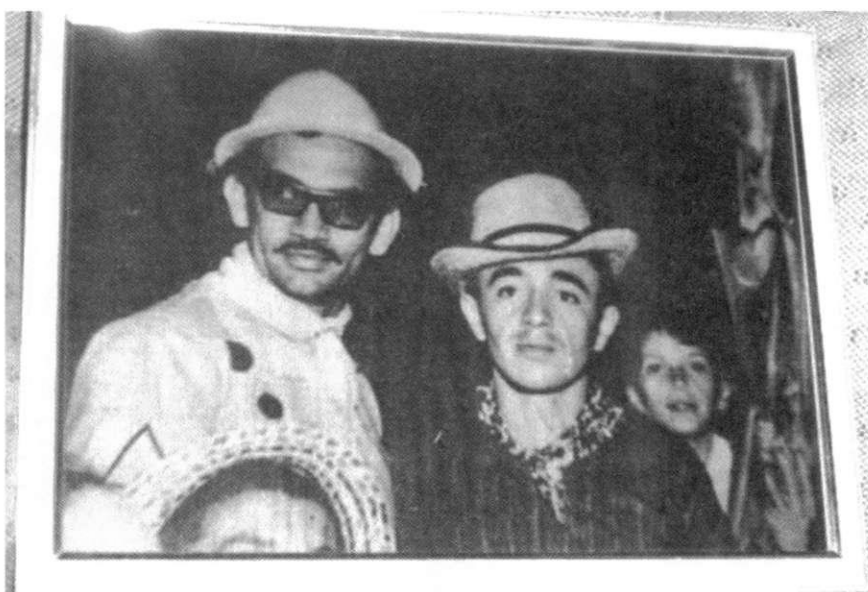
Zé Marcolino com o zabumbeiro Aderaldo e o sanfoneiro Adanel em Sumé/PB.



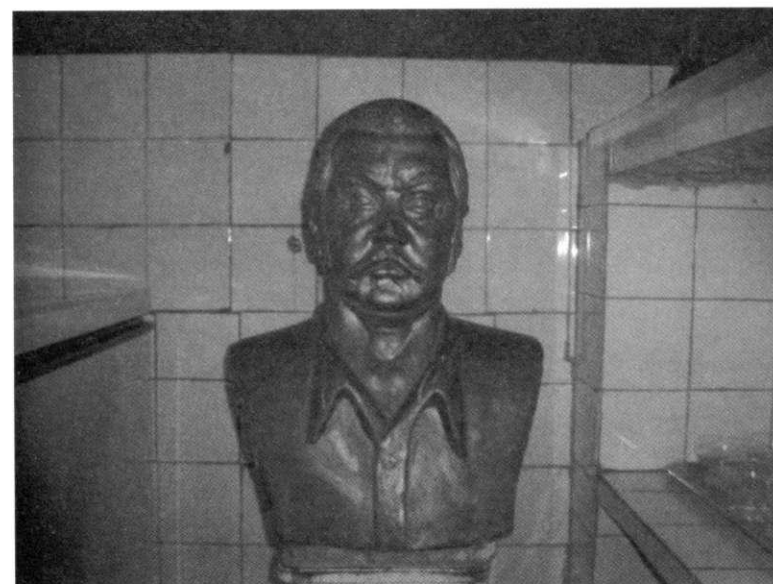
Quadro com Zé Marcolino, Danda e o puxador de fole Júlio Preto em Sumé/PB.



Zé Marcolino, aos 22 anos, e amigos durante festa na cidade de Sumé/PB.



Zé Marcolino e amigo – Sumé/PB.



Busto (Sumé/PB).

ACERVO DE MARCOS PASSOS



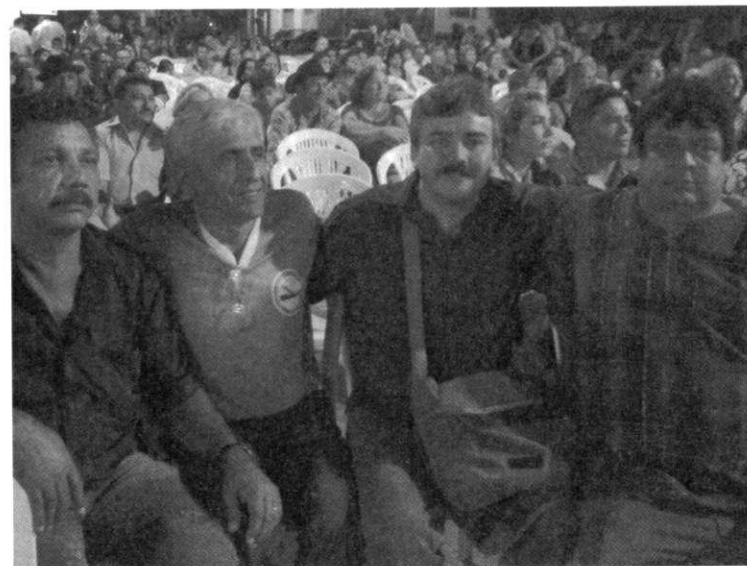
Luiz Gonzaga em show – I Missa do Poeta, Serra Talhada – PE.



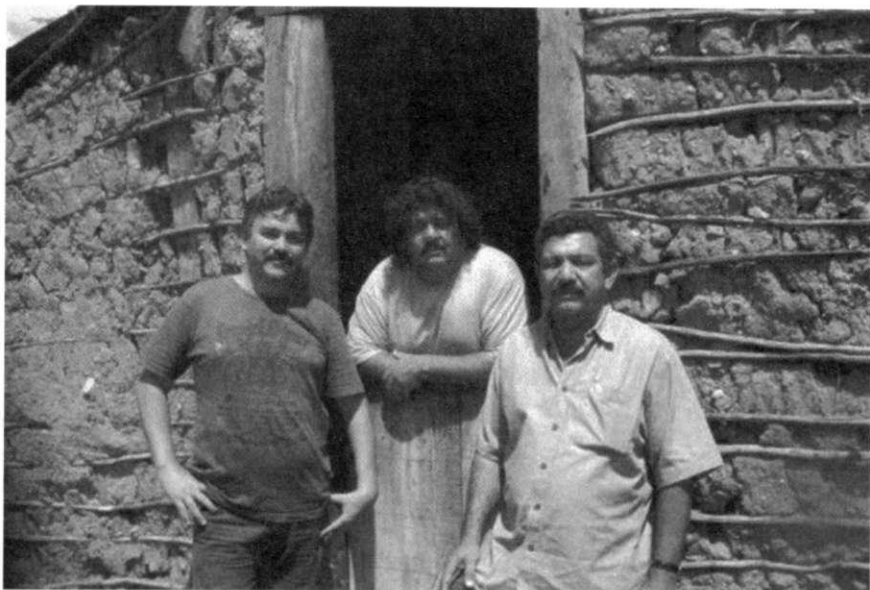
D. Maria do Carmo e Luizinho Sanfoneiro.



D. Maria do Carmo na sua residência em Serra Talhada – PE.



Bira Marcolino, Dedé Monteiro, Marcos Passos, Walter Marcolino -
XX Missa do Poeta - Tabira/PE



Marcos Passos, Walter e Bira Marcolino na cidade de Serra Talhada – PE.

Este livro foi composto em Sabon LT Std, corpo 11,5/14,
o papel utilizado para o miolo é o Offset 70g/m² e para a
capa é o Cartão Triplex 250g/m².

Impresso na Companhia Editora de Pernambuco